



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS  
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA

**LEIDIANE CARNEIRO RIOS**

**O GÊNERO DEBATE DELIBERATIVO COMO FERRAMENTA PARA O  
APRIMORAMENTO DO DISCURSO ORAL PÚBLICO FORMAL DE UMA TURMA  
DO 7º ANO NUMA ESCOLA PÚBLICA DO PARÁ**

Araguaína (TO)  
2020

**LEIDIANE CARNEIRO RIOS**

**O GÊNERO DEBATE DELIBERATIVO COMO FERRAMENTA PARA O  
APRIMORAMENTO DO DISCURSO ORAL PÚBLICO FORMAL DE UMA TURMA  
DO 7º ANO NUMA ESCOLA PÚBLICA DO PARÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Federal do Tocantins (UFT), para a obtenção do título de mestra em Letras, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Janete Silva dos Santos.

Araguaína (TO)  
2020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

R586g Rios, Leidiane Carneiro.

O gênero Debate Deliberativo como ferramenta para o aprimoramento do discurso oral público formal de uma turma do 7º ano numa escola pública do Pará. / Leidiane Carneiro Rios. – Araguaína, TO, 2022.

140 f.

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) Profissional em Letras Ensino de Língua e Literatura, 2022.

Orientadora : Janete Silva dos Santos

1. Oralidade. 2. Debate deliberativo. 3. Gênero textual. 4. Educação. I. Título

**CDD 469**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

**LEIDIANE CARNEIRO RIOS**

**O GÊNERO DEBATE DELIBERATIVO COMO FERRAMENTA PARA O  
APRIMORAMENTO DO DISCURSO ORAL PÚBLICO FORMAL DE UMA TURMA  
DO 7º ANO NUMA ESCOLA PÚBLICA DO PARÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de  
Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS,  
da Universidade Federal do Tocantins (UFT), para  
a obtenção do título de mestra em Letras, sob  
orientação da Profª. Dra. Janete Silva dos Santos.

Data de Aprovação 16/12/2020

Banca examinadora:



---

Profª Drª Janete Silva dos Santos – Orientadora – UFT

p/ 

---

Profª Drª Vilma Nunes da Silva Fonseca – Examinadora – UFT

p/ 

---

Profª Drª Márcia Suany Dias Cavalcante – Examinadora – UEMASUL

p/ 

---

Profª Dra. Lúcia Maria de Assis – Examinadora – UFF

Aos meus pais, por sempre serem os meus maiores incentivadores e por acreditarem sempre no meu potencial, até mesmo quando nem eu acreditava. Em especial ao meu pai (in memoriam) que não chegou a presenciar essa minha conquista, contudo sempre me incentivou a progredir nos estudos. Posso imaginar o quanto estaria feliz. A todos os meus professores que fizeram parte da minha trajetória escolar e acadêmica, por compartilharem seus saberes, contribuindo assim para minha formação profissional e pessoal.

## AGRADECIMENTOS

A Deus por Ele ter me dado a oportunidade de cursar este mestrado e ter sido a minha força espiritual nos momentos em que parecia que eu não iria conseguir.

À minha família pelas palavras de ânimo e incentivo. Ao meu pai (*in memoriam*) por ter sido um dos meus maiores incentivadores a progredir nos estudos. À minha mãe pelas suas orações que foram fundamentais para que eu não desistisse. Aos meus tios Nicanor e Luciene por me receberem em sua casa sempre com muito carinho nos períodos em que eu precisava ficar em Araguaína.

Aos meus amigos e colegas de trabalho que sempre tiveram uma palavra de estímulo me fazendo acreditar que eu iria conseguir.

Aos meus queridos alunos da turma do 7º ano que participaram da pesquisa. Vocês me ensinaram tanto.

À minha colega que se tornou amiga Juliana por ter me estendido a mão e me ajudado em um momento muito crítico durante a escrita desta dissertação. À minha colega e amiga Andressa pelas palavras de incentivo.

Às minhas colegas da turma do Mestrado Profissional em Letras (Profletras) pela amizade e palavras de estímulo.

À Alexandra Bezerra de Sousa, secretária do Profletras/ UFT do câmpus de Araguaína pela eficiência, cordialidade e gentileza.

À minha querida orientadora, Janete Silva dos Santos, pela competência e dedicação à orientação, paciência e incentivo durante a escrita, mas, principalmente por ter um coração gigante e humilde que fizeram com que eu me sentisse à vontade para compartilhar meus medos e anseios nos momentos de crise.

Ao professor João de Deus Leite pelas ricas contribuições durante a qualificação de dissertação.

Às professoras Vilma Nunes da Silva dos Fonseca, Márcia Suany Dias Cavalcante e Lúcia Maria de Assis por terem contribuído significativamente durante a qualificação da dissertação e por aceitarem fazer parte da banca de defesa.

A todos os professores do Mestrado Profissional em Letras (Profletras) da Universidade Federal do Tocantins (UFT) do câmpus de Araguaína. Obrigada!



*A palavra é meu domínio sobre o mundo.*  
(Clarice Lispector)

## RESUMO

O presente trabalho discute e analisa como o gênero oral *debate deliberativo* contribui para o aprimoramento oral formal de uma turma do 7º ano numa escola pública de São Geraldo do Araguaia (PA), levando em conta aspectos da oralidade como a linguagem utilizada, o tom de voz, a postura corporal, gestos e expressão facial, assim como aspectos relacionados ao gênero debate deliberativo. Para isso, elaboramos uma sequência didática envolvendo o gênero mencionado tendo como método o modelo de sequência didática proposta pelos autores Schneuwly, Dolz e Noverraz (2004) e no ensino da língua a partir de gêneros conforme a perspectiva de Marcuschi (2005). Pautei-me ainda nos estudos do gênero oral conforme os PCNLP (1998), a BNCC (2018) e Marcuschi (2001, 2007). Utilizei como aporte teórico o conceito de gênero de Bakhtin (1997), contudo priorizando a terminologia utilizada por Marcuschi (2005), que se apoia em Bakhtin, sendo, porém, a mais conhecida pelos professores da educação básica, pois o estudioso brasileiro faz distinção entre gênero textual e tipo textual. Como um estudo de abordagem qualitativa, foi utilizada uma pesquisa-ação pelo viés do interacionismo sociodiscursivo (BRONCKART, 1999). A pesquisa também visa a apresentar uma proposta de orientação para o professor voltada para o trabalho com gêneros orais nas aulas de Língua Portuguesa (LP). A sequência didática elaborada contemplou a apresentação da situação que envolve o gênero foco do estudo, algumas oficinas a respeito do gênero e o momento da produção inicial. A sequência contemplou ainda quatro módulos: o primeiro objetivou a autoavaliação da produção inicial; o segundo propôs uma oficina sobre alguns elementos não linguísticos da comunicação oral; o terceiro propôs a participação dos alunos numa discussão em grupo sobre o tema da produção final; e o quarto consistiu em possibilitar os alunos sistematizarem o que falariam na produção final. Para finalizarmos, os alunos produziram uma segunda versão do gênero, aplicando, na medida do possível, os conhecimentos adquiridos durante o processo da realização da sequência didática. A geração de dados foi feita através de gravação e filmagem das aulas foco do estudo e a análise consistiu em comparar a progressão dos alunos entre a produção inicial e a produção final. Os resultados alcançados mostraram alguns avanços quanto à produção do gênero, no que tange à linguagem apropriada ao contexto de interlocução, à utilização de recursos não linguísticos, como também à situação de comunicação em que o gênero debate deliberativo se faz necessário.

**Palavras-chave:** Oralidade. Debate deliberativo. Gênero textual.

## ABSTRACT

The present work discusses and analyzes how the oral debate contributes to the formal oral improvement of a 7th grade class in a public school in São Geraldo do Araguaia (Pará state), taking into account aspects of orality such as the language used, the tone of voice, body posture, gestures and facial expression, as well as aspects related to the oral debate. For that, we elaborated a didactic sequence involving the mentioned genre using as method the didactic sequence model proposed by the authors Schneuwly, Dolz and Noverraz (2004) and the teaching of a language from genres according to the perspective of Marcuschi (2005). We are also guided by studies of the oral genre according to the PCNLP (1998), the BNCC (2018) and Marcuschi (2001, 2007). We used Bakhtin's (1997) concept of genre as a theoretical contribution, however prioritizing the terminology used by Marcuschi (2005), which relies on Bakhtin, being, however, the best known one by basic education teachers, as Marcuschi distinguishes between text genre and text type. As a study of qualitative approach, an action research was used through the bias of sociodiscursive interactionism (BRONCKART, 1999). The research also aims to present a guidance proposal for teachers focused on working with oral genres in Portuguese Language classes. The elaborated didactic sequence included the presentation of the situation that involves the focused genre of this study, some workshops about the genre and the moment of the initial production. The sequence also included four modules: the first one aimed the self-assessment of the initial production; the second one proposed a workshop on some non-linguistic elements of oral communication; the third one proposed the participation of students in a group discussion on the theme of the final production; and the fourth consisted of enabling students to systematize what they would say in the final production. Finally, the students produced a second version of the genre, applying, as far as possible, the knowledge acquired during the process of carrying out the didactic sequence. The data generation was done through recording and filming of the classes and the analysis consisted of comparing the progression of the students between the initial production and the final production. The results achieved showed some advances in the production of the genre, with regard to the use of appropriate language to the context of communication, the use of non-linguistic resources, as well as the communication situation in which the oral debate is necessary.

**Keywords:** Orality. Oral debate. Text genre.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação básica das quatro fases da pesquisa-ação.....	26
Figura 2 - Mapa de representação do município de São Geraldo do Araguaia – Pará .....	27
Figura 3 - Mapa de representação da ocupação do solo da vila onde está localizada a escola.....	29
Figura 4 - Esquema da sequência didática .....	34
Figura 5 - Imagens relacionadas ao vídeo exibido na apresentação da situação .....	36
Figura 6 - Charge de Amanda Alves .....	38
Figura 7 - Resposta do A1 à questão 1 da interpretação da charge .....	39
Figura 8 - Resposta do A2 à questão 1 da interpretação da charge .....	39
Figura 9 - Resposta da A3 à questão 1 da interpretação da charge .....	40
Figura 10 - Resposta da A4 à questão 1 da interpretação da charge .....	40
Figura 11 - Resposta do A5 à questão 1 da interpretação da charge .....	40
Figura 12 - Resposta da A6 à questão 1 da interpretação da charge .....	40
Figura 13 - Resposta do A7 à questão 1 da interpretação da charge .....	40
Figura 14 - Slides a respeito de algumas especificidades do gênero debate deliberativo.....	50

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Alguns dados oficiais relevantes quanto à educação do município .....	28
Quadro 2 - Conversando sobre o texto .....	38
Quadro 3 - Texto e discussão .....	42
Quadro 4 - Regras do debate deliberativo - Produção inicial .....	53
Quadro 5 - Perguntas para o debate deliberativo – Produção inicial .....	54
Quadro 6 - Meios não linguísticos da comunicação oral .....	59
Quadro 7 - Ficha de autoavaliação .....	59
Quadro 8 - Representação do resultado da autoavaliação da turma quanto à produção do primeiro debate deliberativo .....	60
Quadro 9 - Perguntas para o segundo debate – Produção final .....	70
Quadro 10 - Objetos de conhecimento sugeridos na BNCC para serem trabalhados nas turmas do 6º ao 9º anos para a prática de produções orais .....	83
Quadro 11 - Objetos de conhecimento sugeridos na BNCC para serem trabalhados nas turmas do 6º e 7º anos para a prática de produções orais .....	84

## LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
ISD	Interacionismo Sociodiscursivo
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LP	Língua Portuguesa
MEC	Ministério da Educação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PCNLP	Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa
PDDE	Programa Dinheiro Direto na Escola
PPP	Projeto Político Pedagógico
SD	Sequência Didática
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
TDIC	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO: ANTECIPANDO PARTE DO CAMINHO TEÓRICO</b> .....	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>24</b>
<b>1 PERCURSO METODOLÓGICO: CONSTRUÇÃO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA E ANÁLISE DOS PRIMEIROS RECORTES</b> .....	<b>24</b>
<b>1.1 A pesquisa-ação qualitativa</b> .....	<b>24</b>
<b>1.2 Caracterização da escola</b> .....	<b>27</b>
<b>1.3 Caracterização da turma</b> .....	<b>32</b>
<b>1.4 A sequência didática</b> .....	<b>33</b>
1.4.1 Apresentação da situação .....	35
1.4.2 Ampliando repertório a respeito do assunto .....	37
1.4.3 Aprimorando a oralidade e conhecendo mais sobre o assunto do debate .....	42
1.4.4 Primeiro contato com o gênero debate deliberativo .....	46
1.4.5 Conhecendo algumas especificidades do gênero debate deliberativo .....	49
1.4.6 Elaborando coletivamente as regras do debate .....	52
<b>1.5 A produção inicial: o primeiro debate</b> .....	<b>54</b>
<b>1.6 Os módulos</b> .....	<b>57</b>
1.6.1 Avaliando o debate.....	58
1.6.2 Abordando aspectos linguísticos e não linguísticos relacionados à oralidade .	62
1.6.3 Discussão em grupo.....	64
1.6.4 Sistematizando os argumentos .....	67
<b>1.7 A produção final</b> .....	<b>68</b>
<b>1.8 Geração de dados</b> .....	<b>71</b>
<b>1.9 Caracterização dos procedimentos de tabulação dos dados</b> .....	<b>72</b>
<b>1.10 Caracterização dos procedimentos de análise e constituição do “corpus”</b> .....	<b>72</b>
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>74</b>

<b>2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS: CONCEPÇÕES SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E ENSINO DE GÊNEROS (ORAIS) .....</b>	<b>74</b>
<b>2.1 O ensino da língua portuguesa e os gêneros textuais .....</b>	<b>74</b>
2.1.1 A leitura na perspectiva bakhtiniana.....	77
<b>2.2 O lugar dos gêneros orais na sala de aula.....</b>	<b>78</b>
2.2.1 O interacionismo sociodiscursivo .....	81
<b>2.3 A oralidade na BNCC .....</b>	<b>82</b>
<b>2.4 O gênero debate deliberativo .....</b>	<b>87</b>
<b>CAPÍTULO 3.....</b>	<b>89</b>
<b>3 PROBLEMATIZANDO A PRODUÇÃO INICIAL E A PRODUÇÃO FINAL: ÚLTIMOS RECORTES .....</b>	<b>89</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>97</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>100</b>
<b>APÊNDICE A – PROPOSTA DIDÁTICO PEDAGÓGICA.....</b>	<b>102</b>
<b>APÊNDICE B – FICHAS DE AUTOAVALIAÇÃO DOS ALUNOS.....</b>	<b>115</b>
<b>APÊNDICE C – NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DE TEXTOS ORAIS .....</b>	<b>120</b>
<b>APÊNDICE 4 – TRANSCRIÇÕES DAS AULAS FOCO DA PESQUISA .....</b>	<b>121</b>



## **INTRODUÇÃO: ANTECIPANDO PARTE DO CAMINHO TEÓRICO**

Estudar foi algo que sempre gostei de fazer. Fui motivada pela busca do conhecimento logo cedo. Filha de professora e tendo minha mãe como grande referência, desde criança já possuía o anseio por aprender coisas novas. Sempre fui muito curiosa e “perguntadeira”.

Iniciei meus estudos numa escola da zona rural que fora construída dentro de uma pequena propriedade pertencente ao meu avô paterno no interior da Bahia. Durante o período em que estudei nessa escola, eu ia cursar minha série num turno e no outro eu continuava ali pelo meio da sala, já que minha casa era vizinha da escola. A professora não se incomodava pelo fato de eu ficar na sala no horário em que não era aluna matriculada e eu até acabava sendo sua assistente. Não sabia eu que o futuro me reservava exercer a profissão de professora. Estudei lá até a 1ª série do Fundamental I e precisei mudar para a cidade junto com minha família em busca de melhores condições de vida.

Procurei levar os estudos sempre muito a sério, pois percebi que esta seria a porta que me levaria a realizar meu sonho de cursar uma faculdade e ter a estabilidade de um emprego. Nunca dei trabalho à minha mãe em relação às notas na escola, contudo ela sempre ouvia uma reclamação: “É inteligente, mas conversa demais”.

Cursei todas as etapas da minha formação na educação básica em escolas públicas. Concluí o ensino médio (magistério) no ano de 2001, entretanto tive que adiar meu sonho de cursar o nível superior, visto que na cidade onde eu morava não tinha faculdades e meus pais não tinham condições financeiras que possibilitassem minha ida para outra cidade. Eu sabia que precisava passar numa universidade pública.

No ano de 2002, consegui emprego numa escola particular de minha cidade, já que, naquela época, era aceitável contratar professores que não possuíam licenciatura. Ainda nesse ano, como eu não queria ficar longe do convívio de algum ambiente que me possibilitasse continuar estudando, resolvi entrar em acordo com a diretora de uma escola particular para que eu pudesse assistir às aulas numa turma do 3º ano do ensino médio. Estudei dessa forma durante 1 ano.

Trabalhei 3 anos como professora. Em 2005, minha família mudou-se para o Pará e eu resolvi acompanhá-la. No entanto, nesse mesmo ano voltei à Bahia para

prestar vestibular para o curso de Letras na Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Fui aprovada, todavia acabei sendo acometida por uma crise de depressão e desisti de cursar.

Voltei para o Pará. Fui morar com meus pais numa vila que fica a 10 km de São Geraldo do Araguaia. Fui me restabelecendo aos poucos. No ano de 2007, prestei um concurso para uma vaga de professora de nível médio para a vila onde eu morava. Fui aprovada.

Em 2008, comecei a dar aulas para uma turma de 3ª série do ensino fundamental I. No ano seguinte, a diretora me convidou para lecionar aulas de Língua Portuguesa nessa escola, alegando que o município não possuía profissionais formados em Letras, logo teriam que escolher algum professor efetivo que tivesse, pelo menos, alguma habilidade e conhecimento dos conteúdos de Língua Portuguesa. Hesitei um pouco, mas aceitei. Foi um período muito desafiador, visto que eu não tinha nem preparação nem formação acadêmica que me possibilitassem ministrar as aulas como deveriam. Tive que me esforçar e estudar bastante. Comecei a pegar gosto pelo ensino de língua materna, contudo sentia-me incomodada por não possuir formação específica para a área.

No ano de 2012, por meio do Plano Nacional de Formação de Professores (PARFOR), programa destinado aos professores que não possuem formação em nenhuma licenciatura ou que atuam em uma área diferente da sua formação, fui selecionada para cursar Letras na Universidade Federal do Tocantins (UFT), no câmpus de Araguaína. Nunca me esqueci da sensação que tive no dia em que adentrei os portões da UFT para realizar minha matrícula. Eu estava tendo uma nova oportunidade de cursar a mesma licenciatura que um dia tive que abrir mão por não estar me sentindo bem psicologicamente.

Foram anos muito difíceis. As aulas eram nos meses de janeiro e julho. Desse modo, assim que ficava de férias da escola onde eu trabalhava, me deslocava para Araguaína para participar das aulas presenciais. No período em que ia para casa, tinha que enviar atividades mensais para complementar a carga horária exigida pela grade curricular do curso. Apesar das dificuldades enfrentadas por ter que conciliar o trabalho como professora e a realização das obrigações como aluna, eu estava extremamente encantada com o curso e com os aprendizados que estava adquirindo. Percebi mais claramente que a sala de aula era onde eu queria estar e desenvolvi mais gosto pela minha profissão.

No ano de 2017, eu estava concluindo a graduação, contudo meu anseio pelo conhecimento estava mais aflorado do que nunca.

Durante o período da graduação na UFT, sempre ouvia os professores mencionando a existência de cursos de mestrado e doutorado na instituição. Então comecei a sonhar em cursar um mestrado na UFT. Naquele ano fiz a inscrição para concorrer a uma das 14 vagas para a turma de 2018 do Profletras. Fui aprovada. Eu mal podia me conter tamanha era a minha felicidade.

O Profletras foi um divisor de águas na minha formação tanto profissional quanto pessoal. Fui privilegiada em poder compartilhar momentos de muito aprendizado numa turma composta por 14 mulheres. Além disso, pude contar com o compromisso e incentivo dos professores, fato que fez a jornada ser mais suportável. Adquiri conhecimentos acerca do ensino de Língua Portuguesa (LP) que já começaram a fazer muita diferença na minha prática.

Durante as aulas de algumas disciplinas do mestrado e no período de realização da pesquisa, pude refletir sobre a pouca importância que eu dava para o ensino de gêneros orais na sala de aula. Desse modo, embora reconheça que tenho muito a aprender sobre o ensino da oralidade, adquiri alguns conhecimentos e ferramentas que me possibilitarão abordar textos orais de forma sistemática em minhas aulas de LP.

O ensino de textos orais no Brasil foi desprezado pelas escolas por muito tempo, mesmo estando previsto na legislação brasileira há décadas. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNLP) já orientava que fosse dedicado tempo ao ensino do oral mais formal nas aulas de LP. Desse modo, o ensino da oralidade na escola não deveria ser visto como um conteúdo para ser abordado nas horas de folga ou como forma de distração e entretenimento para os alunos, mas de forma sistemática e como parte do currículo. Contudo, sabe-se que não foi o que ocorreu nas escolas brasileiras.

Considerando que o aluno já “sabe falar” e que não se deve perder tempo ensinando algo que ele já “domina”, a escola acabou priorizando a escrita em detrimento da oralidade. Além disso, como a maioria das pessoas fala e uma minoria consegue escrever utilizando um léxico que é mais prestigiado pelas classes elitistas, a modalidade escrita acabou sendo mais valorizada, visto que era privilégio de poucos.

Nas décadas de 80 e 90, começaram a surgir muitas publicações a respeito da importância do ensino da oralidade na sala de aula. Autores como Marcuschi (1996) e Ataliba Castilho (1998) trouxeram perspectivas inovadoras sobre o oral, contribuindo para a abertura de práticas orais na escola. Nessa mesma década, documentos oficiais como os PCNLP (1998), ratificaram também a necessidade da inserção de atividades voltadas para o oral nas aulas de LP, orientando que tanto a análise linguística quanto a escuta e a produção oral deveriam ser feitas a partir de material oral de ordem empírica e partir de situações reais de uso da língua.

Dos anos 2000 em diante, houve o aumento de pesquisas e publicações a respeito do oral. Autores como Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz (2004), Marcuschi (2001; 2005; 2007), Antunes (2003; 2009) e outros colaboradores tiveram grande influência na produção de mais pesquisas sobre a oralidade como objeto de ensino, agora não apenas defendendo o ensino, como também mostrando estratégias pedagógicas sobre como deveria ser feito.

Assim como em documentos oficiais anteriores, o mais novo, a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), orienta também que atividades voltadas para o oral sejam práticas constantes nas aulas de LP, tendo a oralidade como uma das quatro habilidades linguísticas (BNCC, 2018). Como ressalta o documento, ao abordar o oral mais formal na sala de aula, o professor possibilita meios para que os alunos aprendam a utilizar linguagens mais padronizadas e interajam em diferentes situações sociais, visto que não se pode reduzir a oralidade à fala cotidiana, informal nem às conversas do dia a dia.

Algumas mudanças positivas quanto ao ensino a partir dos gêneros orais são perceptíveis, como por exemplo, a presença cada vez mais notável nos livros didáticos de seções específicas destinadas à abordagem dessa modalidade da língua e maior número de publicações que orientam com atividades voltadas às práticas do professor. Ainda assim, há um consenso em relação ao ensino de gêneros orais, de que estes não têm tido o mesmo espaço na sala de aula quanto os gêneros escritos, como ressaltam Marcuschi (2007) e Carvalho e Ferrarezi Jr. (2018). No entanto, muitos esforços vêm sendo feitos para que a oralidade seja também priorizada no ambiente escolar e para que seja proporcionado aos alunos participar de situações de interação orais e formais do uso da língua.

Bem verdade que o aluno geralmente já sabe falar quando chega à escola. Então se o estudante já se comunica oralmente com seus semelhantes, por que se

faz necessário o ensino da oralidade? Que tipo de oral deve ser ensinado na escola?

Nesse sentido, considerando também que a linguagem é constitutiva do ser humano e é de suma importância para que se estabeleça a comunicação, o ensino de LP, por meio dos gêneros textuais<sup>1</sup> pode figurar como uma ferramenta indispensável em fornecer subsídios para que o estudante atue como autor, protagonista de sua história e seja capaz de utilizar os conhecimentos adquiridos nas aulas de LP para interagir em diferentes contextos nos quais está inserido. O ensino da LP, a partir de gêneros, é uma proposta teórica que vem sendo defendida por muitos autores, como Dolz e Schneuwly (2004), Marcuschi (2005) e também por diretrizes curriculares que norteiam o ensino, como os PCN (1998) e a BNCC (2018). A partir de orientações abordadas pelo aporte teórico utilizado nesta pesquisa, pautei-me no ensino de gênero pelo viés do interacionismo sociodiscursivo, teoria que, tendo Bakhtin como fonte de referência, tem Bronckart (1999) como o principal fundador e que propõe analisar um texto a partir do seu contexto de produção.

Expressar-se oralmente em situações diversas é inerente ao ser humano e já é uma prática comum desde o início do desenvolvimento linguístico verbal de uma criança, quando esta, por exemplo, engaja-se em conseguir algo que deseja e utiliza-se de recursos persuasivos com alguém que exerce autoridade sobre ela para assim obter o objeto pretendido, como afirma Koch (2017). Nessa perspectiva, saber expor suas ideias com clareza, defender seus argumentos e utilizar recursos linguísticos e extralinguísticos de acordo com a situação de interação são aptidões essenciais para a formação de cidadãos capazes de atuar ativamente na sociedade (BNCC, 2018).

Contudo o que se tem percebido é que boa parte dos alunos sai da escola com dificuldades para construir pontos de vista e defender seus argumentos de forma consistente. Além disso, não consegue com a frequência desejada, apropriar-se de recursos da oralidade mais formal de maneira que consiga interagir utilizando a linguagem adequada a cada contexto no qual está inserido nas diferentes esferas sociais (CARVALHO; FERRAREZI JR., 2018). A lacuna, nessa modalidade da

---

<sup>1</sup> A terminologia “gêneros discursivos” é utilizada por Bakhtin (1997). Nesta dissertação, nos apropriamos da terminologia “gêneros textuais”, adotada por Marcuschi (2005) por tratar-se do gênero na esfera escolar.

língua, pode estar relacionada diretamente à pouca ênfase dada aos gêneros orais nas aulas de LP, resumindo-se apenas em esporádicas apresentações orais mais informais (MARCUSCHI, 2005).

Além de levar em conta a pouca importância dada ao ensino dos gêneros orais, como já foi mencionado anteriormente, a escolha do gênero oral debate deliberativo neste trabalho deu-se ainda pela observação e pela identificação por parte da professora de LP da turma, que também é a pesquisadora desta dissertação, de que os alunos da turma escolhida também possuíam grandes dificuldades em tomar a palavra em público para expressar-se oralmente e para defender seus argumentos. A observação foi feita durante as aulas de LP em que era trabalhado o gênero argumentativo “discussão em grupo” sobre o tema “Bullying”. Embora seja um gênero que não exija regras rígidas para sua realização, foi observado que os alunos não respeitavam o turno de fala do outro, tornando a comunicação dificultosa. Também não conseguiam expressar-se com clareza, fazendo-se pouco entendidos pelos colegas, além de utilizarem linguagem não apropriada para a situação de interação, confirmando o que diz Schneuwly & Dolz (2004, p.83): “Muitos professores queixam-se [...] da dificuldade que grande parte dos alunos tem em participar, em tomar a palavra em público, em discutir problemas com os outros, em corroborar ou refutar um ponto de vista”.

A escolha do gênero deu-se ainda pelo fato de a professora refletir diante das dificuldades quanto ao oral apresentadas pelos alunos e constatar que não priorizava o trabalho com gêneros orais em suas aulas, o que já foi um ganho para a sua prática docente.

Desse modo, esta dissertação tem como objetivo geral investigar como o gênero debate deliberativo (público formal), um dos conteúdos delimitados para o 7º ano do ensino fundamental II no desenvolvimento da língua oral, pode contribuir para o aprimoramento da oralidade e da construção do pensamento e posicionamento crítico do estudante da educação básica.

Para isso desenvolvi uma sequência didática, pautada nas orientações didáticas de Dolz e Schneuwly (2004) com o intuito de verificar em que medida o ensino sistematizado nessa modalidade pode ampliar o desempenho linguístico-discursivo do aluno participante, uma vez que este será orientado a observar o contexto da interlocução, seu propósito comunicativo, a temática em foco a fim de lograr êxito no debate. A decisão deliberada será apresentada às instâncias

competentes, cujo gênero em seu funcionamento visa a desmontar os argumentos do interlocutor com o objetivo de levá-lo à adesão do que defende o enunciador.

Os objetivos específicos dessa pesquisa inserem-se, portanto, numa proposta didática que possibilite ao aluno ampliar o seu repertório linguístico e paralinguístico para expressar-se oralmente de forma exitosa de acordo com o contexto de interlocução e com o interlocutor. A pesquisa tem como objetivo específico ainda analisar aspectos da oralidade como a linguagem utilizada, o tom de voz, a postura corporal, gestos e expressão facial, assim como aspectos relacionados ao gênero debate deliberativo, além de apresentar uma proposta de orientação a respeito de como o professor pode abordar o trabalho com gêneros orais nas aulas de LP.

Numa sociedade violenta e intolerante, urge o trabalho com o debate deliberativo como uma forma de proporcionar ao aluno a capacidade de expor oralmente seus argumentos e rebater a opinião do outro de forma respeitosa, além de levá-lo a apropriar-se de subsídios que possibilitem o aprimoramento da oralidade formal.

Por muito tempo os bons alunos eram vistos como aqueles que ficavam quietos e passivos apenas ouvindo o que o professor explicava. Como ressaltam Val e Zozzoli (2009, p. 11), “até há relativamente pouco tempo, a escola queria que os alunos calassem a boca e ouvissem bem quietinhos os conhecimentos transmitidos pelo professor”. Essa crença errônea pode ter ocasionado um apagamento dos gêneros orais na escola.

O ensino dos gêneros orais tem consequências muito positivas na fala, visto que contribui para a formação de leitores e produtores de texto adequados ao contexto, sejam os mais informais, como uma conversa numa roda de amigos ou um elogio proferido, até os mais formais como entrevistas de emprego ou apresentação de seminários, como ressaltam os PCNLP (1998 p. 67-68).

Diante das constatações já elencadas, de que a escola não tem proporcionado o contato frequente com os gêneros orais, deparei-me com algumas questões. Dentre elas:

1. Por que é importante que o aluno aprimore sua oralidade, especificamente a oralidade formal?
2. Como abordar o gênero debate deliberativo como objeto de ensino de forma a aprimorar a oralidade dos alunos?

3. Como o gênero debate deliberativo pode contribuir positivamente para o aprimoramento da formação oral dos alunos?

4. Quais recursos linguísticos e paralinguísticos os alunos mais utilizam ao deparar-se com situações discursivamente expressivas de uso de linguagem oral mais formal?

Para responder a essas perguntas, esta pesquisa consiste numa pesquisa-ação conforme orienta Gil (2002). A escolha do método está ancorada ao fato de a pesquisa utilizar nas análises dados empíricos e por proporcionar analisar mais profundamente os dados coletados, além de propiciar a reflexão crítica sobre a nossa prática pedagógica. Propus a abordá-la pelo viés de uma proposta interventiva sociointeracionista numa perspectiva discursiva da língua (sobre essa teoria, abordaremos na subseção 2.2.1), por se tratar de uma teoria que, como salienta Marcuschi (2005, p. 33), tem a vantagem de abordar a língua como um “fenômeno interativo e dinâmico”. Nessa teoria, prevalecem atividades voltadas para a língua em uso, em que é proporcionada ao aluno uma reflexão com base em situações efetivas e concretas da língua em seu funcionamento.

Cabe destacar que as respostas que serão objeto de análise neste texto consistem nas discussões orais ocorridas durante os debates. A coleta dos dados será feita por meio de gravação e filmagem das aulas foco e a análise consistirá em comparar a progressão dos alunos entre a produção inicial e a produção final, durante as quais foi minha preocupação pedir aos alunos que propusessem soluções para o problema debatido.

Irei voltar-me para as respostas dadas pelos alunos nessa modalidade da língua, analisando como aspectos da oralidade (a linguagem utilizada, o tom de voz, a postura corporal, gestos e expressão facial) podem contribuir para que os estudantes interajam em diferentes situações de comunicação mais formais de modo que entendam o outro e sejam entendidos por ele.

Nesse sentido, esta dissertação segue seccionada em 3 capítulos, além da introdução e das considerações finais.

O primeiro apresenta o caminho metodológico, partindo da caracterização da escola, da turma, dos procedimentos da coleta do *corpus* até o enfoque das aulas, caracterização dos procedimentos de tabulação dos dados, dos procedimentos de análise e a constituição do “*corpus*”.



O segundo capítulo constitui-se das concepções teóricas que envolvem o ensino da língua e os gêneros discursivos, a leitura na perspectiva bakhtiniana, o lugar dos gêneros orais na sala de aula, o interacionismo sociodiscursivo, a oralidade na BNCC e o gênero debate deliberativo.

O terceiro capítulo contém a análise das aulas. Nele faço a comparação entre a produção inicial e a final, pontuando em quais aspectos analisados houve progressão por parte dos alunos e quais precisam ser ainda trabalhados em atividades posteriores à pesquisa, levando em conta que os ganhos adquiridos devem continuar a perpetuar-se na prática da pesquisadora e docente da turma mesmo após a conclusão da pesquisa.

## **CAPÍTULO 1**

### **1 PERCURSO METODOLÓGICO: CONSTRUÇÃO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA E ANÁLISE DOS PRIMEIROS RECORTES**

Neste capítulo, apresento os procedimentos metodológicos utilizados e os caminhos que trilhei para a realização deste trabalho de investigação. Para isso, ele está organizado em 5 seções. Na primeira, apresento a teoria ancorada nos estudos sobre a pesquisa-ação conforme orienta Tripp (2005), visto que julgo esta pertinente para atender aos objetivos da pesquisa, levando em consideração que a proposta principal do Mestrado Profissional em Letras (Profletras) é propiciar ao professor a reflexão crítica sobre a sua prática pedagógica. Na segunda seção, caracterizo a escola onde se deu a pesquisa, esclarecendo assim o contexto e as condições pedagógicas, de infraestrutura e de aprendizado em que está inserida a turma participante. Na terceira seção, apresento os principais envolvidos no processo, pontuando o perfil socioeconômico, cultural e a faixa etária dos alunos. Na quarta seção, a partir dos estudos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), discorro a respeito da teoria à qual me ancorei para embasar a sequência didática com o objetivo de elaborar a proposta de intervenção. Na quinta seção, apresento mais detalhadamente como ocorreram as aulas que compuseram a sequência didática, caracterizo como se deu a geração de dados para a análise e como se efetivou o processo de intervenção.

#### **1.1 A pesquisa-ação qualitativa**

O ato de pesquisar e investigar mais profundamente sobre um objeto já rendeu descobertas e a resolução de muitos problemas para o ser humano. De acordo com Gil (2002, p.17), pesquisa é “o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. Para alcançar os objetivos pretendidos numa pesquisa, o pesquisador precisa delinear caminhos/métodos que o possibilitem chegar às conclusões e possíveis soluções quanto ao que deseja investigar.

Nesse sentido, esta pesquisa consiste numa pesquisa-ação conforme orienta Tripp (2005). Escolhi a pesquisa-ação como método de investigação, por reconhecer a sua contribuição para a formação do professor, pois possibilita que o docente identifique um problema de uma turma na qual ele atua ao mesmo tempo em que busca intervir para tentar solucioná-lo, além de propiciar a reflexão crítica sobre sua prática pedagógica.

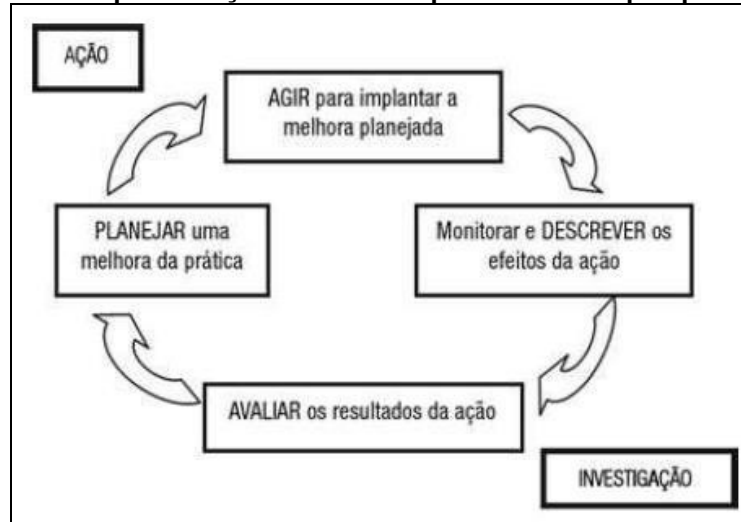
Tripp (2005, p. 443) salienta que a pesquisa-ação é “uma das muitas diferentes formas de investigação-ação” assim definida por ele “como toda tentativa continuada, sistemática e empiricamente fundamentada de aprimorar a prática”. É, portanto, sendo assim um método pertinente e adequado para essa pesquisa, direcionada ao Mestrado do Profletras, programa que orienta em uma de suas diretrizes que a pesquisa deve estar voltada para a prática do professor.

O Profletras tem sido um divisor de águas na vida profissional de muitos docentes. Tem como objetivo proporcionar mudanças positivas na prática dos professores mestrados a partir de pesquisas que investiguem um problema relacionado à sua própria turma de alunos, conforme se pode observar no regulamento do programa:

Art 2º - A pesquisa deverá ter como tema/foco/objeto de investigação um problema da realidade escolar e/ou da sala de aula do mestrando no que concerne ao ensino e aprendizagem na disciplina de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental (BRASIL, 2014, p. 1).

Apresento, a seguir, a representação das quatro fases do ciclo básico da pesquisa-ação construída por Tripp (2005).

**Figura 1 - Representação básica das quatro fases da pesquisa-ação**



Fonte: Tripp (2005, p. 446).

Como podemos observar na figura 1, as etapas que constituem a pesquisa-ação estão interligadas sendo que, inicialmente, faz-se necessária uma investigação que se torna imprescindível para que ações futuras possam ser planejadas e definidas. Tratando-se dessa pesquisa, iniciei fazendo um diagnóstico com a turma e constatando um problema a ser investigado. Em seguida, elaborei atividades com o objetivo de intervir e comecei a agir para alcançar a “melhora planejada”. Dessa forma, as atividades realizadas foram descritas e monitoradas por mim que, ao final, fiz uma avaliação comparando os resultados alcançados aos que eram esperados, possibilitando assim uma transformação tanto na minha prática quanto no aprendizado dos principais envolvidos, os alunos. A esse respeito, Tripp (2005) esclarece ainda que a pesquisa-ação se configura como:

[...] qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhoria de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação. (TRIPP, 2005, p. 446)

Como podemos notar, a pesquisa-ação requer que o professor-participante esteja inserido em todas as fases da pesquisa, sistematizando e garantindo que as ações planejadas sejam desenvolvidas de forma que consiga obter os dados que serão de fundamental importância para a avaliação dos resultados. Para isso, em minha pesquisa utilizei como instrumentos de geração de dados, as gravações em



O quadro abaixo mostra alguns dados relevantes quanto ao município onde fica a escola participante da pesquisa.

**Quadro 1 - Alguns dados oficiais relevantes quanto à educação do município**

Taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade [2010]	96,1%
IDEB – Anos finais do ensino fundamental (Rede pública) [2017]	3,6
Matrículas no ensino fundamental [2018]	4.354
Docentes no ensino fundamental [2018]	192
Número de estabelecimentos de ensino fundamental [2018]	35

Fonte: Elaborado pela autora.

Já a vila onde fica a escola possui cerca de 280 residências e aproximadamente 160 famílias, conforme consta no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. Em meio à historicidade e a um povo heterogêneo, este lugar foi escolhido por muitas famílias pioneiras para ser o local de moradia. A escola surgiu devido à necessidade de um local onde os filhos dessas famílias pudessem receber a educação formal tão importante para a vida de qualquer cidadão, e vem prestando serviço a essa comunidade ao longo dos anos.



capacidade para 25 alunos e 4 com capacidade para 15 alunos, além de diretoria, secretaria, cantina, almoxarifado, área de serviço e sanitários, incluindo um para portador de necessidades especiais. Ainda em relação à estrutura física, a escola necessita de quadra coberta para esportes, área coberta para a realização de eventos, biblioteca e muro.

A escola faz parte da Rede Municipal de Ensino da cidade de São Geraldo do Araguaia e está organizada de acordo as leis vigentes. Possui regimento interno e proposta pedagógica próprios, segue instruções da Secretaria Municipal de Educação do Município (SEMED) de São Geraldo do Araguaia – Pará.

O trio gestor é composto por 1 diretora, 1 secretária e 1 coordenadora. Por ser uma escola de pequeno porte, há apenas 5 professores em docência, sendo que quase todos são do quadro efetivo da instituição há no mínimo 12 anos. Faz parte do quadro de funcionários ainda 2 vigias, 2 auxiliares de serviços gerais e 2 merendeiras.

De acordo com o PPP, a instituição, ao longo dos anos, tem procurado garantir um ensino de qualidade com aplicação de conteúdos significativos visando desenvolver as habilidades propostas na Proposta Curricular para que o aluno possa aplicar as competências adquiridas no seu cotidiano. Entretanto, não muito diferente da realidade de outras escolas brasileiras, os alunos têm problemas com déficit de aprendizagem, principalmente em relação à leitura e à escrita e à disciplina de Matemática. Também enfrenta outras dificuldades como a evasão e a distorção idade-série.

Devido a isso, segundo o PPP, a escola desenvolve alguns projetos e programas relacionados à aprendizagem dos alunos que têm como objetivo elevar o índice de aprovação, reduzir a evasão escolar, elevar os índices nacionais como o IDEB e principalmente elevar o nível de aprendizagem dos educandos. Entre os projetos desenvolvidos estão projetos de leitura e projetos de matemática. Não há, entretanto, projetos voltados para o aprimoramento da oralidade formal dos alunos.

Outro desafio enfrentado diariamente pela equipe escolar é a falta de acompanhamento dos pais e isso também tem prejudicado significativamente o desenvolvimento escolar de muitos alunos, embora em todas as reuniões de pais e mestres seja ressaltada a importância da parceria entre família-escola. A maioria dos pais não sabe ler, por não terem frequentado à escola. Dessa forma seus filhos só têm contato com as diversidades literárias na escola, sendo uma das causas que



dificulta o ato de ler, escrever e interpretar textos, tendo como consequência a repetência.

A escola é beneficiada por alguns programas do governo federal. O Programa Mais Alfabetização, instituído pelo Ministério da Educação (MEC) pela Portaria Nº 142/2018, tem como objetivo fortalecer e apoiar técnica e financeiramente as unidades escolares no processo de alfabetização de estudantes regularmente matriculados nos dois primeiros anos do ensino fundamental. O apoio técnico é realizado por meio da seleção de um assistente de alfabetização, a cargo das secretarias de educação, por um período de cinco ou dez horas semanais, para cada turma de 1º e 2º anos. O assistente deve auxiliar o trabalho do professor alfabetizador, conforme seu planejamento, para fins de aquisição de competências de leitura, escrita e matemática por parte dos estudantes. Os profissionais contam, ainda, com avaliações diagnósticas e formativas, disponibilizadas no sistema de monitoramento, a serem aplicadas aos estudantes em períodos específicos, com o objetivo de monitorar o desenvolvimento da aprendizagem nos dois primeiros anos do ensino fundamental.

O Programa “Novo Mais Educação” foi instituído pela Portaria nº 1144, de 10/10/2016 e é atualmente regulamentado pela Resolução nº 5, de 25/10/2016, que destina recursos ao Programa nos moldes operacionais do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE). O Programa “Novo Mais Educação” substitui o programa “Mais Educação” e tem como objetivo melhorar a aprendizagem em língua portuguesa e matemática no ensino fundamental, por meio da ampliação da jornada escolar de crianças e adolescentes, mediante a complementação da carga horária de cinco ou quinze horas semanais no turno e contra turno escolar.

Já o apoio financeiro à escola se dá por meio da cobertura de despesas de custeio via PDDE. Criado em 1995, o PDDE tem por finalidade prestar assistência financeira para as escolas, em caráter suplementar, a fim de contribuir para manutenção e melhoria da infraestrutura física e pedagógica, com consequente elevação do desempenho escolar. Também visa fortalecer a participação social e a autogestão escolar. O PDDE é um recurso público transferido a entidades públicas sem fins lucrativos. Esses recursos são direcionados a uma finalidade específica, sendo que uma parte poderá ser utilizada no custeio da unidade escolar e outra em investimento.

### 1.3 Caracterização da turma

Segundo informações do PPP da instituição, a escola recebe tanto alunos que no povoado, como residentes em chácaras e em fazendas nos arredores da escola. Os que residem fora do povoado utilizam-se do transporte escolar para chegarem ela. A maioria dos alunos é de famílias oriundas de outros estados e trazem para a escola uma variada cultura, entre costumes e religiosidade. O perfil socioeconômico é bem homogêneo, sendo que a maior parte dos alunos se encontra situada na renda mínima e dependendo de Programas do Governo Federal, como o Bolsa Família, pensão e aposentadoria.

No início da pesquisa, a única turma de 7º ano da escola era composta por 10 alunos. Entretanto, dois deles foram transferidos antes da realização da atividade diagnóstica e outros dois alunos novos foram matriculados na turma no dia da realização da produção inicial. Pelo fato de não terem participado das etapas realizadas antes de sua chegada, as quais eram fundamentais para o conhecimento do projeto e do objetivo do debate, os alunos novatos participaram de forma mais discreta da atividade diagnóstica, ficando a pesquisadora responsável por inteirá-los posteriormente do que tratava o projeto. Pelo fato de a escola estar localizada num pequeno vilarejo e a população do lugar não ser numerosa, é comum turma com número reduzido de alunos.

Conforme a realidade de muitos estudantes, poucos alunos da turma possuem acesso à internet e a livros literários. A escola torna-se, portanto, sua principal fonte de acesso a esses recursos. Um fator positivo observado na turma é o número reduzido de alunos, realidade incomum nas escolas brasileiras. Outro fator a ausência de violência e de uso de drogas ilícitas.

Ressalto que, na referida turma, não há alunos em distorção idade/série, apesar de alguns não estarem no nível de aprendizado esperado para o ano escolar em que se encontram. A classe é formada por alunos adolescentes que possuem dificuldades em relação a leitura, interpretação de textos, escrita e ao domínio da oralidade mais formal.

Embora a turma possua várias outras dificuldades que poderiam ter sido selecionadas como objeto de investigação nessa pesquisa, a escolha pela oralidade se deu pelo fato de os alunos serem bem comunicativos e participativos oralmente durante as aulas de LP. Questionam quando não compreendem o que está sendo

explicado pela professora, dão suas opiniões, contestam as opiniões dos colegas, entretanto possuem dificuldades em respeitar o turno do outro, utilizam linguagem inapropriada para o contexto da aula, como o uso de palavras de baixo calão, por exemplo. Além disso, foi observado em algumas apresentações orais formais que não possuíam conhecimentos relacionados a como os recursos linguísticos e extralinguísticos podem favorecer e aprimorar a oralidade formal.

Dessa forma, durante as aulas do Mestrado, mais especificamente durante a disciplina “Língua, texto e ensino”, ministrada pelo professor João de Deus, quando foi abordado o ensino de gêneros, pude refletir e reconhecer que eu, como professora de LP, não priorizava o ensino sistemático de gêneros orais, principalmente aqueles mais formais. Percebi que poderia aproveitar a facilidade que os alunos dessa turma tinham para expor-se oralmente, visto ser uma turma que gosta muito de conversar, para tentar mostrar-lhes que não é interessante preocupar-nos apenas com o que é dito como também com o modo como algo é dito.

Vale ressaltar que os alunos da turma participaram de todas as etapas da execução das atividades da sequência didática, produzindo duas versões do gênero debate deliberativo a partir de temas diferentes, sendo uma versão a produção inicial e a outra a produção final. É importante salientar que pelo fato de a turma ser formada por um número menor de alunos, isso facilitou a execução das atividades e a coleta dos dados.

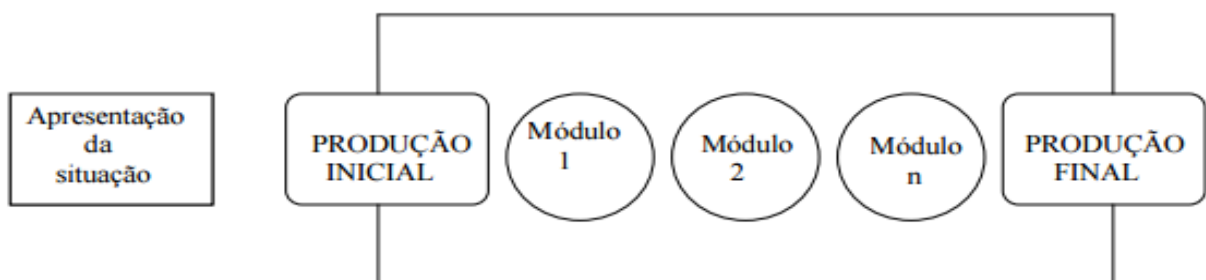
#### **1.4 A sequência didática**

No processo de elaboração da intervenção didática, como já mencionamos, apropriamo-nos do modelo de sequência didática proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), por entendermos ser um modelo relevante e possível de ser executado na turma. Para Dolz, Schneuwly e Noverraz (2004, p.47), “as intervenções sistemáticas do professor desempenham um papel central para a transformação das interações entre o aprendiz e o texto”. Quanto a isso, os autores ainda afirmam que:

É possível ensinar a escrever textos e a exprimir-se oralmente em situações públicas escolares e extra-escolares [...]. Criar contextos de produção precisos, efetuar atividades ou exercícios múltiplos e variados: é isso que permitirá aos alunos apropriarem-se das noções, das técnicas e dos instrumentos necessários ao desenvolvimento de suas capacidades de expressão oral e escrita, em situações de comunicação diversas. (DOLZ, SCHNEWULY e NOVERRAZ, 2004, p. 96)

Dolz, Schneuwly e Noverraz (2004, p. 97) definem sequências didáticas como “um conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Nesse sentido, as sequências didáticas contribuem para que os alunos se apropriem de um gênero textual para eles desconhecido (a importância do ensino a partir de gêneros textuais é discutida na seção 1.1 dessa pesquisa), possibilitando que utilizem esses gêneros apreendidos em diferentes situações comunicativas. Vejamos, a seguir, a figura 3 com a estruturação esquemática da sequência didática proposta por Dolz, Noverraz, Schneuwly.

**Figura 4 - Esquema da sequência didática**



Fonte: Dolz, Noverraz, Schneuwly (2004, p. 98)

Como observamos na figura 3, pelo modelo proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly, uma sequência didática é constituída pelos seguintes blocos de atividades: apresentação da situação, produção inicial, módulo 1, modulo 2... módulo n e produção final.

O modelo de sequência didática apresentado pelos autores é constituído por etapas planejadas de forma consciente e sistemática pelo docente, objetivando a progressão dos alunos quanto aos aspectos linguísticos e extralinguísticos observados como necessários de serem apreendidos ou aprimorados pelos alunos-participantes, resultando na produção de um gênero. Além disso, a construção, sistematização e execução da sequência didática poderão possibilitar ganhos

significativos também para a prática dos docentes que irão executar e monitorar as atividades e módulos.

Levando em consideração as orientações propostas por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), elaboramos um conjunto de atividades estruturadas e planejadas com o intuito de levar os alunos a apropriarem-se de recursos linguísticos, extralinguísticos e relacionados à produção do gênero proposto. Para a realização da sequência didática foram utilizadas 15 aulas, sendo cada uma de 45 minutos. Nesse sentido, descreveremos a seguir cada etapa da sequência didática desta pesquisa.

#### 1.4.1 Apresentação da situação

A *apresentação da situação* é o momento em que a atividade de expressão oral ou escrita é descrita de forma mais detalhada possível para que o aluno tenha clareza de como o projeto de comunicação será realizado. O estudante precisa ter bem definido qual problema de comunicação que deverá resolver ao produzir o gênero.

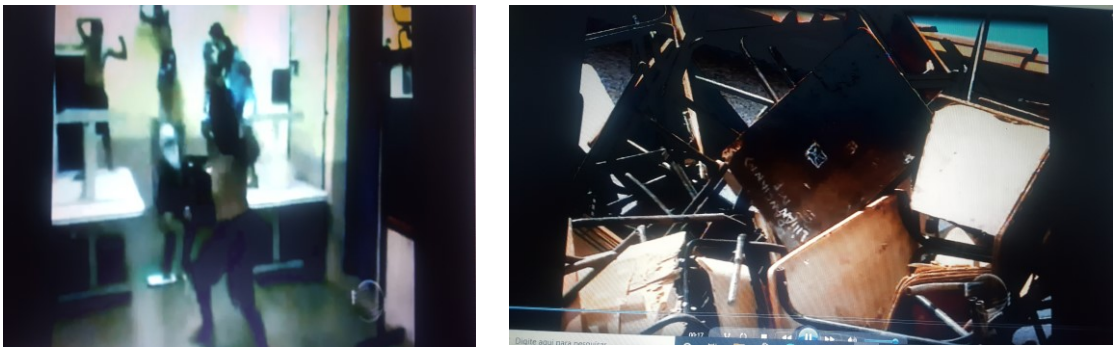
Nesta fase os alunos devem ser levados a refletir sobre a quem se dirige e que forma a produção assumirá, bem como quem dela participará. (DOLZ, NOVERRAZ E SCHNEUWLY, 2004, p.100). A produção final assumirá a forma de vídeo e terá a participação de todos os alunos da turma.

Iniciei chamando atenção a respeito do bom estado em que a escola se encontra, visto que foi recentemente reformada. Perguntei como os alunos estavam se sentindo em relação ao aspecto físico da escola e eles responderam que estavam gostando muito, logo precisavam mantê-la assim, bem conservada, por muito tempo. Em seguida, fiz a *apresentação da situação*, através da exibição do vídeo “Câmeras flagram alunos de escola estadual depredando móveis”. O vídeo, que tem a duração de 1 minuto e 12 segundos, faz parte de uma reportagem de um noticiário do Piauí e mostra cenas de vandalismo que ocorreram numa escola pública de uma cidade piauiense. Nesse vídeo, alunos dançam em cima de mesas do refeitório da escola que tinham sido compradas havia dois dias, deixando ao final muita destruição do mobiliário. A reportagem ainda mostra que o vídeo chegou às mãos do juiz da cidade, que obrigou os alunos a ressarcirem a escola pelos prejuízos causados.

Houve uma mistura de risos e espanto em relação ao conteúdo exibido. A exibição desse vídeo objetivou levar os alunos a conhecerem histórias reais de degradação do patrimônio escolar bem como as consequências de atos como esses. Por fim, fiz alguns questionamentos oralmente com o objetivo de motivar para a introdução do tema do debate da produção inicial.

As imagens abaixo consistem em alguns recortes relacionados ao vídeo exibido.

**Figura 5 - Imagens relacionadas ao vídeo exibido na apresentação da situação**



Fonte: TV Cidade Verde (2013).

Questões feitas oralmente aos alunos a partir do vídeo assistido:

1. O que acharam da atitude dos alunos exibida no vídeo?
2. Esse tipo de cena é comum em sua escola?
3. Os alunos do vídeo foram punidos. Você achou justa a punição? Por quê?
4. Por que vocês acham que isso acontece nas escolas? Por que alunos depredam o ambiente escolar?

Os alunos responderam oralmente a todos os questionamentos, porém não constam nessa pesquisa as respostas dadas nessa atividade, visto que, embora tenha sido solicitado que respondessem oralmente às questões, estas ainda não estariam fazendo parte do recorte mais específico para análise. A atividade foi realizada com o intuito de motivar a introdução do tema.

#### 1.4.2 Ampliando repertório a respeito do assunto

No segundo momento, ainda na apresentação da situação, entreguei um texto contendo uma charge e algumas questões para serem respondidas de forma escrita. Discuti o conteúdo da charge com a turma.

A charge de Amanda Alves retrata uma situação inusitada em que um garoto carrega uma cadeira e, ao ser questionado por um adulto para onde vai com aquele objeto, responde que está indo para a escola. Desse modo, a autora quis levar o leitor à reflexão de que esta pode ser uma realidade de alguns alunos em escolas onde o mobiliário não é preservado.

Embora o aprimoramento da oralidade seja o principal objetivo da execução das atividades da sequência didática, foi sugerido que os alunos respondessem essa atividade de forma escrita, visto que o intuito ao executá-la foi fornecer subsídios e repertório a respeito do tema da primeira produção.

O objetivo dessa aula foi fornecer mais repertório a respeito do tema da produção inicial e apresentar o tema sob a perspectiva de outro gênero (charge). Ao abordar o tema através de gêneros diferentes, além de proporcionar conhecimento a respeito do assunto, objetivou-se ainda executar a sequência como orienta Dolz e Schneuwly (2004), quando ressaltam que o aluno deve ter contato com diferentes gêneros, ampliando assim o seu repertório a respeito do assunto sobre o qual irá discorrer ao produzir o gênero. Vejamos a charge:

ATIVIDADE AULA 2 - Leia a charge abaixo:

Figura 6 - Charge de Amanda Alves



Fonte: <https://jornalmeccatitude.files.wordpress.com/2015/12/charge-blog.jpg>

#### Quadro 2 - Conversando sobre o texto

- 1) A charge faz uma crítica a um fato muito comum nas escolas públicas do Brasil. O que ela critica?  
\_\_\_\_\_
- 2) O garoto da charge é questionado pelo fato de estar levando uma cadeira para a escola. Em sua opinião, por que você acha que o garoto tomou essa atitude?  
\_\_\_\_\_
- 3) Em sua escola, costuma ter cadeiras e mesas disponíveis para todos os alunos e professores? Se a resposta for não, por que você acha que isso acontece?  
\_\_\_\_\_
- 4) Quais outros tipos de destruição do patrimônio da escola costumam ocorrer, além da destruição de cadeiras e mesas? Geralmente, quem provoca essa depredação?  
\_\_\_\_\_
- 5) Quando a escola tem seu mobiliário ou qualquer outro bem que faz parte de sua estrutura física danificado, quem realmente fica prejudicado?  
\_\_\_\_\_
- 6) Como você se sentiria se tivesse que levar uma cadeira para a escola todos os dias para poder assistir às aulas?  
\_\_\_\_\_
- 7) O que você sugere como formas de prevenção para que o episódio ocorrido com o garoto da charge não seja comum nas escolas?  
\_\_\_\_\_

Fonte: Elaborado pela autora.

A realização dessa atividade contou com a participação de 9 alunos, sendo que 2 deles foram transferidos para outra escola durante a aplicação das atividades posteriores, logo não terão suas respostas mencionadas aqui por não ser possível fazer uma comparação quanto ao seu progresso por não terem participado de todas



as atividades. Nesse sentido, serão apresentadas aqui as respostas das questões de interpretação da charge de 7 alunos da turma.

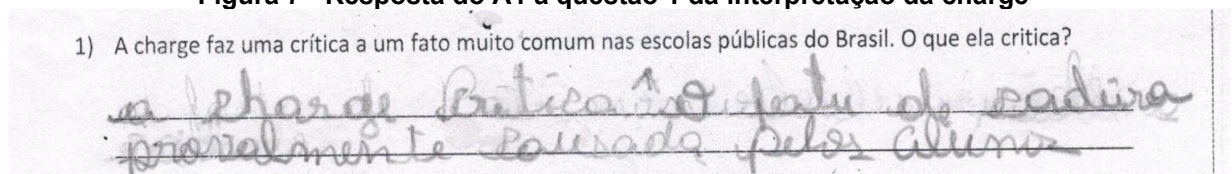
Essa atividade consiste em sete questões em que é requerida do aluno a compreensão sobre o que a charge procura abordar de forma crítica, aspecto comum a esse gênero. Solicitei que respondessem as questões de forma escrita, fato que foi observado e refletido posteriormente como sendo uma escolha resultante de possuir uma prática ainda muito arraigada no escrito. Isso não é demérito, visto que a pesquisa consiste numa reflexão sobre a própria prática docente.

Após a reflexão, reconheci que poderia ter solicitado aos alunos que as questões poderiam ter sido respondidas de forma oral, valorizando assim a prática oral também nessa atividade. Vejamos as respostas dos alunos relacionadas à questão 1 de interpretação da charge:

#### RECORTE 1

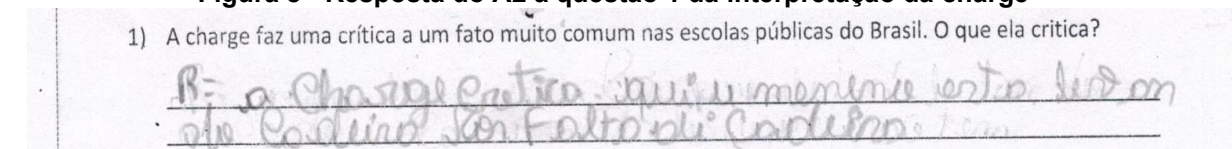
Questão 1: A charge faz uma crítica a um fato muito comum nas escolas públicas do Brasil. O que ela critica?

**Figura 7 - Resposta do A1 à questão 1 da interpretação da charge**



Fonte: Atividade realizada com os alunos.

**Figura 8 - Resposta do A2 à questão 1 da interpretação da charge**



Fonte: Atividade realizada com os alunos.

**Figura 9 - Resposta da A3 à questão 1 da interpretação da charge**

- 1) A charge faz uma crítica a um fato muito comum nas escolas públicas do Brasil. O que ela critica?

A charge critica a falta de cadeira nas escolas públicas

Fonte: Atividade realizada com os alunos.

**Figura 10 - Resposta da A4 à questão 1 da interpretação da charge**

- 1) A charge faz uma crítica a um fato muito comum nas escolas públicas do Brasil. O que ela critica?

A CHARGE CRITICA A FALTA DE CADEIRAS E MESAS POR CAUSA DO VANDALISMO

Fonte: Atividade realizada com os alunos.

**Figura 11 - Resposta do A5 à questão 1 da interpretação da charge**

- 1) A charge faz uma crítica a um fato muito comum nas escolas públicas do Brasil. O que ela critica?

O vandalismo.

Fonte: Atividade realizada com os alunos.

**Figura 12 - Resposta da A6 à questão 1 da interpretação da charge**

- 1) A charge faz uma crítica a um fato muito comum nas escolas públicas do Brasil. O que ela critica?

Ele critica que o aluno está devendo uma cadeira para escola e ele não sabia que era para o aluno pedir que fez a pergunta

Fonte: Atividade realizada com os alunos.

**Figura 13 - Resposta do A7 à questão 1 da interpretação da charge**

- 1) A charge faz uma crítica a um fato muito comum nas escolas públicas do Brasil. O que ela critica?

Ela critica a falta de cadeiras nas escolas

Fonte: Atividade realizada com os alunos.

Podemos observar, analisando as respostas à primeira questão proposta, que os alunos A2, A3, A4, A5 e A7 respondem com clareza sobre o que a charge aborda. O A1 parece ter compreendido o que a charge critica, contudo não articula bem a sua resposta quando deixa de nela colocar palavras essenciais, comprometendo assim o sentido. Já A6 não responde de acordo com o esperado, demonstrando dificuldade em identificar informações que não estão explícitas no texto lido.

Embora a atividade não tenha sido proposta com o objetivo de avaliar a capacidade de interpretação ou a escrita dos alunos, observar se compreenderam o tema abordado na charge é importante para que possamos identificar se já estão se apropriando da ideia das consequências da falta de preservação do patrimônio público, fornecendo assim subsídios para que utilizem argumentos mais consistentes no momento da produção do debate.

A esse respeito, a BNCC orienta como uma das habilidades concernentes aos alunos do 6º ao 9º ano:

(EF69LP11) Identificar e analisar posicionamentos defendidos e refutados na escuta de interações polêmicas em entrevistas, discussões e debates (televisivo, em sala de aula, em redes sociais etc.), entre outros, e se posicionar frente a eles. (BRASIL, p.143)

Nesse sentido, o aluno precisa aprender a usar diferentes estratégias de argumentação na escola, pois isso favorecerá sustentar suas opiniões quando necessário se fizer, em situações comunicativas reais no contexto social em que está inserido. Sabe-se que apenas conhecer estratégias linguísticas de argumentação não é o suficiente para que se consiga opinar de maneira convincente. Faz-se necessário ter conhecimento de mundo a respeito do objeto sobre o qual se irá discorrer, como aponta Antunes (2003). Além disso, é importante estar em constante contato com os gêneros argumentativos para que, assim, se consiga produzir textos com argumentos consistentes.

Ao final da aula, instiguei os alunos sobre a possibilidade de a escola não permanecer bem conservada por muito tempo e questionei-os a respeito do que pode ser feito para que isso não aconteça. E assim ficamos de conversar mais a na aula seguinte.

Esse questionamento teve como objetivo motivá-los para a primeira produção, além de levá-los a perceber que algumas medidas preventivas devem ser tomadas para evitar que a escola seja danificada pelos alunos e dessa forma fazê-los perceber a importância do debate nesse processo e, dessa forma, reconhecer a atividade de produção do gênero como uma atividade significativa e pertinente, como sugerem Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p.100). Para os autores, a situação de comunicação precisa ser bem definida durante a apresentação para que todos os alunos, inclusive os mais fracos, consigam produzir o gênero de forma que

corresponda à situação dada, ainda que não sejam capazes de respeitar inicialmente todas as características do gênero pretendido.

#### 1.4.3 Aprimorando a oralidade e conhecendo mais sobre o assunto do debate

Segundo Dolz, Noverraz e Haller (2004), a qualidade da voz é um fator essencial para a produção do oral. Para os autores, “é preciso mencionar o timbre da voz, cuja riqueza depende do registro e da intensidade do som emitido” (DOLZ, NOVERRAZ e HALLER, 2004, p. 152). Nesse sentido, essa etapa tem como objetivo aprimorar a oralidade, levando em conta aspectos paralinguísticos, como a qualidade da voz, por exemplo, além de levar os alunos a conhecerem mais sobre o assunto.

Iniciei a aula retomando, de forma breve, alguns pontos debatidos sobre o tema do vídeo e da charge trabalhados nas duas aulas anteriores. Em seguida, distribuí uma cópia impressa do texto “Patrimônio Público – um bem de todos”. Solicitei que os alunos fizessem uma primeira leitura do texto de forma silenciosa e posteriormente a leitura compartilhada em voz alta. Foi feita a discussão do texto e a maioria dos alunos participou. Todavia percebeu-se que falavam vários ao mesmo tempo, deixando claro que a importância pelo respeito do turno de fala do outro era um aspecto que precisava ser muito enfatizado durante a explicitação das regras do debate. Vejamos o texto:

**Quadro 3 - Texto e discussão**  
**Patrimônio Público – um bem de todos**

O termo “patrimônio” significa, entre outras definições herança, riqueza....Por sua vez, “público” implica naquilo que não pertence somente a uma determinada pessoa, mas é compartilhado por muitos que dele fazem uso e supre suas necessidades. A escola, juntamente com o mobiliário que a compõe, é um exemplo claro e intangível de patrimônio público pertencente à coletividade, logo, ela não pertence nem ao governo, nem ao diretor, muito menos ao aluno. Antes, a escola pertence a todos – e, por definição pura e simples – é um patrimônio público cujos “donos”, se é que assim se pode dizer, são o governo e a comunidade escolar, além da sociedade em geral.

É de suma importância, por conseguinte, que todos, sobretudo os alunos, se invistam do sentimento de cidadania o qual se pauta nos ideais de respeito e de conservação do patrimônio escolar.

Cabe à direção da escola, em conjunto com o conselho escolar, a manifestação dos interesses que objetivam a manutenção da ordem sem que sejam necessários gestos autoritários e arrogantes. Ações e campanhas que conscientizem, informem, eduquem e formem pessoas comprometidas com o seu meio devem ser implementadas. Não é possível admitir a ideia de que seja normal, por exemplo, que uma carteira venha a ser quebrada, que um ventilador possa ser danificado ou uma

parede pichada por um estudante sem que este seja identificado e responsabilizado por tal ato. Escolas há, em nossa cidade (no Pará e, creio, no Brasil) que vivem em situação difícil em função do desrespeito pelo patrimônio público da parte de seus próprios alunos, onde se identifica a falta de carteiras e de mesas para o professor. Só para enfatizar, tanto as carteiras quanto as mesas foram, salvo algumas exceções, objetos de manipulação nas mãos de estudantes que, sem nenhuma responsabilidade, as quebraram e hoje, sem carteiras nem mesas, considerável número de alunos e professores assistem e dão aula em pé.

Pergunta-se:

- a) Em nossas casas, costumamos quebrar a mesa e as cadeiras para depois fazermos as refeições no chão?
- b) Pegamos lápis e canetas e riscamos nossas paredes?
- c) Entupimos o vaso sanitário dos nossos banheiros?
- d) Quebramos nossos móveis e agimos como baderneiros?

Por que não fazemos isso? Simplesmente porque se trata do nosso lar, do teto que nos dá abrigo, do patrimônio que nos pertence.

De igual forma, pode-se afirmar que a escola é a nossa segunda casa. A casa do saber, da educação. É na escola que nasce e cresce em nós o espírito de cidadania, do respeito pelo outro, da valorização da pessoa humana, dos nossos bens e dos bens coletivos. Pelo menos, é na escola que devem ser aperfeiçoados tais valores e sentimentos. Todavia, as regras que sobrepõem à conservação e o respeito ao patrimônio público não devem nem podem se restringirem tão somente ao âmbito escolar. Mas é da escola que surgem os cidadãos do mundo, compromissados com a sociedade em que vivem pautados na ética para a edificação de um mundo mais justo onde seus bens sejam efetivamente partilhados, de modo muito particular, aqueles que, por sua equivalência, se traduzam em patrimônio público – um bem de cada um e de todos.

ORLANDO SOUZA

Vamos discutir sobre o texto!

Com base no texto lido, responda oralmente:

- 1) O texto esclarece a respeito do que significa o termo “patrimônio público”. Como esse termo é definido pelo autor?
- 2) A escola é mencionada como um exemplo de patrimônio público pertencente à coletividade. Justifique essa afirmação.
- 3) Muitas pessoas destroem bens públicos por não terem a consciência de que estes pertencem não às autoridades governamentais, mas a toda população. Quando um bem de uso público é degradado, quem geralmente sofre diretamente as consequências? Justifique sua resposta citando um exemplo de como isso pode acontecer.
- 4) A escola que você estuda é um patrimônio público e pode ser utilizado por todos. Observe o espaço da sua escola. Como está o aspecto físico e mobiliário dela? É um espaço limpo e confortável?
- 5) Costuma ocorrer casos de vandalismo na escola em que você estuda? Se sim, de que tipo?
- 6) O autor do texto menciona algumas ações que podem ser feitas para combater o vandalismo nas escolas. O que ele sugere?
- 7) O autor faz alguns questionamentos e estabelece uma relação entre a escola e a casa. Em sua opinião, o que autor quer provocar no leitor ao levantar essas questões?
- 8) Leia o que o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei N° 8.069/90) diz sobre o estudante que causar danos ao patrimônio público escolar:

**Art. 166** – Em se tratando de ato infracional em reflexos patrimoniais, a autoridade poderá determinar, se for o caso, que o adolescente restitua a coisa, promova o ressarcimento do dono, ou, por outra forma, compense o prejuízo da vítima.

Você acha justa a punição mencionada acima? Justifique sua resposta.

Fonte: <http://cronicasdorlando.blogspot.com/2009/07/patrimonio-publico-um-bem-de-todos-o.html>  
 acessado em 14/04/2019 às 16:47

No intuito de levar os alunos a observarem e a refletirem como a qualidade da voz pode contribuir para melhor se expressarem e serem entendidos pelo outro, foi solicitada uma autoavaliação oral com a mediação da professora levando em conta a forma como se deu a leitura em voz alta do texto. Como podemos ver nos excertos abaixo:

#### RECORTE 2

Professora: *atrapalhou pouco? O que mais que vocês acham? O volume ... o volume que cada colega leu prejudicou ou não?*

Aluna 2: *prejudicou*

Professora: *vocês acham que ( ) alguém que leu mais baixo outros leram mais alto, o que vocês acham?*

Aluna 3: *teve gente que leu mais baixo*

Professora: *teve gente que leu mais baixo? O que mais que vocês acham? ( ) resolver algumas coisas, pontuação, foi feito direitinho?*

Aluno 4: *não*

Verificamos aqui, pelas respostas dos alunos, como a provocação busca instigar no aluno o peso quanto ao tom de voz, favorecendo uma oralização do texto mais expressiva, o que pode contribuir para melhor capturar de certo modo a atenção do ouvinte, pois, ainda de acordo com Dolz, Noverraz e Haller (2004, p.156), citando Fontaney (1987), a principal função da entonação consiste em marcar o acabamento ou a continuidade do fluxo verbal, sendo que a entonação de abertura ascendente chama a atenção do interlocutor e desperta suas expectativas, indicando que o locutor ainda não terminou de falar e deseja não ser interrompido. Já a entonação conclusiva ocorre quando há o abaixamento de um tom e marca o fim do enunciado. Vejamos a troca abaixo:

## RECORTE 3

Professora: *a entonação, o que é a entonação? Quem sabe?*

Aluno 5: *tom de voz*

Professora: *é o tom de voz, e forma que você lê?*

Aluna: *o texto*

Professora: *a frase, o texto, a oração né, porque, se é uma pergunta a gente vê com a entonação como se faz uma?*

Aluna 3: *pergunta*

Professora: *pergunta, então a forma como a gente lê, não só a gente se expressa, a leitura também é uma forma de se expressar oral, não é? De falar, a gente não se expressa oralmente? Então a forma que a gente lê, facilita ou não para que o outro entenda o que gente está lendo, então, o volume não é?*

Como podemos observar, nesse momento da aula a professora conduziu os alunos a fazerem uma reflexão sobre como a qualidade da voz é um fator que contribui positivamente ou negativamente na comunicação oral, dependendo da forma como o locutor utiliza-se dela, como em: O:: ... tom de voz se você falar com firmeza, a entonação se você ler fazendo a pontuação correta, se você lê, se é uma pergunta, você lê como sendo uma pergunta, certo, então isso tudo influencia na hora de compreender quando nós estamos lendo o texto né? Contudo os alunos demonstraram dificuldades em expressar-se a respeito de como esse aspecto da oralidade é importante, como podemos notar em:

Professora: *tá, então nessa leitura que a gente fez agora nesse texto é:: o que vocês acham que poderia ser melhorado/ vocês conseguiram compreender o texto? A ideia do texto?*

A1 : *mais ou menos*

Professora: *por que mais ou menos?*

A2: *porque na ( ) não tem nada a ver, acho ( ) algumas pessoas*

Professora: *você acha que ( ) a pausa, a pausa que foi dado/*

A3: *pra mim não mas/*

Podemos perceber que A1, A2 e A3 deram respostas curtas, sem muitas explicações e argumentos a respeito do questionamento da professora sobre a relação entre a compreensão da ideia principal do texto e a forma como foi lido, demonstrando dificuldades em expressarem-se oralmente.

Ainda assim, o objetivo da aula foi alcançado, visto que embora de forma tímida e discreta, os alunos avançaram no sentido de praticar a oralidade. Além disso, a professora fez intervenções e comentários durante a aula sobre a importância da qualidade da voz na comunicação a partir das dificuldades apresentadas pelos alunos.

Após leitura do texto e discussão sobre as ideias abordadas pelo autor, foi solicitado que os alunos respondessem oralmente as questões propostas na atividade. Os alunos participaram parcialmente da atividade, sendo que tiveram mais facilidade para responder os questionamentos relacionados ao tema abordado no texto do que a respeito da forma como o texto foi lido.

Optamos por trabalhar as questões oralmente como uma forma de aprimorar a oralidade, visto que é o gênero debate deliberativo (regrado) que irá produzir a demanda para a modalidade oral da língua. Ao final da aula, questionei-os a respeito das condições físicas em que escola se encontra, visto que foi recém-reformada e o que poderia ser feito para que o ambiente escolar se mantivesse limpo e confortável por muito tempo.

#### 1.4.4 Primeiro contato com o gênero debate deliberativo

Para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p.98), antes da produção inicial pode ser apresentado ao aluno um exemplo do gênero a ser produzido. Nesse sentido, esse momento da aula teve como objetivo proporcionar o primeiro contato com o gênero. Iniciei recapitulando o tema abordado nas quatro aulas anteriores que dizem respeito à preservação do ambiente escolar, visto que a escola se encontra em boas condições físicas e urge conscientizar a todos para que seja mantida assim por muito tempo.

Com o intuito de aproximar os alunos do gênero debate deliberativo, exibi três vídeos, todos disponíveis na plataforma *youtube*, de diferentes debates e situações de defesa e arguição. Primeiro foi exibido o vídeo “Em debate, estudantes falam sobre bullying, diferenças e tolerância” (2012); o segundo vídeo foi “Debate deliberativo (2011), e, finalmente, o terceiro foi “Encontro com Fátima Bernardes - Violência contra a mulher” (2019).

O primeiro vídeo, que tem duração de 4 minutos e 16 segundos, mostra alguns jovens estudantes expressando suas opiniões a respeito do que é bullying, além de relatarem casos que já presenciaram, que tiveram conhecimento ou até mesmo de que já foram vítimas. O vídeo foi selecionado pelo fato de mostrar participantes com pontos de vista a respeito do tema. Embora discordassem em alguns pontos, os referidos participantes debatiam de forma clara, a partir de argumentos consistentes. Nesse momento da aula, procuramos focar no tema



abordado no vídeo e na importância de saber argumentar ao produzir o gênero debate deliberativo.

Os alunos participaram parcialmente da discussão a respeito do conteúdo do vídeo como podemos observar em:

#### RECORTE 4

*Professora: o que incomoda a pessoa que deu o depoimento ou foi vítima de agressão?*

*A1: por que toda vez que ( ) queriam bater nele ... é:: porque não sabia ( )*

*A7: ( ) situação ( )*

*A3: ele se sentia incomodado, porque toda vez que ele ia pra escola acontecia isso*

*P: o que você acha desse tipo de comportamento dos agressores, o que pode levar alguém a ser assim?*

*A4: inveja*

*A6: inveja e...*

*( )*

*A1: é, não, na verdade eles estão se rebaixando, porque ( )*

*A4: talvez eles podem ter sofrido também a mesma coisa*

*Professora: o que você faria se estivesse no lugar da vítima?*

*A1: eu ia falar pra minha mãe ou pro meu pai, aí depois eu falava pro professor ou então pro diretor do colégio*

*A2: eu chamaria o professor, o diretor no canto e falava*

Como podemos observar nos excertos acima, preocupamo-nos sempre em deixar os alunos se expressarem. Para isso, foram direcionados constantemente com alguns questionamentos. Os alunos A1 e A3 deram respostas mais completas e utilizaram uma linguagem mais apropriada e expressões que favoreceram a adesão dos colegas aos seus argumentos. Já os alunos A4, A6 e A7 não responderam tão satisfatoriamente, visto que utilizaram respostas curtas e vagas, demonstrando dificuldade em expressar-se oralmente em público, possibilitando à docente refletir sobre sua prática e, assim, elaborar posteriormente atividades que busquem aprimorar a capacidade comunicativa oral desses alunos.

O segundo vídeo, que tem duração de 4 minutos e 39 segundos, apresenta a votação de um debate deliberativo também sobre o bullying feito por uma professora com seus alunos numa sala de aula. Esse vídeo foi exibido com o intuito de proporcionar aos alunos o contato com o gênero debate deliberativo no que diz respeito a uma das partes que o constitui, em que os participantes tentam chegar a uma conclusão a respeito do tema debatido por meio de votação.

Durante comentários sobre o segundo vídeo, o aluno A1 ressaltou que os participantes demonstraram ter estudado a respeito do assunto sobre o qual

debateram. O aluno A3 observou que alguns alunos justificavam o motivo de seu voto e outros não. Salientou ainda que aqueles que explicavam o seu voto tinham mais chances de convencer. O aluno A3 percebeu a importância de usar os argumentos para levar o outro a aderir ao que é proposto sem que eu tivesse realizado nenhuma oficina sobre a argumentação. Observei nessa aula que sempre eram os mesmos alunos que participaram dos comentários. Metade da turma participou ativamente e a outra participou muito pouco.

O terceiro vídeo, que tem duração de 19 minutos e 27 segundos, exibe um trecho do programa “Encontro com Fátima Bernardes” em que os participantes debatem sobre a violência contra a mulher a partir do episódio que ficou conhecido nacionalmente através dos noticiários. Trata-se do fato ocorrido com a paisagista Elaine Peres Caparroz em que o estudante de direito Vinícius Batista Serra, com quem a vítima mantinha conversas através das redes sociais havia algum tempo, espancou-a brutalmente no primeiro encontro que aconteceu em seu apartamento. Esse vídeo foi apresentado aos alunos com o objetivo de propiciar o contato e a familiarização dos alunos com o gênero que será produzido, chamando atenção para a estrutura e alguns aspectos linguísticos e não linguísticos que foram utilizados pelos participantes do debate para expressarem suas opiniões a respeito do tema.

Ao final da exibição de cada vídeo, fiz questionamentos e comentários a respeito de como ocorreram os debates em cada um dos vídeos, chamando atenção quanto à linguagem utilizada pelos participantes para defenderem seus argumentos, em que ponto concordaram ou discordaram, quais argumentos eram mais convincentes e como foi feita a disposição dos participantes no ambiente. Foi um momento em que foi possível perceber o que os alunos já sabiam em relação ao gênero como também possibilitou a minha intervenção a respeito dos problemas apresentados pelos alunos naquele momento da aula, como podemos observar na fala abaixo:

Professora: então assim gente, é importante o debate, o debate é importante porque assim, em diversas situações do dia a dia de vocês a gente precisa estar se expressando oralmente, não só de forma escrita, e a gente precisa fazer isso levando em consideração o ambiente em que nós estamos, se a gente está em uma conversa entre amigos a gente vai, nossa linguagem vai ser de um jeito, se a gente vai em uma situação mais formal, ou seja, em uma entrevista de emprego, em que você tem que expressar sua opinião é:: de uma forma assim em um ambiente mais formal, em um ambiente em que a sua linguagem tem que ser uma linguagem mais polida, uma linguagem que você tem que se adequar aquele contexto, a gente precisa aprender a se comportar ( ) até em forma de postura, em tom de voz né, de maneira que você fale vai ser:: ... entendido e em outros casos como no caso do debate você fazer com que a pessoa entenda o que você quer falar e ela leve em consideração a sua opinião, certo?

Essa etapa demandou um pouco mais de tempo, visto que os alunos relataram não saber de que se tratava o gênero nem em qual situação comunicativa do dia a dia ele se fazia necessário, conhecimento imprescindível para a realização da produção inicial.

#### 1.4.5 Conhecendo algumas especificidades do gênero debate deliberativo

Segundo Costa (2008, p. 76), o gênero *debate deliberativo* visa à discussão de um tema para posterior tomada de decisão, geralmente apresentando, ao final, sugestões para a resolução da problemática.

Nesse sentido, essa aula teve como objetivo conhecer as especificidades do gênero. Iniciei a aula mencionando sobre em que circunstâncias um debate se faz necessário. Expliquei que existem diferentes tipos de debates e que a maioria das pessoas quando ouvem falar em debate, se remetem ao debate político, por estarem mais familiarizadas visto que são transmitidos nacionalmente em época de campanhas eleitorais. Ainda esclareci que alguns tipos de debates são: o debate de opinião controversa, o debate político, o debate deliberativo, entre outros. Em seguida aprofundei a respeito do que é o debate deliberativo e em que este se diferencia dos demais.

Os alunos participaram e responderam aos questionamentos que fui fazendo em relação ao gênero, demonstrando que já estavam se apropriando parcialmente da função comunicativa do gênero. As explicações a respeito do gênero foram colocadas em slides de modo que o aluno fosse levado a perceber em que circunstâncias reais o debate deliberativo se faz necessário. À medida que ia

passando os slides, procurei ainda esclarecer que debater não é brigar, mas discutir respeitando a opinião dos outros.

Alguns alunos participaram, ajudando-me a construir as características do gênero, sempre ressaltando que o gênero surge a partir de uma necessidade real e que tem um destinatário específico.

Durante a exposição dos slides e das explicações, juntamente com as contribuições dos alunos, foram mencionados outros temas que poderiam ser centro de debate na escola, como o uso ou não do boné e do celular na sala de aula, mascar ou não chiclete na sala de aula. Em alguns momentos, os alunos confundiam o debate deliberativo com o debate de opinião controversa, sendo necessária a minha intervenção para fazer os esclarecimentos.

Segui chamando atenção a respeito de como o debate deve ocorrer, como se portar nessa circunstância, dando opinião, contudo sempre respeitando a opinião do outro. Vejamos, a seguir, os slides utilizados na aula com o objetivo de explicitar as especificidades do gênero debate deliberativo:

**Figura 14 - Slides a respeito de algumas especificidades do gênero debate deliberativo**

**Em um debate você vai:**

- \*Discutir...
- \*Contestar...
- \*Polemizar...
- \*Argumentar...
- \*Convencer...
- \*Persuadir...
- \*Defender um ponto de vista...

**Slide 1**

**O QUE É?  
PARA QUE SERVE?  
COMO DEVE SER?**

**Slide 2**

**Para um debate não virar briga, devemos:**

- \*Dar direito a todos os participantes de poderem expressar suas opiniões e argumentos.
- \*Não interferir quando o(s) outro(s) participante(s) estiver(em) expondo suas opiniões e argumentos.
- \*Respeitar os participantes, para não ofender com palavras ou gestos como: xingamento, zombaria, palavras de baixo calão, gestos obscenos, etc.

**Slide 3**

- \* Debater não é brigar.
- \*As divergências e as discussões estão presentes em várias situações de nossa vida.
- \* A divergência é a condição necessária para que um debate aconteça.
- \* Deve haver respeito entre os participantes para que o debate não se transforme em briga.

**Slide 4**

### Quando ocorre o debate?

\*O debate pode ocorrer entre candidatos a um cargo político, participantes de um congresso científico, na sala de aula para abordar um tema polêmico ou resolver problemas coletivos.

### DEBATE DELIBERATIVO

\***Deliberar** é tomar uma decisão ou resolver algo mediante uma discussão.

\*No debate deliberativo, os participantes pensam sobre o tema, elaboram hipóteses, argumentam e ouvem os argumentos dos outros para decidir qual a melhor decisão a ser tomada.

### Slide 5

#### Como agir em um debate deliberativo?

- \*Pensar na situação ou tema propostos no debate.
- \*Elaborar hipóteses sobre a melhor decisão.
- \*Elaborar argumentos para defender a hipótese.
- \*Ouvir as hipóteses e argumentos dos participantes.
- \*Decidir sobre a melhor decisão a ser tomada.

**Observação:** Pode haver negociações e mudanças de posição durante o próprio debate.

### Slide 6

\*Na escola, o debate deliberativo pode acontecer para decidir, por exemplo, sobre qual livro será lido pela turma, ou quais medidas serão adotadas por todos para resolver um problema coletivo.

\*Então, o grupo reúne-se para negociar uma decisão.

### Slide 7

- 4) Pense em argumentos para defender sua hipótese.
- 5) É preciso escolher quem dá início ao debate, e qual a ordem que os participantes irão falar. Isso pode ser feito por meio de um sorteio.
- 6) É possível que mais de uma pessoa tenha a mesma ideia, nesse caso, a que concordar com o que já foi sugerido deve justificar sua escolha.

### Slide 8

#### Passo a passo de um debate:

- 1) Pensar em um problema coletivo que precisa de solução.
- 2) Organizar a sala. Pode ser em forma de círculo, por exemplo.
- 3) Anotar sua hipótese para resolver o problema. (Para evitar que você esqueça, já são muitos participantes e você vai ouvir muitas hipóteses).

### Slide 9

**“Posso não concordar com nenhuma das palavras que você disser, mas defenderei até a morte o direito de você dizê-las.”**  
(Voltaire)

**“Na discussão, o vencido obtém maior proveito, pois aprende aquilo que ainda não sabia.”**  
(Epícuro)

### Slide 10

- 7) Depois, quando todos expuserem suas hipóteses e seus argumentos, se não prevalecer uma decisão, o professor faz uma votação (aberta ou secreta) entre as duas mais aceitas entre os participantes para chegar a uma conclusão.
- 8) Se a votação for aberta, é importante que haja a justificativa da escolha.
- 9) A escolha por votação é uma prática democrática e os participantes devem evitar votar nulo ou em branco, pois expressar sua decisão é um exercício da cidadania.

### Slide 11

### Slide 12



Slide 13

Fonte:

[http://www.sintufmt.org.br/noticias/id324570/primeiro\\_debate\\_dos\\_candidatos\\_a\\_reitoria\\_sera\\_no\\_hujm](http://www.sintufmt.org.br/noticias/id324570/primeiro_debate_dos_candidatos_a_reitoria_sera_no_hujm) em 22/04/2019.

A minha intervenção ao fazer esclarecimentos de forma sistemática sobre as especificidades do gênero debate deliberativo e em qual situação concreta de uso da língua o gênero debate urge ser produzido, foi de grande relevância para que os alunos pudessem produzir a primeira versão do gênero.

Ao final, combinamos que, na aula seguinte, seriam elaboradas coletivamente as regras do debate deliberativo e a ordem de fala de cada participante. Sugeri que pesquisassem sobre a importância da preservação do patrimônio público, caso ainda não se sentissem seguros a respeito do tema, visto ser esse o assunto sobre o qual debateriam no debate deliberativo da produção inicial.

#### 1.4.6 Elaborando coletivamente as regras do debate

Dantas e Marine (2015, p.44) afirmam que é papel da escola mediar o aluno possibilitando-lhe “transitar com segurança dos contextos menos formais aos mais formais de produção de textos orais e escritos, adequando-os, assim, às exigências da situação comunicativa”. Desse modo, essa etapa teve como objetivo reconhecer as regras do debate para que os alunos percebessem que se trata de uma situação formal de uso da língua oral, que exige o cumprimento de regras.

Iniciei a aula informando que, naquele dia, seriam elaboradas as regras do debate deliberativo, além de sortear a ordem de fala de cada participante. Um aluno questionou se o debate não poderia ser realizado logo naquele dia e aproveitei para levar o questionamento para a turma. Muitos alunos manifestaram-se contrários a essa proposta e, quando questionados, justificaram que precisariam se preparar para tal momento.

Embora não tivesse a pretensão de realizar o debate naquele dia, deixei que os próprios alunos que se opuseram justificassem a impossibilidade de um debate acontecer de forma mais eficaz sem que houvesse uma preparação. A esse respeito, Dolz, Noverraz e Haller (2004, p.176) ressaltam que “as formas institucionais do oral implicam modos de gestão mediados, que são essencialmente individuais. Exigem antecipação e necessitam, portanto, preparação”. Após as discussões, o aluno que sugeriu que o debate fosse naquele dia, convenceu-se de que a sistematização e preparação dos argumentos são necessárias para o bom andamento do debate.

Nesta aula ainda, elaborei juntamente com os alunos as regras do debate e certifiquei-me de que todos tinham entendido como deveriam proceder. A turma, que é composta por 10 alunos, foi dividida em duplas, escolhidas mediante sorteio. Também foi feito um sorteio para definir a ordem de fala de cada dupla. Vejamos as regras elaboradas para o primeiro debate.

#### **Quadro 4 - Regras do debate deliberativo - Produção inicial**

##### Regras do debate deliberativo

- O debate terá a duração de 45 minutos.
- Cada participante terá 2 minutos para responder a cada pergunta.
- As perguntas direcionadas a cada participante serão indicadas por meio de sorteio.
- Será feito um sorteio para decidir a ordem em que cada participante irá falar.
- Os participantes serão divididos em duplas.
- Nenhum participante pode interromper o debate na vez do outro.
- Não serão permitidos xingamentos, zombaria ou palavras de baixo calão.
- Caso algum participante queira fazer réplica, fazer a inscrição com o mediador, fazendo sinal com o braço. O tempo de réplica será de 1 minuto, se for necessário ou solicitado por algum participante e autorizado pelo mediador, o tempo de tréplica também será de 1 minuto.
- Ao final das discussões, cada dupla apresentará sugestões para a resolução do problema. Se surgirem muitas sugestões, serão colocadas em votação.

Fonte: Disponível em <http://licoespraticas.blogspot.com/2014/11/debate-em-sala-de-aula-regras.html> em 20/04/2019(adaptado pelas pesquisadoras, juntamente com os alunos)

Considerando que o aluno deve ser participante ativo do seu aprendizado e levando em conta que a escola é o principal agente formador de cidadãos autônomos capazes de intervir e resolver problemáticas relacionadas ao seu cotidiano, possibilitar ao aluno a oportunidade de contribuir para a elaboração das regras do debate é bastante pertinente. A respeito disso, a BNCC orienta como uma das habilidades para os alunos das séries finais do ensino fundamental:

(EF89LP12) Planejar coletivamente a realização de um debate sobre tema previamente definido, de interesse coletivo, com regras acordadas e planejar, em grupo, participação em debate a partir do levantamento de informações e argumentos que possam sustentar o posicionamento a ser defendido (o que pode envolver entrevistas com especialistas, consultas a fontes diversas, o registro das informações e dados obtidos etc.), tendo em vista as condições de produção do debate – perfil dos ouvintes e demais participantes, objetivos do debate, motivações para sua realização, argumentos e estratégias de convencimento mais eficazes etc. e participar de debates regrados, na condição de membro de uma equipe de debatedor, apresentador/mediador, espectador (com ou sem direito a perguntas), e/ou de juiz/avaliador, como forma de compreender o funcionamento do debate, e poder participar de forma convincente, ética, respeitosa e crítica e desenvolver uma atitude de respeito e diálogo para com as ideias divergentes. (BRASIL, 2018, p. 181)

Isso nos leva a considerar que a prática pedagógica do professor precisa estar cada vez mais voltada para os saberes que os alunos já possuem e a partir disso, aprimorá-los por meio de intervenções didáticas específicas.

### 1.5 A produção inicial: o primeiro debate

No momento da primeira produção, os alunos, ao tentar elaborar o primeiro texto, expressam para si mesmos e para o professor as representações que construíram da atividade proposta, como afirmam Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

As perguntas que seguem nortearam o debate e foram elaboradas por mim, objetivando coletar os dados que são o foco da pesquisa:

#### Quadro 5 - Perguntas para o debate deliberativo – Produção inicial

##### Perguntas para o debate deliberativo – Produção inicial

TEMA: A importância de preservar o patrimônio escolar

1ª pergunta: Qual a importância de se preservar o patrimônio escolar?

2ª pergunta: O que leva alguns alunos a cometerem atos de vandalismos na escola?

3ª pergunta: Que tipo de degradação do patrimônio escolar costuma ocorrer, principalmente na escola onde você estuda?

4ª pergunta: Qual a responsabilidade dos pais quanto ao mau comportamento dos filhos em relação a atos de vandalismos e degradação na escola?



5ª pergunta: Existem leis que responsabilizam os alunos infratores e os obrigam a repararem os danos causados à escola. O que você acha desse tipo de punição?

6ª pergunta: Você acha que deveriam ter punições mais severas para os estudantes infratores? Se sim, quais?

7ª pergunta: Em sua opinião, o que um aluno deve fazer ao presenciar um colega cometendo atos de degradação ao patrimônio escolar?

8ª pergunta: Quais as consequências que a não preservação do ambiente escolar, seja no mobiliário, seja na estrutura do prédio ou dos arredores da escola podem causar para os usuários desse bem público?

9ª pergunta: Como todos sabem, nossa escola foi reformada recentemente. Quais ações práticas vocês sugerem para que ela se mantenha preservada e continue sendo um ambiente agradável e confortável para todos os que a utilizam? Mencione pelo menos 2 ações que envolvam toda a escola.

Fonte: Elaboradas pela pesquisadora.

O primeiro debate constituiu a produção inicial e ocorreu dentro da sala de aula da turma participante da pesquisa. Os alunos foram organizados em duplas e dispersos em forma de semicírculo. Como fui a mediadora, posicionei-me à frente dos alunos-participantes para conduzir o debate e iniciei ressaltando o objetivo do debate, o tema que seria discutido e, em seguida, fiz a leitura das regras que norteariam a discussão.

Houve uma preocupação constante em levar os alunos a perceberem que se tratava de uma situação formal de uso da língua oral e, assim sendo, demandava que algumas normas fossem respeitadas.

Nesse momento da SD, já foi possível observar alguns pontos que podem ser melhorados tanto em relação à minha atuação como moderadora e quando dos alunos como participantes. Em relação à minha participação, faz-se necessário, em debates futuros, desenvolver estratégias para deixar os alunos mais à vontade para se expressarem, além de elaborar questões para o debate com uma linguagem mais acessível aos alunos, visto que, na produção inicial, em alguns momentos os alunos demonstraram dificuldades em compreender as perguntas, como podemos ver em:

## RECORTE 5

*Professora: próxima pergunta é para A1 e A7... que na verdade o A1 vai responder né, A1? você acha, como nós já sabemos pessoal, existem punições para as pessoas que cometem atos de vandalismos nas escolas, você acha que teria que ter condições mais severas para os estudantes infratores, se você achar que sim, quais seriam essas punições?*

*A1: qual a pergunta?*

*Professora: você acha que deveria ter punições mais rígidas para os alunos infratores, para os alunos que cometem esses atos de vandalismos, se sim, quais seriam essas punições, o que você acha que deve ser feito?*

*A1: punições mais pesadas é ( ) é?*

*Professora: sim, o que você acha que deveria ser feito com os alunos que cometem atos de vandalismos?*

*A1: é:: : é:: : pagar o que você quebrou, pinchou, é ( ) alguma coisa assim, quebrar, ô, pagar*

*Professora: Que tipo de degradação do patrimônio escolar costuma ocorrer na escola que você estuda? Você pode falar principalmente na escola que você estuda, mas você pode falar de algum tipo de degradação que ocorre em outras escolas também, entendeu a pergunta?*

*A4: Acena a cabeça que não*

*Professora: Que tipo de degradação, que tipo de destruição do patrimônio escolar costuma ocorrer nas escolas, o que geralmente as pessoas destroem, que tipo de degradação do patrimônio escolar costuma ocorrer nas escolas? Tempo de dois minutos tá A1?*

*A4: é, quebrar as cadeiras, a mesa, o quadro ...*

Observando o excerto acima, podemos perceber que tanto A1 quanto A4 tiveram dificuldades para compreender a pergunta feita por mim. Por isso, após ouvir a leitura da pergunta sorteada, A1 me questiona sobre qual era a pergunta e A4 acena com a cabeça demonstrando que também não entendeu a pergunta. Esse fato contribuiu para que eu pudesse refletir sobre minha prática no sentido de melhor elaborar as perguntas tanto da produção final que constitui a SD dessa pesquisa, quanto em minhas práticas posteriores. Esse já deve ser considerado um ganho para mim como docente pesquisadora, que pude refletir e modificar minha prática.

No momento do debate, os alunos mostraram-se muito tímidos, provavelmente por terem consciência de que estavam sendo filmados, demonstrando assim que há a necessidade de serem mais constantemente expostos a situações em que sejam filmados. Isso também serviu de base para a minha escolha das atividades de intervenção.

Outro agravante também observado posteriormente, como um possível fator que contribuiu para que o tempo da atividade tivesse se dado de forma reduzida,

visto que os alunos responderam quase sempre utilizando respostas curtas, sem explorar muito a defesa de argumentos, pode ter sido o fato de o debate ter sido filmado pela diretora. Provavelmente por não se sentirem tão à vontade com a presença dela pela função de autoridade que ela representa na escola, como podemos ver no excerto do momento da SD em que os alunos assistiram ao vídeo da produção inicial para fazerem a autoavaliação:

#### RECORTE 6

*Professora: Aquele primeiro debate foi sobre a preservação do patrimônio escolar, ali vocês falaram, opinaram, debateram, né, vocês falaram também em relação a ficar mais acanhados, ficaram mais tímidos, não conseguiram se soltar pelo fato de estarem sendo filmados né, ( ) na diretora?*

*A1: sim*

*Professora: se fosse o colega de vocês que filmassem, vocês ficariam mais a vontade do que sendo a diretora?*

*(Múltiplas falas)*

*A1: tia, eu fiquei com um pouco de vergonha*

*A6: sim*

*A3: eu acho que sim*

*A3: inaudível*

Acreditamos que, por se sentirem intimidados pela presença da diretora, isso foi um fator que também contribuiu para que os alunos não utilizassem o tempo disponível para as respostas, o que limitou um pouco o desenvolvimento da atividade.

Durante a realização da produção inicial, os alunos parecem ter se apropriado da função do gênero até certo ponto, visto que respeitaram os turnos de fala de cada participante e compreenderam em que situação o debate se faz necessário. Esse segundo fato ficou nítido quando começaram a sugerir temas para debates posteriores, comprovando que se apropriaram da função comunicativa do gênero.

Após a produção inicial, iniciou-se o período de avaliações na escola. A pesquisa só foi retomada duas semanas depois da realização da produção inicial.

## 1.6 Os módulos

Nesse momento da SD, Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 103) salientam que “trata-se de trabalhar os *problemas* que apareceram na primeira produção e de dar aos alunos os instrumentos necessários para superá-los”. Sendo assim, diante

dos problemas identificados na produção inicial, elaboramos atividades organizadas em *módulos* com o intuito de oferecer aos alunos subsídios para que sejam capazes de superá-los.

### 1.6.1 Avaliando o debate

Haydt (2004, p. 147) ressalta que a autoavaliação é uma forma que permite aos alunos “dizer quais são seus pontos fortes, o que aprenderam e no que precisam melhorar”. Nesse sentido, esse momento da aula teve como objetivo levar os alunos a adquirirem maior conhecimento sobre o gênero debate deliberativo como também se autoavaliar a respeito do desempenho na produção inicial, o que possibilitaria que refletissem sobre sua postura, gerando avanços em produções posteriores tanto do gênero em foco quanto em outros que também demandam mais formalidade e defesa de argumentos.

Nessa aula, foi exibido o vídeo do primeiro debate (produção inicial) e foi feita uma autoavaliação em sala de aula para análise da primeira produção por meio de uma ficha que foi distribuída individualmente para cada aluno. A ficha de autoavaliação proposta para que os alunos utilizassem foi elaborada a partir das orientações de Dolz, Schneuwly e Haller (2004).

Ainda de acordo com esses autores (2004, p. 159), “tomar a palavra está em relação íntima com o corpo”. Sendo assim, a forma de comunicação oral não se limita apenas ao que é produzido pelo aparelho fonador e ao que é falado, mas está relacionada ainda a outras expressões produzidas pelo corpo. Nesse sentido, os autores salientam que:

a comunicação oral não se esgota somente na utilização de meios linguísticos ou prosódicos; vai utilizar também sistemas semióticos não linguísticos, desde que codificados, isto é, convencionalmente reconhecidos como significantes ou sinais de uma atitude. É assim que mímicas faciais, posturas, olhares e gestualidade do corpo ao longo da interação comunicativa vêm confirmar ou invalidar a codificação linguística e/ou prosódica e mesmo, às vezes, substituí-la (DOLZ, SCHNEUWLY; HALLER, 2004, p. 160).

A escolha dos critérios selecionados abrangeu aspectos linguísticos e não linguísticos visando levar os alunos a perceberem se, ao realizarem a produção inicial, atenderam à função comunicativa do gênero e como os debatedores

utilizaram recursos paralinguísticos (tom de voz, volume, pausas, ritmo de fala) e cinésicos (expressividade, gestualidade, postura, expressão facial).

O quadro que segue mostra os meios não linguísticos que permeiam uma produção oral apontados pelos autores.

**Quadro 6 - Meios não linguísticos da comunicação oral**

MEIOS PARALINGUÍSTICOS	MEIOS CINÉSICOS	POSIÇÃO DOS LOCUTORES	ASPECTO EXTERIOR	DISPOSIÇÃO DOS LUGARES
qualidade da voz melodia elocução e pausas respiração risos suspiros	atitudes corporais movimentos gestos troca de olhares mímicas faciais	ocupação de lugares espaço pessoal distâncias contato físico	roupas disfarces penteado óculos limpeza	lugares disposição iluminação das cadeiras ordem ventilação decoração

Fonte: Dolz, Schneuwly e Haller (2004, p. 160).

Vejamos a ficha de autoavaliação elaborada e distribuída para os alunos:

**Quadro 7 - Ficha de autoavaliação**

CRITÉRIOS PARA AVALIAÇÃO DO TEXTO ORAL GÊNERO TEXTUAL: DEBATE DELIBERATIVO	SIM	NÃO	PRECISA MELHORAR
1. O texto produzido apresenta características de um debate deliberativo?			
2. O texto foi produzido levando em conta o tema proposto e o contexto de comunicação?			
3. A utilização da linguagem foi adequada à situação comunicativa?			
4. Os debatedores expressaram as suas propostas e argumentos com clareza e coesão?			
5. O tom de voz utilizado foi adequado?			
6. A postura corporal dos debatedores favoreceu a adesão dos interlocutores à suas propostas?			
7. Os gestos e a expressão facial dos debatedores contribuíram para que se saíssem bem durante o debate? O olhar manteve-se direcionado aos interlocutores?			
8. Os debatedores respeitaram as trocas de turnos dos outros participantes?			
9. Todos os debatedores mostraram-se desinibidos para expressarem seus pontos de vista?			
10. Os debatedores chegaram a um consenso a respeito do que foi debatido?			
11. Algum debatedor se sobressaiu e conseguiu convencer aos demais?			

Fonte: Adaptado pela autora a partir do modelo de Dantas (2015, p. 60)

Como podemos observar, a ficha de autoavaliação continha 11 critérios e 3 conceitos, sendo que o aluno deveria assinalar com um X em apenas um conceito a cada critério, de acordo com a forma como ele avalia o desempenho da turma em relação à produção inicial. Foi solicitado que preenchessem a ficha logo após a exibição do vídeo da produção inicial. Essa etapa contou com a participação dos 8 alunos, que realizaram todas as atividades propostas na SD desde o início da pesquisa. Vejamos o quadro abaixo que mostra a quantidade de alunos e o resultado da avaliação da turma quanto à produção do primeiro debate deliberativo.

**Quadro 8 - Representação do resultado da autoavaliação da turma quanto à produção do primeiro debate deliberativo**

CRITÉRIOS PARA AVALIAÇÃO DO TEXTO ORAL GÊNERO TEXTUAL: DEBATE DELIBERATIVO	SIM	NÃO	PRECISA MELHORAR
1. O texto produzido apresenta características de um debate deliberativo?	6	0	2
2. O texto foi produzido levando em conta o tema proposto e o contexto de comunicação?	6	2	0
3. A utilização da linguagem foi adequada à situação comunicativa?	2	1	5
4. Os debatedores expressaram as suas propostas e argumentos com clareza e coesão?	3	2	3
5. O tom de voz utilizado foi adequado?	4	0	4
6. A postura corporal dos debatedores favoreceu a adesão dos interlocutores à suas propostas?	3	2	3
7. Os gestos e a expressão facial dos debatedores contribuíram para que se saíssem bem durante o debate? O olhar manteve-se direcionado aos interlocutores?	1	1	6
8. Os debatedores respeitaram as trocas de turnos dos outros participantes?	8	0	0
9. Todos os debatedores mostraram-se desinibidos para expressarem seus pontos de vista?	2	3	3
10. Os debatedores chegaram a um consenso a respeito do que foi debatido?	8	0	0
11. Algum debatedor se sobressaiu e conseguiu convencer aos demais?	6	0	0

Fonte: Adaptado pelas autoras a partir do modelo de (DANTAS, 2015, p.60)

Ao analisar o resultado da avaliação da produção inicial, observamos que os critérios 1, 2, 8, 10 e 11 foram considerados pelos alunos como os mais satisfatórios, visto que mais de 60% avaliaram que o texto produzido apresentou características de um debate deliberativo, foi produzido levando em conta o tema proposto e o contexto de comunicação, bem como houve respeito dos debatedores em relação à troca de turnos dos outros participantes. Esse mesmo percentual avaliou que os

debatedores chegaram a um consenso a respeito do que foi debatido e que algum debatedor se sobressaiu e conseguiu convencer os demais.

Apenas os critérios 2, 4 e 9 foram considerados insatisfatórios por 25% dos alunos durante a produção inicial. De acordo com a avaliação desses alunos, o texto produzido não levou em conta o tema proposto e o contexto de comunicação, os debatedores não expressaram as suas propostas e argumentos com clareza e coerência e consideraram que nem todos os debatedores mostraram-se desinibidos para expressarem seus pontos de vista.

Os critérios que precisam ser melhorados, segundo a avaliação dos alunos, foram os 3 e 5, que estão relacionados à utilização da linguagem adequada à situação comunicativa e ao tom de voz utilizado.

Em relação ao critério 6, houve um equilíbrio, pois 3 alunos consideraram satisfatório, 2 alunos consideraram insatisfatório e 3 avaliaram como um critério que precisa ser melhorado. Esse critério está relacionado à postura corporal dos debatedores e como seu uso adequado pode favorecer a adesão dos interlocutores às propostas do debatedor.

Observando a avaliação da produção inicial, podemos perceber que os alunos tiveram dificuldades para identificar os pontos que não foram satisfatórios no debate. Na avaliação da pesquisadora, alguns critérios considerados exitosos pelos alunos, não se desenvolveram tão bem assim.

Por outro lado, a atividade possibilitou aos alunos identificarem do que já tinham se apropriado a respeito da função comunicativa do gênero em foco e de suas peculiaridades. Além disso, me possibilitou também identificar até que ponto os alunos já conseguiam compreender e utilizar os recursos linguísticos e não linguísticos como subsídios que podem favorecer sua comunicação oral nos diferentes contextos sociais em que estão inseridos.

Nesse sentido, a BNCC (2018, p. 145) orienta que o aluno da segunda fase do ensino fundamental deve ser capaz de “Analisar, em gêneros orais que envolvam argumentação, os efeitos de sentido de elementos típicos da modalidade falada, como a pausa, a entonação, o ritmo, a gestualidade e a expressão facial, as hesitações etc.”. Dessa forma, consideramos pertinente esse momento da aula, durante o qual os alunos puderam refletir sobre sua atuação na produção inicial e, desse modo, por meio de minhas intervenções, possibilitar avanços em produções futuras do gênero debate deliberativo.

### 1.6.2 Abordando aspectos linguísticos e não linguísticos relacionados à oralidade

Considerando que, para produzir um gênero de acordo com as peculiaridades que o constitui, faz-se necessário o constante contato com este gênero, esse momento da aula objetivou permitir ao aluno o acesso a uma situação real de comunicação em que o debate se faz necessário.

Foi apresentado o vídeo intitulado “Polêmica! Liberar ou não o uso de celular na escola e sala de aula? – Fantástico, 05/08/2018”, exibido no programa Fantástico da Rede Globo. O vídeo procura mostrar as vantagens e as desvantagens do uso do celular na sala de aula a partir dos comentários feitos pelos repórteres e por especialistas, usando como exemplo um fato ocorrido numa escola da França em que os alunos foram proibidos de levar o celular para a escola.

Para essa atividade, as questões relacionadas ao tema abordado no vídeo foram respondidas oralmente pelos alunos, como podemos observar no excerto:

#### RECORTE 7

*Professora: tá, olha só, então, presta atenção aqui, é:: ... todos os entrevistados foram a favor do uso do celular ou não?*

*A2: não*

*A1: não*

*Professora: quem foi a favor?*

*A2: os alunos*

*A1: os alunos*

*Professora: mas teve alguém, mais adulto que foi a favor?*

*A4: tem*

*A2: aquele, aquele lá moço ... o professor*

*Professora: tá, quem foi a favor justificava o quê? Em que sentido o celular seria benéfico?*

*A1: entretece mais, seria mais/*

*Professora: interessante*

*A8: seria mais divertida a aula*

*A1: ( ) conhecimento*

*Professora: sim, teria mais conhecimento né, e quais as desvantagens apresentadas por quem era contra?*

*A2: é:: isolamento social*

*A1: tira a atenção*

*Professora: tira a atenção*

*A6: e::*

*Professora: e vocês concordam?*

*A4: não*



*Professora: vocês concordam, a repórter ela mencionou não foi, ela mencionou que o problema não é sobre o uso, proibir ou não proibir, mas é sobre você pesar as vantagens e as desvantagens, vocês concordam quando ele fala de proibir por determinados motivos, vocês acham que isso realmente acontece?*

*A1: tem, alguns*

*Professora: por exemplo, em uma escola lá é permitido, o que eles poderiam fazer lá?*

*A2: lá eles só permitem é::*

*A3: a pronuncia de uma::*

*A1: fala de inglês, um livro*

*Professora: isso, é:: (Ra)*

*A5: eles só permite na hora ( ) ler um livro*

Como podemos observar no recorte acima, a maioria dos alunos participou da discussão mediada pela docente a respeito do que foi abordado no vídeo. Contudo A1 e A2 participaram com mais frequência. Ainda assim podemos observar um avanço da maior parte dos alunos em relação a expressar-se oralmente, visto que, nas primeiras aulas da SD, quando foi solicitado que participassem de forma mais espontânea, houve a participação de um número menor de alunos.

A maior parte dos alunos da turma estuda na mesma sala há um bom tempo, mas, ainda assim, observamos que, em aulas anteriores da SD, alguns se sentiam intimidados em falar diante de mim e dos colegas. Nesse momento da aula, identifiquei que houve avanço em relação à timidez e à dificuldade de expressarem-se oralmente. Nesse sentido, observei que alguns alunos que não participaram das primeiras discussões, já se sentiam mais à vontade para dar suas opiniões e contribuições na sala de aula.

Além de abordar o tema explorado no vídeo, essa atividade teve também como objetivo ainda proporcionar ao aluno a participação em uma situação de uso da linguagem oral na sala de aula, tendo como foco a abordagem de aspectos relacionados à oralidade como a postura, a expressão facial, a linguagem utilizada, além de levá-los a adquirir repertório sobre o tema a ser discutido em atividades posteriores da sequência didática.

Os PCNLP (BRASIL, 1998, p. 49) orientam que, no processo de escuta de textos orais, além de serem capazes de utilizar adequadamente os recursos verbais da linguagem de acordo com o contexto de interlocução e com o interlocutor, espera-se que o aluno “reconheça a contribuição complementar dos elementos não-verbais (gestos, expressões faciais, postura corporal)”. Esses aspectos foram

abordados durante esse momento da aula por meio das intervenções da docente, mediante questionamentos feitos por ela aos alunos, baseando-se no desempenho dos participantes da reportagem, como podemos ver em:

#### RECORTE 8

*Professora: o repórter né? Ah:: ... então eu pergunto pra vocês é:: teve algum participante lá do vídeo que vocês assistiram? Em relação aos alunos ... assim, vocês acham que a postura dele, ou dela, você acha que teve alguém que não teve a postura muito adequada?*

*A2: tinha uma menina que estava assim  
(múltiplas falas)*

*A1: aquela menina que (estava mexendo no celular)*

*Professora: no celular, e ela falando que/*

*A3: duas meninas*

Como podemos observar no recorte acima, chamo atenção dos alunos a respeito da postura corporal de alguns dos participantes da reportagem e direciono o questionamento inicialmente aos alunos com o intuito de identificar se já conseguiram se apropriar de como esse meio não linguístico usado adequadamente pode influenciar positivamente na adesão do interlocutor à ideia que está sendo proposta e defendida por quem está proferindo o discurso. Desse modo, a partir dos comentários feitos pelos alunos, fiz as intervenções oralmente.

#### 1.6.3 Discussão em grupo

Segundo a definição apresentada no livro didático da turma do 7º ano (turma participante da pesquisa), da coleção *Português e Linguagens*, de William Cereja e Tereza Cochar Magalhães (2015, p. 162), a discussão em grupo é um gênero argumentativo oral, produzido coletivamente, em que os participantes expressam seu ponto de vista, geralmente, sobre um assunto polêmico e pode servir de preparação para a produção de outros gêneros orais, como o debate, por exemplo. Esse gênero não possui regras fixas, contudo deve vigorar o respeito pela opinião e pelo turno de fala do outro.

Nesse sentido, os PCNLP (1998, p. 50) salientam que “é necessário diversificar as situações propostas tanto em relação ao tipo de assunto como em relação aos aspectos formais e ao tipo de atividade que demandam – fala, escuta e/ou reflexão sobre a língua”. Sendo assim, entendemos ser pertinente promover

nesse momento da SD uma discussão em grupo a respeito do tema da produção final com o intuito de identificar o conhecimento que os alunos já possuíam a respeito do assunto “O uso do celular na sala de aula”, além de oportunizar ao aluno na sala de aula mais uma situação diversificada de comunicação envolvendo a oralidade.

Essa atividade, filmada por um aluno, objetivou também diminuir a timidez da turma, um dos fatores que comprometeram o bom desenvolvimento da produção inicial. Nessa aula, os alunos discutiram em grupo a respeito do tema a ser debatido na produção final a partir da pergunta “Quais os prejuízos do uso do celular na vida dos adolescentes?”. Os alunos foram organizados em círculo, numa área fora da sala de aula, e em seguida iniciei a conversa sobre o tema, ressaltando que, durante a discussão, quem quisesse tomar a palavra deveria levantar o braço.

Sugeri que a turma escolhesse um relator que ficaria responsável por anotar as ideias mais importantes que surgissem durante a discussão em grupo. Ao final, o relator apresentou oralmente suas anotações para a classe. Solicitei que os demais colegas prestassem atenção ao que estava sendo apresentado, levando em consideração se o que ele estava informando oralmente foi de fato dito durante a discussão.

Analisando o envolvimento com essa atividade, observei progresso em relação ao conhecimento adquirido a respeito do tema da produção final e também no que diz respeito à elaboração dos argumentos, como podemos ver no recorte 9:

#### RECORTE 9

*Professora: tá, então assim, como eu já tinha falado com vocês a gente vai conversar um pouquinho sobre é:: nessa conversa a gente vai tentar responder a partir da pergunta: quais são os prejuízos do uso do celular na vida dos adolescentes, tá, então assim, vocês acham que o celular causa prejuízos na vida dos adolescentes ou não, se sim, quais prejuízos que o celular pode causar?*

*A1: sim, o vício*

*Professora: como? Explica melhor*

*A1: quanto mais ele mexe no celular, mais ele vai ficar mais viciado, tipo de manhã, se ele estudar de tarde ... ele vai ter que deixar o celular lá na casa dele pra ir pra não ficar mexendo e chamar atenção, aí se for permitido ele vai mexer mais e não vai prestar atenção na aula*

*Professora: hum, aí você já está falando do celular na sala de aula né?*

*A1: é*

*Professora: mas de modo geral, sem ser só não na escola, mas de modo geral, em casa, assim, quais são os prejuízos, na escola ele vai fazer com que a pessoa não preste atenção né, como você está falando, e fora da*

*escola, quais são os prejuízos que o celular pode causar na vida de um adolescente? O vício né?*

*A5: queimando a panela*

*Professora: queimar a panela, o que mais?*

*A6: ele não vai querer mais sair ... vai ficar preso dentro de casa só no celular*

*A8: ele vai se afastar dos amigos*

*A4: ( ) eu acho que mataram alguns alunos né, foi por conta de jogo também*

*Professora: jogo de celular né, então/*

*A4: jogo da pessoa matar a outra, eu acho que ( ) só queria praticamente colocar na realidade né*

*Professora: hãram*

*A3: a pessoa pode até morrer, fica tão viciada no celular e quando vai sair de casa já pega o celular e fica andando no meio da rua, pode a até bater em um carro, sem contar o problema de visão que dá*

*A5: também é perigoso dirigir mexendo no celular*

Observei durante esse momento da aula que houve a participação de um número maior de alunos em relação às primeiras atividades da SD e, que os alunos demonstraram já possuir mais repertório acerca do tema da produção final. Isso possibilitou construíssem seus argumentos de forma mais consistente, como podemos observar nas falas de A1 e A3:

#### RECORTE 10

*A1: quanto mais ele mexe no celular, mais ele vai ficar mais viciado, tipo de manhã, se ele estudar de tarde ... ele vai ter que deixar o celular lá na casa dele pra ir pra não ficar mexendo e chamar atenção, aí se for permitido ele vai mexer mais e não vai prestar atenção na aula*

*A3: a pessoa pode até morrer, fica tão viciada no celular e quando vai sair de casa já pega o celular e fica andando no meio da rua, pode a até bater em um carro, sem contar o problema de visão que dá*

Desse modo, o objetivo da aula foi alcançado por entendermos que o aprimoramento do oral é um processo contínuo e que, embora os progressos ainda não tenham englobado toda a turma, as intervenções da professora durante a realização de atividades realizadas anteriormente já possibilitaram um avanço significativo na maioria dos alunos.

Durante a realização dessa atividade, a docente refletiu sobre os ganhos para os alunos quando o professor aborda o oral formal de forma sistemática e reconheceu a urgência de estender o ensino do oral em suas aulas posteriores à pesquisa.

#### 1.6.4 Sistematizando os argumentos

Ao discutirmos sobre o ensino de um gênero oral formal, é imprescindível que o aluno perceba que não se está falando de uma forma de comunicação que pode ser feita de qualquer forma, sem uma preparação prévia. Embora os alunos já saibam desde cedo falar, argumentar e defender seus pontos de vista, mesmo que de maneira mais espontânea e menos formal, cabe à escola levá-los a avançar no sentido de fazê-los perceber que a produção de algumas falas precisa ser elaborada previamente para que consigam se sobressair e atingir o objetivo de comunicação pretendido. Quanto a isso, Soares (1998) salienta que:

Não basta (...) que atividades de linguagem oral sejam consideradas apenas como oportunidades de interação oral com o professor e os colegas; elas precisam ser planejadas para o desenvolvimento de habilidades de produção e recepção de textos orais frequentemente em situações mais formais, que exigem preparação e estruturação adequada da fala, textos de diferentes gêneros. (SOARES, 1998, p. 22)

Sendo assim, nesse momento da SD, iniciei lembrando as regras do debate e sugeri que os alunos lessem para que soubessem como se comportar durante a discussão. Informando sobre a importância de sistematizar por escrito alguns pontos relacionados ao tema que cada dupla discutiria no debate, ressaltai que, por ser um gênero formal, a fala não deve ser improvisada, mas deve sim haver um preparo com antecedência.

Inicialmente, solicitei que eles escrevessem em tópicos alguns argumentos que poderiam ser utilizados no debate de forma livre, porém os alunos tiveram dificuldades para selecionar o que seria relevante colocar e acabei direcionando a escrita, fazendo alguns questionamentos: quais os benefícios do uso do celular na sala de aula? Quais os prejuízos do uso do celular na sala de aula? Deveria ser aplicada alguma punição para os alunos que utilizam o celular na sala de aula? Se sim, qual?

Logo após os questionamentos, os alunos tiveram mais facilidade e conseguiram escrever. Dei o tempo de 35 minutos para que pudessem realizar essa atividade, o que foi cumprido por todos. Sugeri ainda que pesquisassem mais sobre

o tema para que tivessem maior repertório e conhecimento, ressaltando que teriam mais facilidade de saírem-se bem no debate.

O objetivo da aula foi alcançado, visto que todos os alunos conseguiram sistematizar alguns pontos que poderiam ser abordados com mais veemência durante a produção final, percebendo assim um ganho tanto para os alunos quanto para a docente no que diz respeito ao aprendizado e ao ensino de um gênero oral formal, no caso dessa pesquisa, o debate deliberativo.

### **1.7 A produção final**

A produção final tem por objetivo identificar até que ponto os alunos progrediram em relação à primeira produção.

Desse modo, os alunos participaram de um debate deliberativo a respeito do tema “Os efeitos do uso do celular em sala de aula”. O tema foi escolhido pelos próprios alunos quando começaram a questionar a respeito da proibição do uso do celular na sala de aula, embora alguns tenham se mostrado a favor dessa regra. As regras do debate deliberativo da produção final permaneceram as mesmas do primeiro debate (produção inicial), por não apresentarem problemas relacionados ao bom andamento do debate, além do fato de os alunos já terem se familiarizado com elas. As perguntas também foram sorteadas, assim como a ordem de fala dos participantes. O debate foi filmado por uma aluna e o vídeo foi usado pelas pesquisadoras como parte do *corpus* da pesquisa com a finalidade de comparar essa atividade com a inicial. Essa comparação mostraria até que ponto os alunos conseguiram progredir.

Percebendo a timidez dos alunos perante a diretora durante a filmagem da produção inicial, dessa vez quem fez a filmagem foi uma colega da turma, visto que essa foi escolhida pelos alunos, alegando que com ela eles se sentiriam mais à vontade, objetivando assim tornar o ambiente do debate o mais natural e descontraído possível. O debate ocorreu debaixo de uma árvore que fica numa área pertencente à escola.

O debate se deu desse modo pelas seguintes razões: (i) o modo de execução do primeiro debate promovido pela professora-pesquisadora engessou muito o processo interlocutivo, pois os alunos ficaram inibidos com a presença da diretora, a quem convidamos para fazer a filmagem; (ii) a pesquisadora também não ficou

confortável com o processo. Por isso, foi proposta uma nova rodada de outro debate com a mesma turma em ambiente mais livre e sem a presença da diretora, mesmo na escola, mas fora de sala de aula, para favorecer a participação dos alunos, o que deu mais resultado, pois também foi filmado por uma colega (aluna) da turma.

É importante destacar aqui que os debates de hoje têm suas raízes entre os antigos gregos, cidadãos que se reuniam em praças públicas para discutir o destino da sociedade; naquela situação importava a capacidade de formulação, de argumentação, bem como a eloquência (saber falar com desenvoltura em público) para que as ideias fossem compreendidas, discutidas, contestadas, recusadas ou aceitas; era o trabalho de convencer os outros com argumentos “irrefutáveis” por meio da linguagem mais apropriada e com eloquência. Era, como destaca Silva (2014, p.437), a configuração de debates na pólis para o bem do grupo:

A palavra assume sua preeminência e efetividade na medida em que encarna o sentido de convencimento (πειθώ), noção que os gregos usavam para designar o poder de persuasão de um discurso. Esta palavra é dessacralizada [...]. Com isto entendemos um conjunto de argumentos que possam ser postos em debate, abertos à discussão, pois, se dirigem ao público, os cidadãos, que a partir de uma escolha humana decidem a eficácia de cada proposição [...]

O segundo aspecto da pólis pode ser caracterizado pela plena publicidade exigida em relação à vida social. Tal comportamento pressupõe a existência de um espaço público, comum, em oposição ao âmbito do particular, ou seja, a esfera do público existe na medida em que é construída por práticas abertas à luz do dia.

Esse apontamento fortaleceu o entendimento quanto à validade da segunda filmagem em espaço intraescolar, mas fora da sala de aula, como geração de nossos dados de pesquisa, pois, apesar de estarmos em ambiente não tão formal como a sala de aula, estávamos dentro do espaço da escola. O novo ambiente proporcionou maior participação dos alunos no debate proposto. Intencionamos inclusive fazer uma terceira filmagem dessa ação com a turma, então na sala de aula, porém, houve mudança de turma e, com o isolamento por conta da pandemia, ficou obstruída a possibilidade de uma nova rodada.

Nesse sentido, observei que, no momento da produção final, os alunos demonstraram estar mais relaxados quanto ao fato de estarem sendo filmados por uma colega e não pela diretora da escola, o que pode ter contribuído para que um número maior de alunos participasse em relação ao número que participou do primeiro debate (produção inicial).

Reforço que o debate deliberativo em foco é regrado, não é uma conversa em que cada um fala quando quer. Há uma administração para se fazer uso da palavra, cuja mediação do moderador é central para que a argumentação oral possa ser feita. Nessa atividade, percebi como é possível aprender possibilidades outras de uso da língua nos processos de comunicação oral formal, mesmo que nem todos os alunos tenham efetivamente falado, pois também aprendemos a nos portar linguisticamente na interação sociodiscursiva (BRONCKART, 1999) observando o outro.

Vejamos o quadro onde constam as perguntas que foram utilizadas na produção final, cujas respostas, como o outro bloco de recortes do nosso *corpus*, serão analisadas no capítulo 3:

#### **Quadro 9 - Perguntas para o segundo debate – Produção final**

Perguntas para o segundo debate – Produção final

1. Qual a sua opinião sobre o uso do celular na escola?
2. Você acha que permitir o uso do celular na sala de aula pode prejudicar o aprendizado? Justifique.
3. Você acha que deveria ser liberado o uso do celular na sala de aula? Justifique sua resposta.
4. O que acha dos professores quando recolhem os celulares dos alunos que não respeitam as regras da escola e levam o aparelho para a sala de aula?
5. Você acha que proibir o uso de celular na escola tem mais vantagens ou desvantagens? Justifique.
6. Houve um caso recente aqui na escola em que alunas levaram um celular sem permissão para a sala de aula, tiraram uma selfie com uniforme da escola e postaram nas redes sociais com uma legenda em que se referia a uma colega com um nome vulgar. O que você acha da atitude dessa aluna?
7. Que ações práticas devem ser tomadas por toda a escola para que casos como esses não ocorram?

Fonte: Elaborado pela autora.

Durante a elaboração das perguntas que nortearam a produção final, preocupei-me em utilizar uma linguagem mais acessível para os alunos, visto que observei certa dificuldade de compreensão em relação às questões da produção inicial. Desse modo, houve ganho como docente no sentido de que pude transformar minha prática, melhorando o bom desempenho dos alunos na produção final, já que não houve problemas, nessa etapa, quanto ao conteúdo e a compreensão das perguntas por parte dos estudantes.

Inicialmente li as regras do debate para a turma e em seguida, iniciei o debate fazendo o sorteio do primeiro aluno participante. Cada um deveria falar na sua vez, regra que foi respeitada pela maioria dos participantes. Cada participante teve 2 minutos para responder à pergunta feita. A réplica e a tréplica poderiam ser feitas



em 1 minuto cada uma. Alguns participantes utilizaram mais o tempo de réplica e de tréplica em relação ao primeiro debate.

Observei ainda que os alunos utilizaram uma linguagem mais apropriada ao contexto interlocutivo durante a produção do segundo debate (produção final). Contudo percebi que alguns precisam avançar em relação à construção de enunciados argumentativos. Houve melhora quanto ao tom de voz, visto que durante a primeira produção, alguns alunos falaram muito baixo, dificultando a compreensão dos demais participantes, o que não ocorreu nesta última atividade.

Mais detalhes a respeito dos avanços ou retrocessos que observei na produção final estão delineados na seção de análise dos resultados.

### **1.8 Geração de dados**

Para iniciar a pesquisa, contactei a direção da escola e apresentei a pesquisa, comunicando-lhe e pedindo a autorização para a realização da intervenção. Como a pesquisa se deu numa turma onde leciono, a autorização foi necessária apenas por parte da diretora que prontamente aceitou e disponibilizou um dos documentos necessários para o conhecimento mais profundo a respeito da escola, o PPP, ressaltando que este estava em processo de reformulação. Como já informado, eu era a docente de LP da turma, por isso já tinha em mãos a Proposta de Língua Portuguesa e de Redação do município do qual a escola faz parte, já uso esse documento para o planejamento de minhas aulas.

Ressalto que recentemente no município houve o desmembramento da disciplina de Redação da disciplina de Língua Portuguesa, sendo as duas trabalhadas, muitas vezes, na mesma escola por professores diferentes. Esse, entretanto, não é o caso da escola pesquisada. Fiz questão de mencionar essa informação pelo fato de o gênero abordado na pesquisa estar presente como componente curricular na disciplina de Redação.

Utilizei na pesquisa, como instrumentos de geração de dados, as gravações em áudio e vídeo dos debates dos alunos, as quais foram posteriormente transcritas, analisando e comparando a produção inicial com a produção final, observando o nível de progressão dos alunos após a aplicação das atividades de intervenção. Da transcrição dos debates foram abstraídos os recortes nos quais são analisados os elementos da pesquisa.

## **1.9 Caracterização dos procedimentos de tabulação dos dados**

A tabulação de dados será feita através de quadros e gráficos e apresentada em forma de numerais cardinais a quantidade de alunos que conseguiram apropriar-se da função comunicativa do gênero e expressaram-se oralmente com certa proficiência.

## **1.10 Caracterização dos procedimentos de análise e constituição do “*corpus*”**

Foram analisados os textos orais dos alunos do 7º ano, fazendo uma comparação entre o primeiro e o segundo debate, observando em que medida os alunos conseguiram apropriar-se das especificidades do gênero e dos elementos linguísticos e não linguísticos tão necessários no processo de comunicação oral.

Após a realização do primeiro debate e da finalização do trabalho modular, como orienta o modelo de sequência didática proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p.110), propus a realização de um debate deliberativo a respeito do “Uso do celular na sala de aula”, tema sugerido pela turma para a produção final. O tema escolhido inicialmente seria o mesmo da produção inicial, contudo, mediante o interesse unânime advindo dos alunos em discutir sobre o uso do celular na sala de aula, este acabou sendo o tema escolhido para a produção final. Essa escolha está relacionada com uma situação real do cotidiano dos alunos, seguindo assim uma orientação de Dolz, Schneuwly e Pietro (2004, p. 261) que assim sugerem: “parece bom que o tema escolhido corresponda a um contexto real e se inscreva num campo em que o aluno sinta que pode ser levado a intervir.” As regras da escola não permitem o uso do aparelho celular na sala de aula e isso é muito questionado pelos alunos.

Foi proporcionado aos alunos o contato com diferentes gêneros discursivos relacionados ao tema para que tivessem embasamento e repertório que qualificassem sua opinião para sustentarem seus argumentos. Estabeleci como objetivo geral para a realização dos módulos e dos debates instrumentalizar os alunos para produzirem textos orais formais e argumentativos levando em consideração como os elementos linguísticos e não linguísticos podem favorecer à produção do gênero oral formal público debate deliberativo.

Para a realização tanto dos módulos quanto dos debates, estabeleci como objetivo específico apresentar o gênero debate deliberativo a partir de três elementos que constituem um gênero: conteúdo temático, estilo e construção composicional, elencados por Bakhtin (1997).

Durante a realização da sequência foram proporcionadas atividades variadas que funcionaram como ensaios para que os alunos se familiarizassem com o gênero, como sugerem (DOLZ, SCHNEUWLY; NOVERRAZ, p.96) quando ressaltam que é preciso “efetuar atividades ou exercícios múltiplos e variados”. Os alunos puderam ainda preparar as suas falas antecipadamente, visto que se tratava de um gênero oral público que exige uma forma mais polida de expressar-se. Procuramos incluir momentos significativos de leitura no processo de realização dos módulos por reconhecermos que esta seja uma atividade essencial para a formação de repertório linguístico, lexical e até mesmo como uma forma de ampliação do conhecimento de mundo e do pensamento crítico do aluno.

## **CAPÍTULO 2**

### **2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS: CONCEPÇÕES SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E ENSINO DE GÊNEROS (ORAIS)**

Neste capítulo, apresento os fundamentos e concepções teóricas que sustentam a pesquisa. Discorro sobre o ensino da língua portuguesa e dos gêneros orais; a leitura na perspectiva bakhtiniana; o lugar dos gêneros orais na sala de aula; o interacionismo sociodiscursivo (ISD); a oralidade na BNCC e ainda sobre as peculiaridades do gênero textual debate deliberativo.

#### **2.1 O ensino da língua portuguesa e os gêneros textuais**

As aulas de língua portuguesa na educação básica, ancoradas em gêneros discursivos e suas contribuições para o aprimoramento linguístico comunicativo dos alunos, permearão as discussões e apontamentos ao longo das seções que constituem este capítulo.

Nas décadas de 60 e 70, o ensino de Língua Portuguesa na educação básica brasileira trouxe novos desafios para os professores, visto que não eram mais apenas os filhos das elites letradas que estudavam, mas também os filhos da classe analfabeta do país (SOARES, 2002, p. 166-167). A nova clientela possuía uma variedade linguística muito diferente da falada pelos filhos da burguesia (GERALDI, 1991). Nesse período, houve a tentativa de conscientização dos professores de que diferentes modos de falar deveriam ser levados em consideração ao ensinar LP.

No início dos anos 80, muitas pesquisas sobre como ensinar a língua começaram a se estabelecer e possibilitaram muitos avanços na área da educação. Começou-se a priorizar bem menos o ensino baseado na tradição normativa e passou-se a refletir mais sobre as finalidades e os conteúdos do ensino de LP. Essas reflexões resultaram na incorporação de novas práticas de ensino baseadas, principalmente, no ensino a partir de situações reais de usos da linguagem (PCNLP, 1998).

Vale salientar que os PCN, documento produzido e distribuído pelo MEC na década de 90, foi um poderoso instrumento para a disseminação de novas práticas

resultantes das reflexões concernentes a esse período. A partir dessas reflexões e inovações quanto ao modo de ensinar a língua, o aluno tornou-se protagonista no que diz respeito à construção do conhecimento na escola, visto que os saberes advindos da vivência do estudante passaram a ser considerados como base para a ampliação e sistematização de outros aprendizados. Nesse sentido, o aluno é levado a refletir sobre sua própria língua de modo que consiga interagir em diferentes situações do cotidiano, assumindo seu papel de cidadão ativo.

Mudanças concernentes ao ensino de LP passam a permear cada vez mais as mesas de discussões dos espaços acadêmicos ou de formações continuadas (PCNLP, 1998). Há um consenso de que é preciso melhorar a qualidade do ensino de LP, como confirmam os PCNLP (1998), principalmente quanto à leitura e à escrita, de forma que possibilite ao aluno que este ensino seja pautado no propósito de formar cidadãos mais críticos e ativos no contexto social onde estão inseridos, como salienta Antunes (2003). Segundo o autor, “O ensino de língua portuguesa também não pode afastar-se desses propósitos cívicos de tornar as pessoas cada vez mais críticas, mais participativas e atuantes, política e socialmente” (ANTUNES, 2003, p. 15).

Já a partir dos anos 2000, práticas pedagógicas a respeito do ensino do oral nas aulas de LP começaram a ser mais discutidas e utilizadas, como constam na BNCC (2018), considerando que:

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens (BRASIL, 2018, p.68).

Considerando que a atividade discursiva e o domínio da língua são requisitos essenciais para que haja a comunicação e a interação plena num contexto de participação social e que, pela linguagem, homens e mulheres se comunicam de diferentes formas e com objetivos diversificados, os gêneros do discurso surgem como “*megainstrumento*” que possibilita inúmeras formas de interação comunicativa de acordo com o objetivo pretendido pelo locutor, como ressaltam Schneuwly e Dolz (2004, p.75), quando afirmam que “do ponto de vista do uso e da aprendizagem, o gênero pode, assim, ser considerado *megainstrumento* que fornece um suporte para a atividade, nas situações de comunicação, e uma referência para os aprendizes”.

A comunicação é um ato indispensável à vida humana. Ela pode ocorrer por meio de diferentes manifestações linguísticas, sejam orais, escritas, gestuais ou expressões fisionômicas. Essas manifestações são bastante diversificadas e estão intimamente relacionadas com as diferentes esferas da atividade humana, como ressalta Bakhtin:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana [...] A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana (BAKHTIN, 1997, p. 279).

A linguagem é um lugar de interação e os gêneros são as formas de linguagem que utilizamos para nos comunicar. As esferas de comunicação, como defendidas no pensamento bakhtiniano são infinitas. Logo, são muitos os gêneros discursivos disponíveis para nos comunicarmos. Nossos discursos devem ser organizados em torno do contexto no qual iremos proferi-los, de modo que são os objetivos que pretendemos alcançar ao produzir um discurso e o contexto comunicativo que norteiam o “gênero discursivo” do qual lançaremos mão para atender às nossas necessidades discursivas.

Os sujeitos falantes possuem uma diversidade de gêneros em seu repertório, mas os utiliza de forma inconsciente no seu cotidiano, sem uma preocupação com os formatos estáveis já estabelecidos. Estudar os gêneros e as especificidades de cada um deles, de forma sistemática e a partir de situações concretas de uso da língua na escola, como orientam Dolz & Schneuwly (2004), possibilitará ao aluno o conhecimento mais amplo do gênero para utilizá-lo mais eficazmente em situações mais formais do seu cotidiano.

Bakhtin define os gêneros discursivos como formas-padrão de enunciados “relativamente estáveis”:

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas [...] cada esfera de utilização da língua elabora tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 1997, p. 279)

Autores como Dolz & Schneuwly (2004), por exemplo, concentram seus estudos a partir da ideia de que os gêneros discursivos devem ser ensinados

sistematicamente na sala de aula. Para que isso ocorra de modo mais eficaz possível, o professor precisa construir estratégias bem definidas para que o texto pertencente a determinado gênero não seja abordado de forma fragmentada, como salientam Dolz & Schneuwly:

Os gêneros constituem um ponto de comparação que situa as práticas de linguagem. Eles abrem uma porta de entrada, para estas últimas, que evita que delas se tenha uma imagem fragmentária no momento de sua apropriação. (DOLZ & SCHNEUWLY, 2004, p.74)

Desse modo, é pertinente afirmar que o estudo dos gêneros textuais na sala de aula não resolve todos os problemas do fracasso escolar, no que diz respeito ao ensino e à apropriação da língua, todavia é importante sua inserção nos conteúdos de LP, visto que, se abordados de forma adequada, podem colaborar significativamente para o aprimoramento linguístico dos alunos.

### 2.1.1 A leitura na perspectiva bakhtiniana

Antes de mencionar a concepção de leitura conforme Bakhtin (1997), vale ressaltar que, embora ele não tenha se voltado especificamente para essa questão, contribuiu significativamente para seu embasamento, de forma que pode ser analisada a partir da historicidade do sujeito e de sua constituição como um ser que interage com seus semelhantes.

A leitura, na perspectiva bakhtiniana, baseia-se no conceito de linguagem como prática dialógica. Desse modo, o texto é o suporte por meio do qual os sujeitos produzem seus enunciados e atribuem sentido aos seus discursos e aos dos outros. Ao produzir enunciados, os sujeitos estão sempre dialogando com outros, provocando uma atitude responsiva ativa quanto ao que foi dito, para acrescentar uma informação, para discordar, para tomar alguma posição ou para produzir um novo enunciado. Nesse sentido, afirmam Santos e Santos (2019) que:

A leitura, nessa perspectiva, estabelece uma relação dialógica e, por isso, responsiva ativa entre o autor e o leitor (entre o falante e o ouvinte), isto é, faz a interrelação entre o enunciado (texto) que pergunta (provoca sentido)

e a resposta (tomada de posição materializada na réplica) do sujeito interpelado. (SANTOS e SANTOS, 2019, p.203)

A escola deve proporcionar ao aluno práticas de leitura que possibilitem a atribuição de sentidos diversos ao texto, de modo que esses sentidos dialoguem entre si, possibilitando uma conduta mais consciente e participativa do educando no processo de desenvolvimento da leitura como prática pedagógica.

## **2.2 O lugar dos gêneros orais na sala de aula**

Há uma crença errônea de que os alunos já sabem “falar” e isso faz com que os gêneros orais sejam delegados para último plano e, muitas vezes, são utilizados apenas como meros instrumentos que permitem o tratamento dos conteúdos, como salientam os PCNLP:

Acreditando que a aprendizagem da língua oral, por se dar no espaço doméstico, não é tarefa da escola, as situações de ensino vêm utilizando a modalidade oral da linguagem unicamente como instrumento para permitir o tratamento dos diversos conteúdos. (BRASIL, 1998, p. 24)

Desse modo, o que se constata hoje nas escolas, e também fora delas, são crianças, adolescentes e jovens que não desenvolveram suas competências orais de forma que atendam a todas as suas necessidades de interação em sua vida social. São pessoas que possuem a capacidade biológica de falar e de ouvir, contudo se veem acudadas em situações mais formais em que necessitam expor suas ideias com clareza, como afirma Carvalho e Ferrarezi Jr. (2018):

Hoje, temos um monte de surdos e mudos que não são pessoas com necessidades especiais em nossas escolas. São crianças e adolescentes biologicamente aptos a ouvir e falar, mas que não aprenderam as competências da oralidade além de suas necessidades diárias, muitas vezes diminutas, na vida extraescolar. Meninos e meninas monossilábicos que sobrevivem sem a competência de expor suas ideias com clareza e sem a coragem de abrir a boca diante de “gente mais importante” porque lhe foram negados os meios para o seu desenvolvimento integral. (CARVALHO E FERRAREZI JR., 2018, p.22)

Os gêneros orais também devem ser tomados como objetos de aprendizagem na escola, como orientam os PCNLP (1998, p. 25) No documento, afirma-se que “cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e



realização de apresentações públicas”. Para isso os professores precisam construir intervenções e modelos didáticos sistemáticos, assim como os utilizados para o ensino dos gêneros escritos, como orienta Antunes (2003, p. 71). Ao aprender um gênero oral, os alunos passam a ter maior capacidade de regular a fala de acordo com cada situação, além de ter mais consciência do que está em jogo quando algo é dito.

Carvalho e Ferrarezi Jr. (2018) ressaltam que o papel de levar o aluno a desenvolver competências de expressão oral que cabe à escola, entretanto, tem sido oportunizado por outras instituições, como igrejas, por exemplo. Nesses ambientes, tem sido dada às crianças e aos adolescentes em larga escala a oportunidade de expressar-se em público. Nesse sentido, há urgência de que a escola retome seu papel no desenvolvimento oral dos estudantes. Quanto a isso, Carvalho e Ferrarezi Jr. (2018, p.23) salientam ainda que “é preciso romper com essa tradição de silêncio e devolver ao ambiente escolar o desenvolvimento das competências da oralidade”.

Os alunos geralmente dominam as formas cotidianas de produção oral, já que estas funcionam como resposta imediata ao discurso de outros interlocutores, contudo aspectos linguísticos e paralinguísticos relacionados aos gêneros orais mais formais, por exemplo, dificilmente são aprendidos sem uma intervenção didática (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p.176). Ao aprender sistematicamente sobre um gênero oral mais formal, possivelmente isso ajudará o aluno nas expressões orais cotidianas, principalmente aquelas relacionadas a situações mais formais de uso da língua.

O que percebemos quanto ao tratamento dado ao oral na sala de aula, é a falta de abordagem dos gêneros orais mais formais. As atividades voltadas para a oralidade mais recorrentes acabam resumindo-se em leitura em voz alta ou em conversas informais. É necessário oportunizar ao aluno situações planejadas e sistemáticas em que lhe sejam exigidos padrões textuais e lexicais mais refinados, como afirma Antunes (2003, p. 25), preparando-os para se expressarem em situações semelhantes no contexto social no qual estão inseridos e, além disso, para que possam intervir positivamente na resolução de problemas, sejam eles individuais ou coletivos, passando a ter um papel social mais ativo.

Sabemos que os alunos estão em contato constante com situações que envolvem o oral no seu cotidiano, nas diferentes instâncias da vida social da qual

fazem parte, e estarão futuramente em outras que exigem mais rigidez ainda quanto à forma de se expressarem e se portarem. Então cabe à escola orientar e promover o acesso a essas formas mais polidas, para que o aluno interaja adequadamente e de acordo com o contexto no qual irá se comunicar. Conforme pondera Antunes (2003, p. 104), “a escola não pode deixar de dar essas orientações nem de explorar as expressões próprias de um comportamento linguístico polido se pretende desenvolver a competência comunicativa dos alunos”.

O ensino dos gêneros orais tem consequências muito positivas na fala, uma vez que contribuem para a formação de leitores e produtores de texto adequados ao contexto, sejam os mais informais, como uma conversa numa roda de amigos ou um elogio proferido, até os mais formais como entrevistas de emprego ou apresentação de seminários, como ressaltam os PCNLP (1998, p. 67-68). De acordo com o documento, trabalhar com a língua oral não significa apenas “trabalhar a capacidade de falar em geral”, mas também:

[...] possibilitar acesso a usos da linguagem mais formalizados e convencionais que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. (BRASIL, 1998, p. 67)

As características convencionais de como funcionam os gêneros orais realizados em público são diferentes de um gênero para outro e o grau de formalidade depende fortemente do lugar social em que se estabelece a comunicação. Os gêneros orais mais formais e institucionais exigem antecipação e preparação, mesmo que, ao longo do processo de produção, aquilo que foi preparado previamente precise adaptar-se à situação. Os gêneros relacionados à modalidade oral da língua são considerados autônomos, haja vista que são abordados como objetos de ensino e aprendizagem em si e não estão subordinados diretamente a outros objetos de ensino-aprendizagem.

Por muito tempo a escrita e a oralidade foram vistas como atividades tão distintas ao ponto de serem consideradas opostas. Sobretudo, neste trabalho, debruçamo-nos bem mais sobre o oral, visto que esse tem sido relegado a um segundo plano.

### 2.2.1 O interacionismo sociodiscursivo

Entre as tendências teóricas que embasaram e embasam os processos de ensino de língua, a teoria do interacionismo sociodiscursivo (ISD) é uma das mais relevantes, visto que se trata de uma teoria adequada a um aluno aprendiz ativo que dispõe de informações que ele mesmo tem condições de acessar.

Na perspectiva sociointeracionista da linguagem, fundamentada por Vygotsky, as interações são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e linguístico do ser humano. Pensando ainda por esse viés teórico, a linguagem é o resultado das práticas sociais e de ações coletivas que os homens desenvolvem ao longo de sua história. Como afirmam Dolz e Schneuwly (2004, p.46), “a consciência de si e a construção das funções superiores são estreitamente dependentes da história de relações do indivíduo com sua sociedade e da utilização da linguagem”. Desse modo, por pertencer a uma comunidade, o indivíduo compreende e faz antecipações a respeito das atividades do outro, modificando seu comportamento e levando em consideração o ponto de vista do outro.

O ISD é uma teoria que surgiu a partir da contribuição de vários teóricos e estudiosos da linguagem de diferentes áreas. Bronckart, Schneuwly e Dolz buscaram constituir o ISD, tendo em Bakhtin sua fonte de referência, principalmente quando se trata de gênero, como aponta Bronckart (2006). O ISD propõe analisar um texto a partir do seu contexto de produção e as implicações dessa teoria no ensino de gêneros estão relacionadas a investigar não apenas o que é dito, mas como é dito. Como afirma Machado (2005):

O ISD não toma os *gêneros de textos* como sua unidade de análise privilegiada nem considera que sua análise seja seu objetivo maior. De fato, as unidades de estudo privilegiadas são as ações verbais e não-verbais, sendo os objetivos dessa análise dirigidos por concepções epistemológicas específicas. (MACHADO 2005, p.238)

Antes de qualquer análise textual, Bronckart (1999) postula a necessidade de compreender o contexto de produção do texto, tanto no nível mais geral do contexto mais amplo, quanto no nível da ação de linguagem que dá origem ao texto. O primeiro item é a análise do contexto de produção do texto. Nesse nível, analisamos primeiramente o contexto imediato em que o texto foi produzido, ou seja, a situação de ação de linguagem que deu origem ao texto (Bronckart, 1999; 2006, p.146).

Levantam-se hipóteses sobre: quem escreveu o texto, para quem o escreveu, em qual instituição, com qual objetivo.

Bronckart (2008, p.87) argumenta que fazemos o uso de textos para interagirmos socialmente, logo “o agir linguageiro se traduz em texto”. Para o autor, texto é “toda unidade de produção verbal que veicula uma mensagem linguisticamente organizada e que tende a produzir um efeito de coerência com seu destinatário”. Segundo Bronckart, essa acepção pode ser aplicada tanto à produção oral como à escrita, visto que o agir é verbal e não-verbal.

O modelo de análise de textos proposto pelo ISD, apresentado por Bronckart (1999; 2006; 2008), leva em consideração o contexto de produção e não a estrutura do texto apenas. O ISD está voltado para a análise de práticas de linguagem e de ações de linguagem que envolve o pensamento de um sujeito agente consciente, dotado de intencionalidade. Desse modo, a partir da teoria do ISD, espera-se que o professor consiga fazer previsões e antecipações, levando em conta o contexto do aluno e possa criar, a partir de situações enunciativas concretas, novos cenários para a aprendizagem.

### **2.3 A oralidade na BNCC**

A versão homologada da BNCC (2018) dialoga com outros documentos e orientações curriculares já existentes há décadas, buscando orientar e transformar as práticas pedagógicas docentes, visto que as tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) têm permeado consideravelmente a vida dos alunos.

Na área de Linguagens, especificamente em Língua Portuguesa, juntamente com a leitura, produção de textos e análise linguística aparece a oralidade, tendo nesse documento a mesma importância que as outras práticas de linguagem. Segundo a BNCC, o eixo oralidade compreende:

[...] as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, webconferência, mensagem gravada, *spot* de campanha, *jingle*, seminário, debate, programa de rádio,

entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções, *playlist* comentada de músicas, *vlog* de *game*, contação de histórias, diferentes tipos de *podcasts* e vídeos, dentre outras. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação. (BRASIL, 2018, p.79)

O mais novo documento oficial, a BNCC (2018, p.79) orienta ainda que os alunos do 6º ao 9º ano devem ser capazes de “produzir textos pertencentes a gêneros orais diversos”. É por meio da oralidade que ocorrem as interações e a construção do conhecimento, por isso cumpre um papel muito importante na vida de crianças e jovens. A BNCC reitera o que dizem documentos oficiais anteriores quanto às práticas orais, como os PCNLP, quando orienta que os alunos não produzam apenas gêneros escritos, mas também gêneros orais. O quadro a seguir apresenta os objetos de conhecimentos sugeridos pelo documento para serem trabalhados nas turmas do 6º ao 9º anos para a prática de produções orais.

**Quadro 10 - Objetos de conhecimento sugeridos na BNCC para serem trabalhados nas turmas do 6º ao 9º anos para a prática de produções orais**

OBJETOS DE CONHECIMENTO SUGERIDOS NA BNCC PARA SEREM TRABALHADOS NAS
--

TURMAS DO 6º AO 9º ANOS PARA A PRÁTICA DE PRODUÇÕES ORAIS		
PRÁTICA DE LINGUAGEM	CAMPO	OBJETO DE CONHECIMENTO
ORALIDADE	Jornalístico-midiático	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produção de textos jornalísticos orais</li> <li>• Participação em discussões orais de temas controversos de interesse da turma e/ou de relevância social</li> </ul>
	Práticas de estudo e pesquisa	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estratégias de produção: planejamento e produção de apresentações orais</li> <li>• Apresentações orais</li> </ul>
ANÁLISE LINGUÍSTICA/SEMIÓTICA	Artístico-literário	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produção de textos orais</li> <li>• Oralização</li> </ul>
	De atuação na vida pública	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Discussão oral</li> </ul>
	Práticas de estudo e pesquisa	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentações orais</li> <li>• Usar adequadamente ferramentas de apoio a apresentações orais</li> </ul>

Fonte: (BRASIL, 2018, p.142, 144, 148, 152, 154, 158, 160), adaptado pela pesquisadora.

O quadro acima torna evidente que o oral mais formal precisa ser trabalhado como objeto de conhecimento nas turmas do 6º ao 9º anos, preparando o aluno para comunicar-se de acordo com as diversas situações de interação social de uso da linguagem nas quais ele está inserido. Vale observar que a prática da oralidade na sala compreende os campos jornalístico-midiático, práticas de estudo e pesquisa e o campo artístico literário.

Levando em consideração que a turma foco de nossa pesquisa é o 7º ano, o quadro abaixo apresenta os objetos de conhecimento sugeridos pela BNCC para serem trabalhados nas turmas do 6º e 7º anos para a prática de produções orais.

**Quadro 11 - Objetos de conhecimento sugeridos na BNCC para serem trabalhados nas turmas do 6º e 7º anos para a prática de produções orais**

OBJETOS DE CONHECIMENTO SUGERIDOS NA BNCC PARA SEREM TRABALHADOS NAS
--

TURMAS DO 6º E 7º ANOS PARA A PRÁTICA DE PRODUÇÕES ORAIS		
PRÁTICA DE LINGUAGEM	CAMPO	OBJETO DE CONHECIMENTO
ORALIDADE	Jornalístico-midiático  Práticas de estudo e pesquisa	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Planejamento e produção de entrevistas orais</li> <li>• Conversa espontânea</li> <li>• Procedimentos de apoio à compreensão</li> <li>• Tomada de nota</li> </ul>

Fonte: (BRASIL, 2018, p.166-168), adaptado pela pesquisadora.

Embora a BNCC apresente de forma sugestiva os objetos de conhecimento e gêneros textuais a serem contemplados em cada ano escolar, como apresentado nos quadros acima, vale ressaltar que o próprio documento abre precedentes para que a escola faça adaptações de acordo com a necessidade de cada turma, permitindo assim que um gênero textual seja incorporado ao currículo em anos diferentes dos sugeridos no documento, quando afirma que “outros gêneros, além daqueles cuja abordagem é sugerida na BNCC, podem e devem ser incorporados aos currículos das escolas e, assim como já salientado, os gêneros podem ser contemplados em anos diferentes dos indicados.” BRASIL (2018, p.139). Dessa forma, justifica-se o fato de o gênero debate deliberativo não aparecer como objeto de conhecimento / gênero textual a ser trabalhado no 7º ano, mas ainda ser escolhido para a presente pesquisa, visto que observei que os alunos possuíam dificuldades de expressarem-se oralmente, além de constar no currículo da turma e ainda no livro didático.

É importante ressaltar que o aprendizado deve ser contínuo e progressivo, em cada ano escolar. Nesse sentido, a escola deve engajar-se em propiciar atividades que possibilitem aos alunos desenvolverem as habilidades de acordo com cada ciclo. Dessa forma, a BNCC apresenta algumas habilidades quanto ao aprimoramento do oral mais formal que os alunos dos anos finais do ensino fundamental devem desenvolver do 6º ao 9º ano.

(EF69LP11) Identificar e analisar posicionamentos defendidos e refutados na escuta de interações polêmicas em entrevistas, discussões e debates

(televisivo, em sala de aula, em redes sociais etc.), entre outros, e se posicionar frente a eles. (BRASIL, 2018, p. 143)

(EF69LP12) Desenvolver estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/*redesign* (esses três últimos quando não for situação ao vivo) e avaliação de textos orais, áudio e/ou vídeo, considerando sua adequação aos contextos em que foram produzidos, à forma composicional e estilo de gêneros, a clareza, progressão temática e variedade linguística empregada, os elementos relacionados à fala, tais como modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc., os elementos cinésicos, tais como postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão fácil, contato de olho com plateia etc. (BRASIL, 2018, p. 145)

(EF69LP13) Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social. (BRASIL, 2018, p. 145)

(EF69LP15) Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, respeitando os turnos de fala, na participação em discussões sobre temas controversos e/ou polêmicos. (BRASIL, 2018, p. 145)

(EF69LP19) Analisar, em gêneros orais que envolvam argumentação, os efeitos de sentido de elementos típicos da modalidade falada, como a pausa, a entonação, o ritmo, a gestualidade e expressão facial, as hesitações etc. (BRASIL, 2018, p. 145)

(EF69LP25) Posicionar-se de forma consistente e sustentada em uma discussão, assembleia, reuniões de colegiados da escola, de agremiações e outras situações de apresentação de propostas e defesas de opiniões, respeitando as opiniões contrárias e propostas alternativas e fundamentando seus posicionamentos, no tempo de fala previsto, valendo-se de sínteses e propostas claras e justificadas. (BRASIL, 2018, p. 149)

(EF69LP38) Organizar os dados e informações pesquisados em painéis ou *slides* de apresentação, levando em conta o contexto de produção, o tempo disponível, as características do gênero apresentação oral, a multissensuosa, as mídias e tecnologias que serão utilizadas, ensaiar a apresentação, considerando também elementos paralinguísticos e cinésicos e proceder à exposição oral de resultados de estudos e pesquisas, no tempo determinado, a partir do planejamento e da definição de diferentes formas de uso da fala – memorizada, com apoio da leitura ou fala espontânea. (BRASIL, 2018, p. 153)

(EF69LP40) Analisar, em gravações de seminários, conferências rápidas, trechos de palestras, dentre outros, a construção composicional dos gêneros de apresentação – abertura/saudação, introdução ao tema, apresentação do plano de exposição, desenvolvimento dos conteúdos, por meio do encadeamento de temas e subtemas (coesão temática), síntese final e/ou conclusão, encerramento -, os elementos paralinguísticos (tais como: tom e volume da voz, pausas e hesitações – que em geral, devem ser minimizadas-, modulação de voz e entonação, sincronia da fala com ferramenta de apoio etc.), para melhor performar apresentações orais no campo da divulgação do conhecimento. (BRASIL, 2018, p. 155)

(EF67LP23) Respeitar os turnos de fala, na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula e na escola e formular perguntas coerentes e adequadas em momentos oportunos em situações de aulas, apresentação oral, seminário etc. (BRASIL, 2018, p. 169)

(EF89LP12) Planejar coletivamente a realização de um debate sobre tema previamente definido, de interesse coletivo, com regras acordadas e planejar, em grupo, participação em debate a partir do levantamento de informações e argumentos que possam sustentar o posicionamento a ser defendido (o que pode envolver entrevistas com especialistas, consultas a fontes diversas, o registro das informações e dados obtidos etc.), tendo em vista as condições de produção do debate – perfil dos ouvintes e demais participantes, objetivos do debate, motivações para sua realização,



argumentos e estratégias de convencimento mais eficazes etc. e participar de debates regrados, na condição de membro de uma equipe de debatedor, apresentador/mediador, espectador (com ou sem direito a perguntas), e/ou de juiz/avaliador, como forma de compreender o funcionamento do debate, e poder participar de forma convincente, ética, respeitosa e crítica e desenvolver uma atitude de respeito e diálogo para com as ideias divergentes. (BRASIL, 2018, p. 181)

(EF89LP22) Compreender e comparar as diferentes posições e interesses em jogo em uma discussão ou apresentação de propostas, avaliando a validade e força dos argumentos e as consequências do que está sendo proposto e, quando for o caso, formular e negociar propostas de diferentes naturezas relativas a interesses coletivos envolvendo a escola ou comunidade escolar. (BRASIL, 2018, p. 185)

Então cabe à escola proporcionar diferentes situações de escuta e produção de textos orais que propiciem experiências significativas na vida dos alunos de modo que estes se interessem pelos fatos que acontecem em sua comunidade e sintam-se aptos a se posicionarem efetivamente sobre assuntos diversos de forma respeitosa e ética. A BNCC (2018, p. 145) ressalta ainda, por meio do ensino do oral na escola, é possível formar crianças e adolescentes agentes produtores de transformação do lugar em que vivem, sendo participantes em discussões e debates de interesse de relevância social, tornando-os autônomos e capazes de resolver problemas por meio do uso da linguagem oral.

#### **2.4 O gênero debate deliberativo**

O gênero debate é definido por Carvalho e Ferrarezi Jr. (2018, p. 86) como “a tentativa de, por meio do diálogo, defender um ponto de vista sobre algum tema”. Para os autores, quando o professor desenvolve uma atividade de debate, dá a oportunidade ao aluno de usar principalmente a habilidade de argumentar, além de outras habilidades relacionadas a ela.

Segundo a classificação de Dolz, Schneuwly e Noverraz (2004, p. 250), o gênero debate pode ser de opinião de fundo controverso, debate deliberativo e debate para resolução de problemas. Assim eles definem os três gêneros:

- o *debate de opinião de fundo controverso*, que diz respeito a crenças e opiniões, não visando a uma decisão, mas a uma colocação em comum das diversas posições, com a finalidade de influenciar a posição do outro, assim como de precisar ou mesmo modificar a sua própria. “Vantagens e desvantagens do uso de bicicletas nas calçadas” ou ainda “A favor ou contra escolas mistas” constituem exemplos de temas possíveis. Por meio das confrontações e dos deslocamentos de sentido que permite e suscita, o

debate representa aqui um poderoso meio não somente de compreender um assunto controverso por suas diferentes facetas, mas também de forjar uma opinião ou de transformá-la;

- o *debate deliberativo*, no qual a argumentação visa a uma tomada de decisão, é necessário a cada vez que há escolhas ou interesses opostos; aqui também, diante da necessidade de ação, o debate concebido, entre outros aspectos, como explicitação e negociação dos motivos de cada um – pode permitir traçar soluções originais, que integram posições anteriormente opostas. Os exemplos são muitos: “Aonde ir na viagem de formatura? ”, “Que livro ler coletivamente? ”, “Deve-se organizar uma festa para recolher fundos para ajudar na construção de uma escola no Haiti? ”, etc.;
- o *debate para resolução de problemas*. A posição inicial é aqui da ordem dos saberes, dos conhecimentos, ou antes, dos não-saberes ou dos saberes parciais: uma solução existe, mas ela não é conhecida e é preciso elaborá-la coletivamente, explorando as contribuições de cada participante. A aposta escolar é de aumentar as capacidades dos alunos para gerir a busca de soluções, formulando as suas e escutando as dos outros, a fim de tirar partido do conjunto dos saberes distribuídos no grupo de debatedores. Eis algumas questões discutidas em sala de aula: “Como funciona a digestão? ”, “Por que acontece o eclipse da lua? ”, “Uma maçã é jogada do alto de um mastro. Ela cai perto ou longe do mastro? ”. (DOLZ, SCHNEUWLY E PIETRO, 2004, p.250)

É pertinente ressaltar que, no gênero debate, seja ele de qual for, predomina a tipologia argumentativa, visto que envolve polêmica e opiniões contrapostas. Nesse sentido, esse gênero estimula o desenvolvimento do pensamento crítico e a prática da elocução do aluno, além de auxiliar no processo de desenvolvimento do raciocínio lógico, da argumentação e da oralidade.

Para essa pesquisa, a escolha do segundo deu-se por levar em conta o momento atual em que a escola se encontrava, já que estava recém-reformada e seria apropriado conscientizar todos os alunos da necessidade de sua conservação. Assim, propõe-se que sejam deliberadas medidas que envolvam a escola inteira na sua preservação. Além disso, este gênero consta no currículo da turma.

## CAPÍTULO 3

### 3 PROBLEMATIZANDO A PRODUÇÃO INICIAL E A PRODUÇÃO FINAL: ÚLTIMOS RECORTES

Este capítulo destina-se à apresentação específica das análises que fiz relacionadas aos aspectos da oralidade formal que propus observar e avaliar quanto ao avanço (ou não) dos alunos durante a realização das atividades propostas na sequência didática. O capítulo está estruturado de forma que as atividades foco desta análise (produção inicial e produção final) estão organizadas e problematizadas na ordem em que foram realizadas na sala de aula. Pontuei e refleti ainda, em alguns momentos deste capítulo, sobre a minha prática em relação à postura perante a condução das aulas e quais ganhos foram por mim apreendidos para práticas futuras.

Ressaltei ainda que, embora considere relevantes todas as atividades da SD, debrucei-me a analisar mais profundamente a produção inicial e a produção final, por considerar que constituem mais especificamente geradoras do *corpus* que me possibilitaria avaliar quais progressos (ou não) foram observados desde a apresentação do projeto aos alunos até a produção final, após a realização da proposta de intervenção proposta nos módulos.

Segundo Cristóvão, Durão e Nascimento (2003, p. 1437), o objetivo do gênero debate, na escola, é encontrar, através do raciocínio coletivo, soluções aceitáveis para problemas colocados em discussão. Para os autores, o modelo a ser ensinado na escola deve ser diferente daquele veiculado pelos canais de comunicação, sobre o qual os autores relatam:

Nesses embates, os oponentes se colocam frente a frente num confronto em que o vencedor quase sempre é aquele que agride ou ridiculariza o adversário. O outro, por sua vez, busca brechas na fala do adversário para anular os seus argumentos e fazer prevalecer a sua posição. Esse é o tipo de gênero de debate que domina as representações dos indivíduos na sociedade brasileira, uma espécie de “antimodelo” que dificulta o trabalho do professor com essa prática de linguagem.

Levando em conta esse aspecto, busquei, desde a produção inicial, prezar pelo respeito entre os alunos, com o estabelecimento de regras, ressaltando que nenhum participante poderia interromper o debate na vez do outro e que não seria

permitido o uso de palavras de baixo calão. Com isso, evitei transformar o debate no antimodelo mencionado pelos supracitados autores.

Além disso, como veremos a seguir, prezei pelo respeito ao turno de fala do outro, ao explicar aos alunos as regras da réplica, dando a eles a orientação: “*caso o participante quiser fazer alguma réplica, ele deverá levantar o braço, não falar, certo?*”. Esta prática está em sintonia com o pensamento de Cristóvão, Durão e Nascimento (2003), ao afirmarem que, no debate em sala de aula, há elementos que podem ser trabalhados pelo professor para ajudar o aluno a identificar uma controvérsia e a evitar os impasses que podem tornar o debate palco de interações conflituosas.

Parti de problemas locais, do contexto escolar dos alunos, para que eles se sentissem representados e fosse facilitada a formulação de argumentos. Os dois debates estiveram voltados a soluções práticas que pudessem beneficiar os alunos e a comunidade escolar de uma forma geral.

Na produção inicial, vi como positivo o fato de ter dado tempo para que os alunos escrevessem sugestões para solucionar o problema discutido. Quando o aluno tem tempo para pensar e escrever, as opiniões e soluções encontradas são mais variadas e mais analíticas.

#### RECORTE 11

*Professora: ficou para cada dupla elaborar ou sugerir algumas ações práticas que envolvam toda a escola, que seja nesse sentido de manter a escola preservada certo, (...) o que vocês sugerem?*

*A1: é:: fazendo reunião, mostrando como é ruim ficar e estudar numa escola suja, e quando veem uma pessoa alguma coisa que prejudica a escola, mandar não fazer.*

*A2: escrever cartazes na escola, avisando que não é pra quebrar as cadeiras e nem mesa da escola, é também botar cartazes falando que não é pra riscar as mesas da escola, não fazer desenhos imorais no muro da escola e etc.*

*A3: conversar com as pessoas, conscientizar as pessoas a não riscarem as escolas, não:: ... fazer desenhos imorais na parede, não quebrar as cadeiras e nem as mesas, manter a escola limpa e assim conversar com as pessoas pra elas não fazerem mais isso e manter nosso patrimônio com está*

Como se pode notar, após fazer um resumo com as sugestões dos alunos, perguntei a eles o que seria realista e viável de se colocar em prática. Com isso, quando os alunos discutem as possibilidades, objetivei valorizar sua opinião,

aumentando a confiança deles na tomada de decisões e fazendo com que eles se sintam parte do processo de mudança da própria realidade.

Após a decisão dos alunos sobre que ações práticas serão implementadas por eles, fiz um apanhado do que eles decidiram. Vejamos o excerto:

RECORTE 12

*Professora: ok, então tá pessoal, então é:: ... então fica decidido ao final, como falei pra vocês, o debate deliberativo ao final é:: algumas ... é:: algumas medidas né que precisam ser tomadas que contribuam para esse problema que a gente está tentando resolver, na verdade não é problema que existe, é um problema que já existiu, a degradação do ambiente escolar, e pelo fato da escola se encontrar em bom estado de conservação nós queremos preservar e manter assim por mais tempo, então fica decidido que vocês irão fazer cartazes né, de conscientização quanto a preservação do ambiente escolar, vocês irão fazer palestra também, envolvendo que conscientize todos os alunos.*

Na produção inicial, não houve réplica nem tréplica. Os alunos respeitaram a vez do outro, bem como o tempo de dois minutos para desenvolverem seus argumentos. Alguns se limitaram a responder aquilo que lhes era perguntado, como se percebe no recorte a seguir.

RECORTE 13

*Professora: Você pode falar principalmente na escola que você estuda, mas você pode falar de algum tipo de degradação que ocorre em outras escolas também, entendeu a pergunta?*

*A4: é, quebrar as cadeiras, a mesa, o quadro...*

Outro aspecto a ser destacado na produção inicial foi o fato de alguns alunos debatedores apresentaram suas ideias acerca do tema em debate, mas não as defenderem ou não se preocuparam em elaborar um pensamento convincente que trouxesse força aos seus argumentos, como visto no excerto abaixo:

RECORTE 14

*Professora: Em sua opinião o que um aluno deve fazer ao presenciar um colega cometendo atos de degradação ao patrimônio escolar?*

*Aluno: denunciar à diretoria ou ao professor*

*Professora: só isso?*

*A5: só*

O terceiro ponto refere-se a alunos que desenvolveram uma linha de raciocínio pautada em exemplificações, elencando alguns pontos de suas ideias acerca da pergunta feita sem, porém, apresentar um argumento que as justificasse.

#### RECORTE 15

*Professora: Qual a responsabilidade dos pais quanto ao mal comportamento dos filhos em relação a atos de vandalismo e degradação da escola, qual a responsabilidade dos pais em relação a atos de vandalismo e em relação a mal comportamentos dos filhos na escola?*

*A5: a relação dos pais é conversar com os filhos, é dar um bronca por eles terem feito isso, falar para nunca mais acontecer nada desse tipo.*

Houve, no entanto, na produção inicial, argumentos fortes, como no excerto:

#### RECORTE 16

*A4: não, eu acho que não é suficiente não, porque o que ele fez foi errado assim, mas só pagar não vai, o que eu acho pra mim que ele quebrando, aí ele não eu pago, aí ele não vai ter assim, tipo, assim ... consciência, ele vai continuar fazendo o que ele fez, aí ele deve tipo assim, se ele quebrou ele deve pagar e ser expulso.*

*A6: vai ser ruim pra eles né, porque eles não estão preservando, não estão cuidando daquilo que é deles, eles pensam que não é deles mas é deles, aí eles tem que cuidar para que lá na frente eles possam cuidar mais (...) pode acabar se destruindo, destruindo as cadeiras, as paredes, aí vai ser ruim pra eles, porque é deles e eles estão destruindo uma coisa que é deles aí fica ruim pra eles.*

A respeito do que pode ser considerado um argumento forte, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005[1958]), p.50) salientam que o objetivo de toda argumentação é “provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento”. De acordo com os autores “uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida”.

Segundo os autores supracitados, a teoria da argumentação visa à adesão ao que está sendo dito por aqueles a quem se dirige. Essa adesão não é alcançada de qualquer forma, então se faz necessário o uso de estratégias e técnicas argumentativas que possibilitem convencer/persuadir de forma mais eficaz.

Houve uma preocupação em assegurar que os alunos tivessem compreendido todas as perguntas que a eles eram direcionadas, repetindo a pergunta, quando necessário, com outros termos, sinônimos ou de forma mais sintética. Momentos como esse também foram percebidos em:

## RECORTE 17

Professora: *Você acha, como nós já sabemos pessoal, existem punições para as pessoas que cometem atos de vandalismos nas escolas, você acha que teria que ter condições mais severas para os estudantes infratores, se você achar que sim, quais seriam essas punições?*

A1: *qual a pergunta?*

Professora: *você acha que deveria ter punições mais rígidas para os alunos infratores, para os alunos que cometem esses atos de vandalismos, se sim, quais seriam essas punições, o que você acha que deve ser feito?*

A1: *punições é ( ) é?*

Professora: *sim, o que você acha que deveria ser feito com os alunos que cometem atos de vandalismos?*

A1: *é:: pagar o que você quebrou.*

Na produção final, percebemos um grau maior de consciência quando um dos alunos, para defender seu argumento, nos faz perguntas, invertendo, por alguns momentos, os papéis de moderador e debatedor.

## RECORTE 18

Professora: *mas se atrapalha, porque você acha que deve ser permitido?*

A2: *a senhora, usa celular aí né?*

Professora: *sim*

A2: *ele lhe atrapalha em alguma coisa?*

Professora: *não, agora você acha que um adulto e um adolescente/ você sabia que até os adultos, eles não tem controle as vezes?*

A2: *tem não, mas o adolescente ( ) /*

Houve também uma maior tentativa dos alunos em apresentar aspectos positivos e negativos de um determinado tema, como se percebe em:

## RECORTE 19

Professora: *Você acha que proibir o uso do celular na sala, na escola, ou na sala de aula, tem mais vantagens ou desvantagens?*

A3: *sim e não (...) mais ou menos, porque tira o foco dos alunos a prestar atenção, e também...*

Professora: *sim, o que mais acha desvantagem?*

A3: *(prestar atenção nas aula) / dos professores*

Além disso, percebemos uma maior tentativa dos alunos em justificar seus pontos de vista, em comparação com a produção inicial. Vejamos isso em um recorte da produção final:

## RECORTE 20

*Professora: O uso na sala de aula é bom ou ruim?*

*A4: eu acho que é ruim né, porque ( ) com celular escondido, imagina ... assim de repente essa (regra) sumir, aí bagunça, aí o professor (dá) a devida aula e nem os alunos dá atenção. De um modo é bom, igual a gente tá fazendo aqui, não tem, o celular também tem as partes boas, tipo, uma paródia que nós fizemos aqui, aí o professor liberou o celular pra poder pesquisar o ( ) da paródia, tem um lado que o celular é bom, tem outros que não.*

Os alunos demonstraram ainda um senso crítico de responsabilidade, mostrando conhecimento de regras morais e sociais.

## RECORTE 21

*Professora: A direção pode tomar o celular?*

*A8: eu acho:: uma boa vantagem, porque já tem a regra, não levar pra escola, ai a pessoa traz o celular escondido sem saberem, e também...(...) assim, recolher pra não ficar mexendo escondido dentro da sala, igual as pessoas fazem.*

*A7: professora, assim, eu acho que podia ser tipo assim, nem proibido e nem ser permitido, tipo assim, amanhã tem uma pesquisa, a senhora fala “amanhã traga o celular” é necessário, mas aí só no dia que for fazer uma pesquisa, algum conteúdo ( ) entendeu, tipo assim só no dia que o professor pedir ( ) aí no outro dia já não traz*

Também na produção final, as sugestões decididas em conjunto pelos alunos e professora visam solucionar problemas reais do contexto escolar enfrentados pelos alunos, tornando-os protagonistas na tomada de decisões de forma responsável.

Na mesma aula, também há uma preocupação da professora em esclarecer alguns pontos relativos aos diferentes gêneros orais (diferenças entre palestra e peça teatral) em relação aos quais os alunos tinham algumas dúvidas no momento de tomada de decisões, como se percebe no recorte a seguir.

## RECORTE 22

*Professora: a palestra também é um gênero oral, né, vocês se expressam oralmente e você precisa planejar a sua fala, a linguagem da palestra, ela não é uma linguagem/ ela não é uma conversa a palestra, é uma situação de comunicação que você vai ter como objetivo de conscientizar os seus colegas sobre o não uso do celular, mas você vai usar a linguagem formal, uma linguagem/ é uma situação formal, você não vai usar qualquer tipo de linguagem (...)*



É chamada também a atenção dos alunos para aspectos corporais e de fala em termos de produção de gêneros orais.

#### RECORTE 23

*Professora: a postura na frente, o que mais a gente pode utilizar como recurso a nosso favor? Olha, o tom de voz, a postura ... a entonação, o jeito de falar, o volume, o gesto, a expressão facial, então isso tudo influencia, e faz com que a pessoa preste atenção no que você está falando, e se ela prestar atenção no que você está falando você tem mais chance de conseguir conscientizar*

O fim do debate se desdobrou na sugestão de outros gêneros que envolvem o oral: a peça teatral e a palestra. Nesse sentido, aproveitei o ensejo para introduzir de forma breve o outro gênero, palestra, por também constituir-se como um gênero oral formal.

#### RECORTE 24

*Professora: ok, pela votação de vocês aqui fica decidido que nós vamos fazer uma palestra, claro que tem mais alunos, nós vamos colocar, vamos chamar todos os alunos, colocar em uma sala, essa palestra ela vai ser ministrada por vocês mesmo, a palestra também é um gênero oral, né, vocês se expressam oralmente e você precisa planejar a sua fala, a linguagem da palestra, ela não é uma linguagem/ ela não é uma conversa a palestra, é uma situação de comunicação que você vai ter como objetivo de conscientizar os seus colegas sobre o não uso do celular, mas você vai usar a linguagem formal, uma linguagem/ é uma situação formal, você não vai usar qualquer tipo de linguagem, seu objetivo é conscientizar eles, convencê-los de não usar o celular na sala de aula, então pra isso você tem que ter bons argumentos, certo, dizer as palavras certas, da forma certa para que você atinja seu objetivo, ok. Na palestra você pode utilizar os mesmos recursos é:: a gente aprendeu que ajuda na hora de se expressar oralmente né, o que foi que a gente aprendeu? O que ajuda a gente se expressar melhor, os recursos que a gente utiliza, na fala a gente tem a linguagem adequada, né, o que mais, que tem haver com a pessoa que está falando? O que mais a gente pode usar como recurso a nosso favor?*

A1: gestos

Professora: os gestos, estar olhando para com quem você está falando

A1: o tom de voz

Com base nessas análises, verificamos que, embora o gênero debate deliberativo produzido na produção final ainda não tenha sido dentro de uma perspectiva ideal no que tange à utilização de todos os recursos linguísticos e não linguísticos disponíveis na comunicação oral, visto que o tempo destinado à

pesquisa é limitado e o aprendizado é um processo contínuo, os alunos apresentaram melhoras significativas quanto à produção de gêneros orais formais.

Acreditamos que, ao deparar-se futuramente com uma proposta de produção de um gênero oral formal, os alunos se utilizarão dos conhecimentos adquiridos durante realização e participação das aulas que compuseram a SD concernente a essa pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema dessa pesquisa foi escolhido baseando-se numa inquietação minha em relação ao fato de os alunos de uma turma do 7º ano na qual lecionava possuírem dificuldades em expressar-se oralmente em situações de uso mais formal da língua, fato que foi observado durante minhas aulas de LP.

Embora fossem alunos muito comunicativos em situações de uso oral, como em conversas paralelas na sala de aula e nos corredores da escola, não possuíam clareza quanto à diferença entre interagir oralmente num contexto mais formal e em um contexto menos formal. Nesse sentido, considerei pertinente desenvolver um projeto de intervenção nessa turma com o intuito de aprimorar a capacidade comunicativa que já possuíam.

Levando em consideração que, ainda que de forma superficial, há a presença do oral no sistema escolar tanto na pré-escola quanto no ensino superior, percebi durante a realização dessa pesquisa que é necessário instalar o trabalho com a oralidade mais formal em outras fases da educação escolar, ou seja, ao longo do ensino fundamental. Isso é necessário para que os alunos façam novas descobertas e consigam utilizar-se dos gêneros orais em contextos que ainda não lhe são familiares.

Observei que fazer uma pesquisa sobre um gênero oral é desafiador, visto que o oral desaparece assim que é pronunciado, diferente da escrita que pode ser analisada posteriormente a partir do registro no papel. Não quero sugerir, de forma nenhuma, que pesquisar sobre um gênero escrito é menos importante ou mais fácil, contudo os gêneros orais requerem que o pesquisador colha os dados no momento exato da produção, através de filmagens e gravações, por exemplo.

Ainda assim, é gratificante pesquisar sobre uma modalidade da língua que não é muito priorizada nas aulas de LP por possibilitar aprendizados e descobertas significativas tanto para quem pesquisa quanto para a turma participante. E foi o que ocorreu durante a realização desta pesquisa.

Iniciei a pesquisa delineando qual caminho seria percorrido e que me possibilitaria observar e identificar o que os alunos já possuíam a respeito da oralidade formal. A partir disso, elaborei uma proposta de intervenção, utilizando atividades direcionadas que buscassem solucionar, de maneira sistemática e gradual, as dificuldades apresentadas pelos alunos.

Buscando embasar a escolha das atividades que constituíram a pesquisa, adentrei num estudo teórico no que diz respeito aos gêneros textuais, estreitando o estudo do ensino do gênero orais formais a partir de uma sequência sistemática e planejada de atividades. Nesse sentido, foram momentos árduos, contudo de aprendizados enriquecedores, visto que foi possível refletir sobre minhas práticas e sobre quanto ao que é pertinente abordar quando se trata do ensino do oral formal, atingindo assim a um dos objetivos do Profletras, que é proporcionar ao professor a oportunidade de reconstruir e ressignificar o seu modo de ensinar.

Quanto às atividades propostas na sequência didática, considerei pertinente repensá-las em alguns momentos, levando em conta se de fato poderiam ser eficazes quanto aos objetivos que pretendia alcançar ao realizá-las. Por isso, entre falhas e certos, a SD foi revisada e adaptada algumas vezes desde o início da apresentação do projeto aos alunos, visto que, ao iniciar a pesquisa, estava em um processo de formação teórica a respeito do tema. Desse modo, à medida que fui me aprofundando teoricamente no que diz respeito ao assunto da pesquisa, agreguei conhecimentos que possibilitaram elaborar com mais segurança atividades específicas voltadas para a resolução dos problemas identificados durante a realização da SD.

Durante a realização da pesquisa, esbarrei em alguns momentos com algumas dificuldades relacionadas ao sistema de ensino, visto que, por exemplo, precisei parar a pesquisa em devido à realização de atividades habituais da escola, como avaliações e participação em projetos. Desse modo, a pesquisa acabou se estendendo bem mais do que o previsto, além de ter um intervalo grande entre a realização de uma atividade e outra da SD, o que deixou a pesquisa um pouco mais fragmentada. Devido a isso, eu sempre precisava recapitular com a turma em que momento do projeto se encontrava.

Sabia que todos os problemas identificados nos alunos quanto à oralidade formal não seriam erradicados apenas durante a realização da pesquisa, e assim ocorreu. Contudo considerei significativas as melhoras que observei quanto ao uso da linguagem apropriada em contextos de uso da língua oral formal, uma vez que os alunos passaram a ter mais consciência de como os recursos não linguísticos podem ser usados a favor de quem emite uma opinião, visando à adesão do outro ao que está sendo dito. Neste sentido, percebi, na produção final, um grau maior de

consciência quando um dos alunos, para defender seu argumento, me fez perguntas, invertendo, por alguns momentos, os papéis de moderador e debatedor.

Considere ainda satisfatório que os alunos se apropriaram de algumas especificidades que constituem o gênero debate deliberativo que poderão ser empregadas em situações reais de interação no contexto social em que estão inseridos. Percebi isso desde a produção inicial quando começaram a sugerir possíveis temas que poderiam ser pautados num debate deliberativo. Nesse sentido, foi importante escolher um tema baseando-se na realidade dos alunos, visto que as sugestões decididas em conjunto pelos participantes visaram solucionar problemas reais do contexto escolar enfrentados pelos alunos, tornando-os protagonistas na tomada de decisões de forma responsável.

Carvalho e Ferrarezi Jr. (2018, p.73) afirmam que “Competências comunicativas são das coisas mais complexas que o ser humano aprende ao longo da vida. Não conseguimos construí-las com uma aula por ano.” Embora tenham sido dedicadas algumas aulas para o desenvolvimento da oralidade na sequência didática aqui apresentada, ainda não são suficientes para sanar a defasagem que os alunos possuem em relação à modalidade oral do uso da língua.

Desse modo, a reconstrução do currículo de forma que a oralidade seja priorizada na mesma proporção que a forma escrita deve ser urgente, para que, assim, o oral seja abordado mais frequentemente nas aulas de LP. Nesse sentido, as sugestões de atividades propostas neste trabalho, assim como outras que também desenvolvem as competências orais, devem permear o trabalho do professor sistematicamente durante todo o ano letivo.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão; rev. trad. Marina Appenzeller. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.  
Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 22 abr. 2019.
- BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa (3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental)** MEC. Brasília. 1998.
- BRONCHART, J.P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. 1. ed. Trad. Anna Rachel Machado. São Paulo: Educ, 1999.
- CARVALHO, R. S. de. FERRAREZI Jr., C. **Oralidade na educação básica: o que saber, como ensinar**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2018.
- CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Português: linguagens, 7º ano, 9. ed. reform.** – São Paulo: Saraiva, 2015.
- COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- CRISTÓVÃO, V. L. L., DURÃO, A. B. de A. B., NASCIMENTO, E. L. Debate em sala de aula: práticas de linguagem em um gênero escolar. In: **Encontro Celsul**, 5, p. 1436-1441. Curitiba-PR, 2003.
- DANTAS, S. A.; MARINE, T. de C. **Oralidade e letramento no ensino de língua portuguesa: uma proposta de ensino com o gênero relato pessoal**. Uberlândia, 2015. Disponível em:  
<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16756/1/OralidadeLetramentoEnsino.pdf>. Acessado em 29/09/2020 às 22:56.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisas**. São Paulo: Atlas, 2002.
- HAYDT, R. C. C. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Escrever e Argumentar**. 1ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- MACHADO, A. R. **A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart**. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (org.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola, pp. 237-259, 2005.
- MAGALHÃES, T. G.; CRISTOVÃO, V. L. L. **Oralidade e ensino de Língua Portuguesa**. Campinas: Editora Pontes: 2018.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PERELMAN, C; OLBRECHTS-TYTECA. L. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005 [1958].

SANTOS, A. S; SANTOS, J. S. Leitura Mediada por Gêneros de Jornal Eletrônico e Sustentabilidade: Reflexões Iniciais. Rev. FSA, Teresina, v.16, n.3, art. 10, p. 185-210, mai/jun. 2019.

SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J. Gêneros orais e escritos na escola. Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, M. B. Pólis e política: a busca pela ação na Grécia Antiga. *Oficina do Historiador*, Porto Alegre, EDIPUCRS, Suplemento especial, 27 a 29.05.2014, p.434-448.

SOARES, M. Concepções de Linguagem e o Ensino de Língua Portuguesa. In: **História, perspectivas e ensino da língua portuguesa**. São Paulo: Educ, 1998.

TRIPP, D. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set/dez. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf> acessado em 16/05/2019

VAL, M. da G.C.; ZOZZOLI, M. R. D.; **Bem vinda ousadia**. In: RIBEIRO, Roziane M.; A construção da Argumentação Oral no Contexto de Ensino. São Paulo. Editora Cortez, 2009.

## APÊNDICE A – PROPOSTA DIDÁTICO PEDAGÓGICA

### PROPOSTA DIDÁTICO- PEDAGÓGICA E SUGESTÕES DE ATIVIDADES PARA O TRABALHO COM A ORALIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS- DESENVOLVIDO POR MEIO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA.

#### GÊNERO TEXTUAL: DEBATE DELIBERATIVO

Atividades elaboradas para a coleta de dados e constituição do *corpus* de uma pesquisa do Mestrado Profissional em Letras que tem como título *O gênero debate deliberativo como ferramenta para o aprimoramento do discurso oral público formal de uma turma do 7º ano numa escola pública do Pará* pela professora da rede pública e mestranda em Letras Leidiane Carneiro Rios sob a orientação da professora dra. Janete da Silva Santos

São Geraldo do Araguaia –PA

Junho/2019



## INTRODUÇÃO

O ensino do oral no Brasil foi desprezado pelas escolas por muito tempo, mesmo estando previsto na legislação brasileira há décadas. A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – lei 9394/96), com a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNLP), já orientava que fosse dedicado tempo ao ensino do oral mais formal nas aulas de Língua Portuguesa (LP). Desse modo, o ensino da oralidade na escola não deveria ser visto como um conteúdo para ser abordado nas horas de folga ou como forma de distração e entretenimento para os alunos, mas de forma sistemática e como parte do currículo. Contudo, sabe-se que não foi o que ocorreu nas escolas brasileiras.

Diante disso, reconhecendo a importância de dedicar espaço nas aulas de LP ao ensino do oral formal e buscando auxiliar o professor nesse sentido, elaboramos uma sequência de atividades visando à produção do gênero debate deliberativo. As atividades estão pautadas de acordo com as orientações didáticas de Dolz e Schneuwly (2004) e tem como intuito possibilitar o ensino sistematizado do gênero, de modo a ampliar o desempenho linguístico-discursivo do aluno.

Pelo modelo proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p.98), uma sequência didática é constituída pelos seguintes blocos de atividades: apresentação da situação, produção inicial, módulo 1, módulo 2... módulo n e produção final.

Para a realização da sequência didática foram utilizadas 15 aulas, sendo cada uma de 45 minutos.

### **Apresentação da situação**

*A apresentação da situação* é o momento em que a atividade de expressão oral ou escrita é descrita de forma mais detalhada possível para que o aluno tenha clareza de como o projeto de comunicação será realizado. O estudante precisa ter bem definido qual o problema de comunicação que deverá resolver ao produzir o gênero.

Nessa fase também os alunos devem ser levados a refletir sobre a quem se dirige a produção, que forma a produção assumirá e quem participará da produção Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p.100).

A *apresentação da situação* é feita através da exibição do vídeo “Câmeras flagram alunos de escola estadual depredando móveis”<sup>4</sup>. Após a exibição do vídeo, podem ser feitos alguns questionamentos:

\*O que acharam da atitude dos alunos exibida no vídeo?

\*Esse tipo de cena é comum em sua escola?

\*Os alunos do vídeo foram punidos. Você achou justa a punição? Por quê?

\*Por que vocês acham que isso acontece nas escolas? Por que alunos depredam o ambiente escolar?

Os alunos deverão responder ativamente a todos os questionamentos.

### **Ampliando repertório a respeito do assunto**

Ao abordar o tema através de gêneros diferentes, além de proporcionar conhecimento a respeito do assunto, objetiva-se ainda executar a sequência como orienta Dolz e Schneuwly (2004), quando ressaltam que o aluno deve ter contato com diferentes gêneros, ampliando assim o seu repertório a respeito do assunto sobre o qual irá discorrer ao produzir o gênero.

Será distribuído um texto contendo uma charge e algumas questões para serem respondidas de forma escrita. Antes de dar um tempo para os alunos escreverem suas respostas, discutir o conteúdo da charge juntamente com a turma. Depois fazer a correção coletiva e sugerir que os alunos socializem oralmente suas respostas.

ATIVIDADE AULA 2 - Leia a charge abaixo:

---

<sup>4</sup> Vídeo disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=gkhqwb\\_-jbc](https://www.youtube.com/watch?v=gkhqwb_-jbc) em 14/04/2019.

Figura 1 - Charge de Amanda Alves



Fonte: <https://jornalmeccatitude.files.wordpress.com/2015/12/charge-blog.jpg>

#### Quadro 1 - Conversando sobre o texto

- 8) A charge faz uma crítica a um fato muito comum nas escolas públicas do Brasil. O que ela critica?
- 
- 9) O garoto da charge é questionado pelo fato de estar levando uma cadeira para a escola. Em sua opinião, por que você acha que o garoto tomou essa atitude?
- 
- 10) Em sua escola, costuma ter cadeiras e mesas disponíveis para todos os alunos e professores? Se a resposta for não, por que você acha que isso acontece?
- 
- 11) Quais outros tipos de destruição do patrimônio da escola costumam ocorrer, além da destruição de cadeiras e mesas? Geralmente, quem provoca essa depredação?
- 
- 12) Quando a escola tem seu mobiliário ou qualquer outro bem que faz parte de sua estrutura física danificado, quem realmente fica prejudicado?
- 
- 13) Como você se sentiria se tivesse que levar uma cadeira para a escola todos os dias para poder assistir às aulas?
- 
- 14) O que você sugere como formas de prevenção para que o episódio ocorrido com o garoto da charge não seja comum nas escolas?
- 

Fonte: Elaborado pela autora.

### Aprimorando a oralidade e conhecendo mais sobre o assunto do debate

A professora pode iniciar a aula retomando de forma breve alguns pontos debatidos sobre o tema do vídeo e da charge trabalhados nas aulas anteriores. Em

seguida deverá distribuir uma cópia impressa do texto “Patrimônio Público – um bem de todos” e solicitar que os alunos façam uma primeira leitura do texto de forma silenciosa e posteriormente a leitura em voz alta. Após o momento de leitura, fazer a discussão e sugerir que respondam oralmente às questões propostas sobre o texto. Opta-se por trabalhar as questões oralmente como uma forma de promover momentos em que a oralidade é priorizada na aula, visto que o gênero que irão produzir demanda essa modalidade da língua.

## ATIVIDADE 2

### Quadro 2 – Texto e discussão Patrimônio Público – um bem de todos

O termo “patrimônio” significa, entre outras definições herança, riqueza....Por sua vez, “público” implica naquilo que não pertence somente a uma determinada pessoa, mas é compartilhado por muitos que dele fazem uso e supre suas necessidades. A escola, juntamente com o mobiliário que a compõe, é um exemplo claro e intangível de patrimônio público pertencente à coletividade, logo, ela não pertence nem ao governo, nem ao diretor, muito menos ao aluno. Antes, a escola pertence a todos – e, por definição pura e simples – é um patrimônio público cujos “donos”, se é que assim se pode dizer, são o governo e a comunidade escolar, além da sociedade em geral.

É de suma importância, por conseguinte, que todos, sobretudo os alunos, se invistam do sentimento de cidadania o qual se pauta nos ideais de respeito e de conservação do patrimônio escolar.

Cabe à direção da escola, em conjunto com o conselho escolar, a manifestação dos interesses que objetivam a manutenção da ordem sem que sejam necessários gestos autoritários e arrogantes. Ações e campanhas que conscientizem, informem, eduquem e formem pessoas comprometidas com o seu meio devem ser implementadas. Não é possível admitir a ideia de que seja normal, por exemplo, que uma carteira venha a ser quebrado, que um ventilador possa ser danificado ou uma parede pichada por um estudante sem que este seja identificado e responsabilizado por tal ato. Escolas há, em nossa cidade (no Pará e creio, no Brasil) que vivem em situação difícil em função do desrespeito pelo patrimônio público da parte de seus próprios alunos onde se identifica a falta de carteiras e de mesas do professor. Só para enfatizar, tanto as carteiras quanto as mesas foram, salvo algumas exceções, objetos de manipulação nas mãos de estudantes que sem nenhuma responsabilidade, as quebraram e hoje, sem carteiras nem mesas, considerável número de alunos e professores assistem e dão aula em pé.

Pergunta-se:

- e) Em nossas casas, costumamos quebrar a mesa e as cadeiras para depois fazermos as refeições no chão?
- f) Pegamos lápis e canetas e riscamos nossas paredes?
- g) Entupimos o vaso sanitário dos nossos banheiros?
- h) Quebramos nossos móveis e agimos como baderneiros?

Por que não fazemos isso? Simplesmente porque se trata do nosso lar, do teto que nos dá abrigo, do patrimônio que nos pertence.

De igual forma, pode-se afirmar que a escola é a nossa segunda casa. A casa do saber, da educação. É na escola que nasce e cresce em nós o espírito de cidadania, do respeito pelo outro, da valorização da pessoa humana, dos nossos bens e dos bens coletivos. Pelo menos, é na escola que devem ser aperfeiçoados tais valores e sentimentos. Todavia, as regras que sobrepõem à

conservação e o respeito ao patrimônio público não devem nem podem se restringirem tão somente ao âmbito escolar. Mas é da escola que surgem os cidadãos do mundo compromissados com a sociedade em que vivem pautados na ética para a edificação de um mundo mais justo onde seus bens sejam efetivamente partilhados, de modo muito particular, aqueles que, por sua equivalência, se traduzam em patrimônio público – um bem de cada um e de todos.

ORLANDO SOUZA

Vamos discutir sobre o texto!

Com base no texto lido, responda oralmente:

9) O texto esclarece a respeito do que significa o termo “patrimônio público”. Como esse termo é definido pelo autor?

10) A escola é mencionada como um exemplo de patrimônio público pertencente à coletividade. Justifique essa afirmação.

11) Muitas pessoas destroem bens públicos por não terem a consciência de que estes pertencem não às autoridades governamentais, mas a toda população. Quando um bem de uso público é degradado, quem geralmente sofre diretamente as consequências? Justifique sua resposta citando um exemplo de como isso pode acontecer.

12) A escola que você estuda é um patrimônio público e pode ser utilizado por todos. Observe o espaço da sua escola. Como está o aspecto físico e mobiliário dela? É um espaço limpo e confortável?

13) Costuma ocorrer casos de vandalismo na escola em que você estuda? Se sim, de que tipo?

14) O autor do texto menciona algumas ações que podem ser feitas para combater o vandalismo nas escolas. O que ele sugere?

15) O autor faz alguns questionamentos e estabelece uma relação entre a escola e a casa. Em sua opinião, o que autor quer provocar no leitor ao levantar essas questões?

16) Leia o que o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei N° 8.069/90) diz sobre o estudante que causar danos ao patrimônio público escolar:

**Art. 166** – Em se tratando de ato infracional em reflexos patrimoniais, a autoridade poderá determinar, se for o caso, que o adolescente restitua a coisa, promova o ressarcimento do dono, ou, por outra forma, compense o prejuízo da vítima.

Você acha justa a punição mencionada acima? Justifique sua resposta.

Fonte: <http://cronicasdorlando.blogspot.com/2009/07/patrimonio-publico-um-bem-de-todos-o.html>  
acessado em 14/04/2019 às 16:47

## Primeiro contato com o gênero

### ATIVIDADE 3

Com o intuito de aproximar os alunos do gênero debate, a professora pode exibir três vídeos de diferentes debates e situações de defesa e arguição. Primeiro foi exibido o vídeo “Em debate, estudantes falam sobre bullying, diferenças e

tolerância”<sup>5</sup>, o segundo vídeo “Debate deliberativo, III Votação”<sup>6</sup>, e o terceiro vídeo “Encontro com Fátima Bernardes -Violência contra a mulher”.<sup>7</sup>

. Ao final da exibição de cada vídeo, podem ser feitos questionamentos e comentários a respeito de como se deu os debates em cada um dos vídeos, chamando atenção quanto à linguagem utilizada pelos participantes para defenderem seus argumentos, em que ponto concordaram ou discordaram, quais argumentos eram mais convincentes e como foi feita a disposição dos participantes no ambiente. Nesse momento pode já ser possível perceber o que os alunos já sabem em relação ao gênero.

### Conhecendo algumas especificidades do gênero debate deliberativo

A maioria das pessoas quando ouvem falar em debate, se remetem ao debate político por estarem mais familiarizadas, visto que são transmitidos nacionalmente em época de campanhas eleitorais. Nesse momento, o professor pode esclarecer a respeito da existência de diferentes tipos de debates como o debate de opinião controversa, o debate político, o debate deliberativo, entre outros. E em seguida esclarecer a respeito em que o debate deliberativo se diferencia dos demais, à medida que vai passando os slides.

Vejam os slides abaixo que podem ser utilizados na aula com o objetivo de explicitar as especificidades do gênero debate deliberativo:

**Figura 2 - Slides a respeito de algumas especificidades do gênero debate deliberativo**



<sup>5</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=pazvo7LPiTc> em 12/04/2019

<sup>6</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=2moHsxW5rOM> em 14/04/2019

<sup>7</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=x6csy83Rpil> em 15/04/2019

### Para um debate não virar briga, devemos:

- \*Dar direito a todos os participantes de poderem expressar suas opiniões e argumentos.
- \*Não interferir quando o(s) outro(s) participante(s) estiver(em) expondo suas opiniões e argumentos.
- \*Respeitar os participantes, para não ofender com palavras ou gestos como: xingamento, zombaria, palavras de baixo calão, gestos obscenos, etc.

\* Debater não é brigar.

\*As divergências e as discussões estão presentes em várias situações de nossa vida.

\* A divergência é a condição necessária para que um debate aconteça.

\* Deve haver respeito entre os participantes para que o debate não se transforme em briga.

Slide 3

Slide 4

### Quando ocorre o debate?

\*O debate pode ocorrer entre candidatos a um cargo político, participantes de um congresso científico, na sala de aula para abordar um tema polêmico ou resolver problemas coletivos.

### DEBATE DELIBERATIVO

\***Deliberar** é tomar uma decisão ou resolver algo mediante uma discussão.

\*No debate deliberativo, os participantes pensam sobre o tema, elaboram hipóteses, argumentam e ouvem os argumentos dos outros para decidir qual a melhor decisão a ser tomada.

Slide 5

Slide 6

### Como agir em um debate deliberativo?

- \*Pensar na situação ou tema propostos no debate.
- \*Elaborar hipóteses sobre a melhor decisão.
- \*Elaborar argumentos para defender a hipótese.
- \*Ouvir as hipóteses e argumentos dos participantes.
- \*Decidir sobre a melhor decisão a ser tomada.

**Observação: Pode haver negociações e mudanças de posição durante o próprio debate.**

\*Na escola, o debate deliberativo pode acontecer para decidir, por exemplo, sobre qual livro será lido pela turma, ou quais medidas serão adotadas por todos para resolver um problema coletivo.

\*Então, o grupo reúne-se para negociar uma decisão.

Slide 7

Slide 8

4) Pense em argumentos para defender sua hipótese.

5) É preciso escolher quem dá início ao debate, e qual a ordem que os participantes irão falar. Isso pode ser feito por meio de um sorteio.

6) É possível que mais de uma pessoa tenha a mesma ideia, nesse caso, a que concordar com o que já foi sugerido deve justificar sua escolha.

### Passo a passo de um debate:

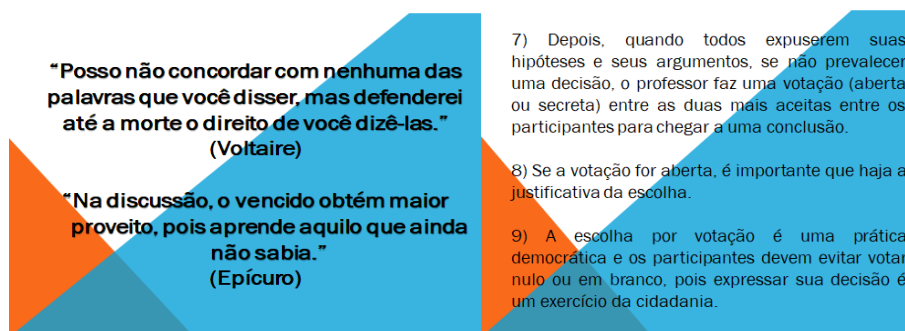
1) Pensar em um problema coletivo que precisa de solução.

2) Organizar a sala. Pode ser em forma de círculo, por exemplo.

3) Anotar sua hipótese para resolver o problema. (Para evitar que você esqueça, já que são muitos participantes e você vai ouvir muitas hipóteses).

Slide 9

Slide 10



Slide 11

Slide 12



Slide 13

Fonte: [http://www.sintufmt.org.br/noticias/id324570/primeiro\\_debate\\_dos\\_candidatos\\_a\\_reitoria\\_sera\\_no\\_hujm](http://www.sintufmt.org.br/noticias/id324570/primeiro_debate_dos_candidatos_a_reitoria_sera_no_hujm) em 22/04/2019.

## Elaborando coletivamente as regras do debate

Nessa aula podem ser elaboradas coletivamente as regras do debate deliberativo, além de sortear a ordem de fala de cada participante.

### Quadro 3 – Regras do debate deliberativo

- O debate terá a duração de 45 minutos.
- Cada participante terá 2 minutos para responder a cada pergunta.
- As perguntas direcionadas a cada participante serão indicadas por meio de sorteio.
- Será feito um sorteio para decidir a ordem em que cada participante irá falar.
- Os participantes serão divididos em duplas.
- Nenhum participante pode interromper o debate na vez do outro.
- Não serão permitidos xingamentos, zombaria ou palavras de baixo calão.
- Caso algum participante queira fazer réplica, fazer a inscrição com o mediador, fazendo sinal com o braço. O tempo de réplica será de 1 minuto, se for necessário ou solicitado por algum participante e autorizado pelo mediador, o tempo de tréplica também será de 1 minuto.
- Ao final das discussões, cada dupla apresentará sugestões para a resolução do problema. Se surgirem muitas sugestões, serão colocadas em votação.

Fonte: Disponível em <http://licoespraticas.blogspot.com/2014/11/debate-em-sala-de-aula-regras.html> em 20/04/2019 (adaptado pela pesquisadora, juntamente com os alunos)



## A produção inicial

No momento da primeira produção, os alunos, ao tentar elaborar o primeiro texto, expressam para si mesmos e para o professor as representações que construíram da atividade proposta, como afirmam Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

Segue abaixo algumas perguntas que podem nortear o debate a respeito da importância de preservar o patrimônio escolar.

### Quadro 4 - Perguntas para o debate deliberativo – Produção inicial

TEMA: A importância de preservar o patrimônio escolar

- 1ª pergunta: Qual a importância de se preservar o patrimônio escolar?
- 2ª pergunta: O que leva alguns alunos a cometerem atos de vandalismos na escola?
- 3ª pergunta: Que tipo de degradação do patrimônio escolar costuma ocorrer, principalmente na escola onde você estuda?
- 4ª pergunta: Qual a responsabilidade dos pais quanto ao mau comportamento dos filhos em relação a atos de vandalismos e degradação na escola?
- 5ª pergunta: Existem leis que responsabilizam os alunos infratores e os obrigam a repararem os danos causados à escola. O que você acha desse tipo de punição?
- 6ª pergunta: Você acha que deveriam ter punições mais severas para os estudantes infratores? Se sim, quais?
- 7ª pergunta: Em sua opinião, o que um aluno deve fazer ao presenciar um colega cometendo atos de degradação ao patrimônio escolar?
- 8ª pergunta: Quais as consequências que a não preservação do ambiente escolar, seja no mobiliário, seja na estrutura do prédio ou dos arredores da escola podem causar para os usuários desse bem público?
- 9ª pergunta: Como todos sabem a nossa escola foi reformada recentemente. Quais ações práticas vocês sugerem para que ela se mantenha preservada e continue sendo um ambiente agradável e confortável para todos os que a utilizam? Mencione pelo menos 2 ações que envolvam toda a escola.

Fonte: Elaborado pela autora.

## OS MÓDULOS

Diante dos problemas identificados na produção inicial, são elaboradas atividades organizadas em *módulos* com o intuito de oferecer aos alunos instrumentos capazes superá-los, como orientam Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

### Módulo 1 - Avaliando o debate

Nessa aula, pode ser exibido o vídeo do primeiro debate e em seguida uma discussão coletiva em sala de aula para análise da primeira produção através das reflexões dos alunos com intervenções da professora, observando se atenderam à

função comunicativa do gênero e como os debatedores utilizaram recursos paralinguísticos (tom de voz, volume, pausas, ritmo de fala) e cinésicos (expressividade, gestualidade, postura, expressão facial), utilizando para isso trechos de transcrições do debate.

**Quadro 5 - Meios não-linguísticos da comunicação oral**

MEIOS PARALINGUÍSTICOS	MEIOS CINÉSICOS	POSIÇÃO DOS LOCUTORES	ASPECTO EXTERIOR	DISPOSIÇÃO DOS LUGARES
qualidade da voz melodia elocução e pausas respiração risos suspiros	atitudes corporais movimentos gestos troca de olhares mímicas faciais	ocupação de lugares  espaço pessoal  distâncias  contato físico	roupas disfarces penteados óculos limpeza	Lugares disposição iluminação das cadeiras  ordem  ventilação  decoração

Fonte: Dolz, Schneuwly e Haller (2004, p. 160)

## Ficha de autoavaliação

**Quadro 6 - Ficha de autoavaliação**

CRITÉRIOS PARA AVALIAÇÃO DO TEXTO ORAL GÊNERO TEXTUAL: DEBATE DELIBERATIVO	SIM	NÃO	PRECISA MELHORAR
1. O texto produzido apresenta características de um debate deliberativo?			
2. O texto foi produzido levando em conta o tema proposto e o contexto de comunicação?			
3. A utilização da linguagem foi adequada à situação comunicativa?			
4. Os debatedores expressaram as suas propostas e argumentos com clareza e coesão?			
5. O tom de voz utilizado foi adequado?			
6. A postura corporal dos debatedores favoreceu a adesão dos interlocutores à suas propostas?			
7. Os gestos e a expressão facial dos debatedores contribuíram para que se saíssem bem durante o debate? O olhar manteve-se direcionado aos interlocutores?			
8. Os debatedores respeitaram as trocas de turnos dos outros participantes?			
9. Todos os debatedores mostraram-se desinibidos para expressarem seus pontos de vista?			
10. Os debatedores chegaram a um consenso a respeito do que foi debatido?			
11. Algum debatedor se sobressaiu e conseguiu convencer aos demais?			

Fonte: Adaptado pela autora a partir do modelo de (DANTAS, 2015, p.60)

## **Mais contato com o gênero**

Exibição do vídeo “Polêmica! Liberar ou não o uso de celular na escola e sala de aula? – Fantástico, 05/08/2018”<sup>8</sup>. Para essa atividade, as questões relacionadas ao vídeo serão respondidas oralmente pelos alunos.

## **Discussão em grupo**

A discussão em grupo é um gênero argumentativo oral, produzido coletivamente em que os participantes expressam seu ponto de vista, geralmente sobre um assunto polêmico e ainda pode servir de preparação para a produção de outros gêneros orais, como o debate, por exemplo. Esse gênero não possui regras fixas, contudo deve vigorar o respeito pela opinião e pelo turno de fala do outro.

Nessa aula, os alunos discutirão em grupo sobre o tema a partir da pergunta “Quais os prejuízos do uso do celular na vida dos adolescentes?”. Os alunos serão organizados em círculo numa área fora da sala de aula. A professora iniciará a conversa sobre o assunto e nessa atividade não será necessário inscrever-se formalmente para falar. Nessa atividade, a turma escolherá um relator que não participará da discussão sobre o tema, este deverá anotar as ideias mais importantes que surgirem durante a discussão em grupo e apresentará oralmente suas anotações para a classe, sem que consulte o papel onde anotou. A turma deverá prestar atenção ao que está sendo apresentado, de forma que confirmem posteriormente se o que foi apresentado oralmente pelo relator foi de fato dito durante a discussão da maneira como este expôs.

## **Sistematizando os argumentos**

Ao discutirmos sobre o ensino de um gênero oral formal, é imprescindível que o aluno perceba que não está se falando de uma forma de comunicação que pode ser feita de qualquer forma, sem uma preparação prévia. Embora já saibam desde cedo falar, argumentar e defender seus pontos de vista, mesmo que de maneira mais espontânea e menos formal, cabe à escola levá-los a avançar no sentido de

---

<sup>8</sup> Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=8mjQ\\_DEJBIM](https://www.youtube.com/watch?v=8mjQ_DEJBIM),04/06/2019.

fazê-los perceber que a produção de algumas falas precisa ser elaborada previamente para que consigam se sobressair e atingir o objetivo de comunicação pretendido.

Informar nesse momento da aula sobre a importância de sistematizar por escrito alguns pontos relacionados ao tema que cada dupla discutirá no debate, ressaltando que por ser um gênero formal, a fala não deve ser improvisada, mas deve sim haver um preparo com antecedência. Solicitar que escrevam em tópicos alguns argumentos que podem ser utilizados no debate.

### **Produção final**

Os alunos participarão de um debate deliberativo a respeito do tema “Os efeitos do uso do celular em sala de aula” ou qualquer outro tema que seja de interesse da turma.

As regras podem permanecer as mesmas do primeiro debate e as perguntas serão sorteadas, assim como a ordem de fala dos participantes. O debate pode ser filmado para que posteriormente seja comparado com a versão inicial, observando até que ponto os alunos conseguiram progredir.

O debate pode ocorrer debaixo de uma árvore ou em alguma área pertencente à escola. Segue abaixo algumas sugestões de perguntas que podem ser utilizadas no debate deliberativo sobre o tema “O uso do celular na sala de aula”.

#### **Quadro 7 - Perguntas para o segundo debate – Produção final**

- |  |
|--|
| <p>8. Qual a sua opinião sobre o uso do celular na escola?</p> <p>9. Você acha que permitir o uso do celular na sala de aula pode prejudicar o aprendizado? Justifique.</p> <p>10. Você acha que deveria ser liberado o uso do celular na sala de aula? Justifique sua resposta.</p> <p>11. O que acha dos professores quando recolhem os celulares dos alunos que não respeitam as regras da escola e levam o aparelho para a sala de aula?</p> <p>12. Você acha que proibir o uso de celular na escola tem mais vantagens ou desvantagens? Justifique.</p> <p>13. Houve um caso recente aqui na escola em que alunas levaram um celular sem permissão para a sala de aula, tiraram uma selfie com uniforme da escola e postaram nas redes sociais com uma legenda em que se referia a uma colega com um nome vulgar. O que você acha da atitude dessa aluna?</p> <p>14. Que ações práticas devem ser tomadas por toda a escola para que casos como esses não ocorram</p> |
|--|

## APÊNDICE B – FICHAS DE AUTOAVALIAÇÃO DOS ALUNOS

### FICHAS DE AUTOAVALIAÇÃO DOS ALUNOS: PRODUÇÃO INICIAL

#### FICHA DE A1

##### FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO

CRITÉRIOS PARA AVALIAÇÃO DO TEXTO ORAL GÊNERO DISCURSIVO: DEBATE DELIBERATIVO	SIM	NÃO	PRECISA MELHORAR
1. O texto produzido apresenta características de um debate deliberativo?			<del>PRECISA MELHORAR</del>
2. O texto foi produzido levando em conta o tema proposto e o contexto de comunicação?			
3. A utilização da linguagem foi adequada à situação comunicativa?	<del>SIM</del>		
4. Os debatedores expressaram as suas propostas e argumentos com clareza e coesão?	<del>SIM</del>		
5. O tom de voz utilizado foi adequado?	<del>SIM</del>		
6. A postura corporal dos debatedores favoreceu a adesão dos interlocutores às suas propostas?	<del>SIM</del>		
6. Os gestos e a expressão facial dos debatedores contribuíram para que se saíssem bem durante o debate? O olhar manteve-se direcionado aos interlocutores?	<del>SIM</del>		
7. Os debatedores respeitaram a troca de turnos dos outros participantes?	<del>SIM</del>		
8. Todos os debatedores mostraram-se desinibidos para expressarem seus pontos de vista?	<del>SIM</del>		
9. Os debatedores chegaram a um consenso a respeito do que foi debatido?	<del>SIM</del>		
10. Algum debatedor se sobressaiu e conseguiu convencer aos demais?	<del>SIM</del>		

## FICHA DE A2

## FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO

CRITÉRIOS PARA AVALIAÇÃO DO TEXTO ORAL GÊNERO DISCURSIVO: DEBATE DELIBERATIVO	SIM	NÃO	PRECISA MELHORAR
1. O texto produzido apresenta características de um debate deliberativo?	X		
2. O texto foi produzido levando em conta o tema proposto e o contexto de comunicação?	X		
3. A utilização da linguagem foi adequada à situação comunicativa?			X
4. Os debatedores expressaram as suas propostas e argumentos com clareza e coesão?			X
5. O tom de voz utilizado foi adequado?			X
6. A postura corporal dos debatedores favoreceu a adesão dos interlocutores à suas propostas?	X		
6. Os gestos e a expressão facial dos debatedores contribuíram para que se saíssem bem durante o debate? O olhar manteve-se direcionado aos interlocutores?			X
7. Os debatedores respeitaram as trocas de turnos dos outros participantes?	X		
8. Todos os debatedores mostraram-se desinibidos para expressarem seus pontos de vista?			X
9. Os debatedores chegaram a um consenso a respeito do que foi debatido?	X		
10. Algum debatedor se sobressaiu e conseguiu convencer aos demais?	X		

## FICHA DE A3

## FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO

CRITÉRIOS PARA AVALIAÇÃO DO TEXTO ORAL GÊNERO DISCURSIVO: DEBATE DELIBERATIVO	SIM	NÃO	PRECISA MELHORAR
1. O texto produzido apresenta características de um debate deliberativo?			<del>X</del>
2. O texto foi produzido levando em conta o tema proposto e o contexto de comunicação?	<del>X</del>		<del>X</del>
3. A utilização da linguagem foi adequada à situação comunicativa?		<del>X</del>	<del>X</del>
4. Os debatedores expressaram as suas propostas e argumentos com clareza e coesão?			<del>X</del>
5. O tom de voz utilizado foi adequado?			<del>X</del>
6. A postura corporal dos debatedores favoreceu a adesão dos interlocutores à suas propostas?		<del>X</del>	<del>X</del>
6. Os gestos e a expressão facial dos debatedores contribuíram para que se saíssem bem durante o debate? O olhar manteve-se direcionado aos interlocutores?		<del>X</del>	<del>X</del>
7. Os debatedores respeitaram as trocas de turnos dos outros participantes?	<del>X</del>		
8. Todos os debatedores mostraram-se desinibidos para expressarem seus pontos de vista?		<del>X</del>	<del>X</del>
9. Os debatedores chegaram a um consenso a respeito do que foi debatido?	<del>X</del>		
10. Algum debatedor se sobressaiu e conseguiu convencer aos demais?		<del>X</del>	<del>X</del>

## FICHA DE A4

FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO			
CRITÉRIOS PARA AVALIAÇÃO DO TEXTO ORAL GÊNERO DISCURSIVO: DEBATE DELIBERATIVO	SIM	NÃO	PRECISA MELHORAR
1. O texto produzido apresenta características de um debate deliberativo?	X		
2. O texto foi produzido levando em conta o tema proposto e o contexto de comunicação?	X		
3. A utilização da linguagem foi adequada à situação comunicativa?	X		X
4. Os debatedores expressaram as suas propostas e argumentos com clareza e coesão?	X		
5. O tom de voz utilizado foi adequado?	X		
6. A postura corporal dos debatedores favoreceu a adesão dos interlocutores à suas propostas?			X
6. Os gestos e a expressão facial dos debatedores contribuíram para que se saíssem bem durante o debate? O olhar manteve-se direcionado aos interlocutores?		X	X
7. Os debatedores respeitaram as trocas de turnos dos outros participantes?	X		
8. Todos os debatedores mostraram-se desinibidos para expressarem seus pontos de vista?		X	
9. Os debatedores chegaram a um consenso a respeito do que foi debatido?	X		
10. Algum debatedor se sobressaiu e conseguiu convencer aos demais?	X		

## FICHA DE A5

CRITÉRIOS PARA AVALIAÇÃO DO TEXTO ORAL GÊNERO DISCURSIVO: DEBATE DELIBERATIVO	SIM	NÃO	PRECISA MELHORAR
1. O texto produzido apresenta características de um debate deliberativo?	X		
2. O texto foi produzido levando em conta o tema proposto e o contexto de comunicação?	X		
3. A utilização da linguagem foi adequada à situação comunicativa?			X
4. Os debatedores expressaram as suas propostas e argumentos com clareza e coesão?		X	
5. O tom de voz utilizado foi adequado?	X		
6. A postura corporal dos debatedores favoreceu a adesão dos interlocutores à suas propostas?			X
6. Os gestos e a expressão facial dos debatedores contribuíram para que se saíssem bem durante o debate? O olhar manteve-se direcionado aos interlocutores?			X
7. Os debatedores respeitaram as trocas de turnos dos outros participantes?	X		
8. Todos os debatedores mostraram-se desinibidos para expressarem seus pontos de vista?			X
9. Os debatedores chegaram a um consenso a respeito do que foi debatido?	X		
10. Algum debatedor se sobressaiu e conseguiu convencer aos demais?		X	

## FICHA DE A6

## FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO

CRITÉRIOS PARA AVALIAÇÃO DO TEXTO ORAL GÊNERO DISCURSIVO: DEBATE DELIBERATIVO	SIM	NÃO	PRECISA MELHORAR
1. O texto produzido apresenta características de um debate deliberativo?	X		
2. O texto foi produzido levando em conta o tema proposto e o contexto de comunicação?		X	
3. A utilização da linguagem foi adequada à situação comunicativa?	X		
4. Os debatedores expressaram as suas propostas e argumentos com clareza e coesão?		X	
5. O tom de voz utilizado foi adequado?			X
6. A postura corporal dos debatedores favoreceu a adesão dos interlocutores à suas propostas?		X	
6. Os gestos e a expressão facial dos debatedores contribuíram para que se saíssem bem durante o debate? O olhar manteve-se direcionado aos interlocutores?			X
7. Os debatedores respeitaram as troca de turnos dos outros participantes?	X		
8. Todos os debatedores mostraram-se desinibidos para expressarem seus pontos de vista?		X	
9. Os debatedores chegaram a um consenso a respeito do que foi debatido?	X		
10. Algum debatedor se sobressaiu e conseguiu convencer aos demais?	X		

## FICHA DE A7

## FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO

CRITÉRIOS PARA AVALIAÇÃO DO TEXTO ORAL GÊNERO DISCURSIVO: DEBATE DELIBERATIVO	SIM	NÃO	PRECISA MELHORAR
1. O texto produzido apresenta características de um debate deliberativo?	X		
2. O texto foi produzido levando em conta o tema proposto e o contexto de comunicação?	X		
3. A utilização da linguagem foi adequada à situação comunicativa?			X
4. Os debatedores expressaram as suas propostas e argumentos com clareza e coesão?	X		
5. O tom de voz utilizado foi adequado?	X		
6. A postura corporal dos debatedores favoreceu a adesão dos interlocutores à suas propostas?			X
6. Os gestos e a expressão facial dos debatedores contribuíram para que se saíssem bem durante o debate? O olhar manteve-se direcionado aos interlocutores?			X
7. Os debatedores respeitaram as troca de turnos dos outros participantes?	X		
8. Todos os debatedores mostraram-se desinibidos para expressarem seus pontos de vista?	X		
9. Os debatedores chegaram a um consenso a respeito do que foi debatido?	X		
10. Algum debatedor se sobressaiu e conseguiu convencer aos demais?	X		



## FICHA DE A8

## FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO

CRITÉRIOS PARA AVALIAÇÃO DO TEXTO ORAL GÊNERO DISCURSIVO: DEBATE DELIBERATIVO	SIM	NÃO	PRECISA MELHORAR
1. O texto produzido apresenta características de um debate deliberativo?	X		
2. O texto foi produzido levando em conta o tema proposto e o contexto de comunicação?	X		
3. A utilização da linguagem foi adequada à situação comunicativa?			X
4. Os debatedores expressaram as suas propostas e argumentos com clareza e coesão?			X
5. O tom de voz utilizado foi adequado?			X
6. A postura corporal dos debatedores favoreceu a adesão dos interlocutores à suas propostas?	X		
6. Os gestos e a expressão facial dos debatedores contribuíram para que se saíssem bem durante o debate? O olhar manteve-se direcionado aos interlocutores?			X
7. Os debatedores respeitaram as trocas de turnos dos outros participantes?	X		
8. Todos os debatedores mostraram-se desinibidos para expressarem seus pontos de vista?			X
9. Os debatedores chegaram a um consenso a respeito do que foi debatido?	X		
10. Algum debatedor se sobressaiu e conseguiu convencer aos demais?	X		

## APÊNDICE C – NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DE TEXTOS ORAIS

(Normas adotadas pelo Projeto NURC/RS)

OCORRÊNCIAS	SINAIS
Qualquer pausa	...
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )
Entonação	<b>maiúsculas</b>
Truncamento	/
Comentários descritivos do transcritor	(( ))
Prolongamento de vogal e consoante (como r, s)	::
Pausa curta	,
Pausa longa	...
Interrogação	?
Citações literais ou leituras de textos	“ “

## APÊNDICE 4 – TRANSCRIÇÕES DAS AULAS FOCO DA PESQUISA

### Transcrição – Produção inicial

Professora: *hoje, nós iremos fazer o nosso debate, o nosso debate deliberativo como nós já estudamos, é:: esse debate terá por tema “preservação do patrimônio escolar” em que eu serei a mediadora, farei as perguntas a vocês tá, as perguntas como já foi mencionado nas regras do debate, as perguntas serão sorteadas, e antes de dar início ao nosso debate, eu vou fazer a leitura das regras do debate. O debate terá a duração de quarenta e cinco minutos, cada participante terá dois minutos para responder a cada pergunta, as perguntas direcionadas a cada participante será indicada por meio de sorteio, as palavras estão aí na caixa, será feito o sorteio para decidir, mas na verdade nós já fizemos esse sorteio, a ordem que cada dupla irá responder a pergunta, é::, nenhum participante pode interromper a vez do outro, certo, não será permitido durante o debate xingamentos, zombarias ou palavras de baixo calão, caso o participante quiser fazer alguma réplica, ele deverá levantar o braço, não falar, certo, mas levantar o braço, é::, assim que alguém fala, A3 falou, respondeu à pergunta, se alguma dupla quiser fazer uma réplica em cima da fala da A3, deve fazer (inscrição) comigo, aí eu vou autorizar ou não a sua vez no momento oportuno da vez pra você fazer sua réplica, certo, o tempo de réplica será de apenas um minuto certo, é:: se for solicitado tréplica também deverá fazer a inscrição com o mediador, eu vou anotar aqui e aí no momento oportuno também está lhe dando a voz, o direito de você fazer a tréplica caso se acha necessário, certo, como todos já sabem ao final cada dupla deverá apresentar uma sugestão prática, ações práticas que vão resolver ou pelo menos tentar resolver o problema relacionado a preservação do ambiente escolar, certo, então vamos para a primeira pergunta que é dirigida à dupla A2 e Joice, em que o A2 será o primeiro a responder, então vamos para a primeira pergunta que é:*

Professora: *Que tipo de degradação do patrimônio escolar costuma ocorrer na escola que você estuda? Você pode falar principalmente na escola que você estuda, mas você pode falar de algum tipo de degradação que ocorre em outras escolas também, entendeu a pergunta?*

A2: *Acena a cabeça que não*

Professora: *Que tipo de degradação, que tipo de destruição do patrimônio escolar costuma ocorrer nas escolas, o que geralmente as pessoas destroem, que tipo de degradação do patrimônio escolar costuma ocorrer nas escolas? Tempo de dois minutos tá A2?*

A2: *é, quebrar as cadeiras, a mesa, o quadro ...*

Professora: *só isso? Ok, então vamos para a segunda pergunta que é para a A3, certo, vamos lá, A3 qual a responsabilidade dos pais quanto ao mal comportamento*

*dos filhos em relação a atos de vandalismos e degradação da escola, qual a responsabilidade dos pais em relação a atos de vandalismos e em relação a mal comportamentos dos filhos na escola?*

*A3: a relação dos pais é conversar com os filhos, é dar uma bronca por eles terem feito isso, falar para nunca mais acontecer nada desse tipo*

*Professora: certo, muito bem, próxima pergunta é para o A5, A5 em sua opinião o que um aluno deve fazer ao presenciar um colega cometendo atos de degradação ao patrimônio escolar?*

*A5: denunciar à diretoria ou ao professor*

*Professora: só isso?*

*A5: só*

*Professora: próxima pergunta é para o A1 e a A8 ... que na verdade o A1 vai responder né, A1, você acha, como nós já sabemos pessoal, existem punições para as pessoas que cometem atos de vandalismos nas escolas, você acha que teria que ter condições mais severas para os estudantes infratores, se você achar que sim, quais seriam essas punições? Entendeu a pergunta?*

*A1: Acena a cabeça que não*

*Professora: você acha que deveria ter punições mais rígidas para os alunos infratores, para os alunos que cometem esses atos de vandalismos, se sim, quais seriam essas punições, o que você acha que deve ser feito?*

*A1: punições mais pesadas é ( ) é?*

*Professora: sim, o que você acha que deveria ser feito com os alunos que cometem atos de vandalismos?*

*A1: é:: pagar o que você quebrou, pinchou, é( ) alguma coisa assim, quebrar, ô, pagar*

*Professora: pagar né, certo, agora a última pergunta dessa rodada de perguntas vai para a dupla ali o A4 e A10 que vai né ... é:: na verdade é uma pergunta parecida com a que foi feita anteriormente para A1, que é a seguinte, é parecida mas é por outro viés, existem meios que responsabilizam os alunos infratores e os obrigam a reparar os danos causados, então existe uma lei que nós temos, nós vimos né, estudamos aqui que existem leis que obrigam os alunos infratores por destruírem o patrimônio público a ressarcir, a devolver, a pagar né, pra pagar aquilo ali, é:: você acha que esse tipo de punição é o suficiente, o que você acha desse tipo de punição que o aluno tenha de devolver ou tenha que consertar um fio quebrado, tem que limpar onde foi sujado?*

*A4.: não, eu acho que não é suficiente não, porque o que ele fez foi errado assim, mas só pagar não vai, o que eu acho pra mim que ele quebrando, aí ele não eu pago, aí ele não vai ter assim, tipo, assim ... consciência, ele vai continuar fazendo o que ele fez, aí ele deve tipo assim, se ele quebrou ele deve pagar e ser expulso*

*Professora: então você acha que a punição seria ser expulso da escola é isso? Ok , muito bem, então vamos lá dando continuidade ao nosso debate, vamos para uma outra rodada de perguntas, e vamos de novo com a dupla A2 e A6, e dessa vez é A6 que irá responder a pergunta, Joice na sua opinião o que leva alguns alunos a cometerem atos de vandalismos nas escolas? O que você acha que passa pela cabeça desses alunos que levam eles a cometerem esses atos de vandalismos, o que será que eles pensam?*

*A6: talvez ele pense que é do prefeito, mas ele não sabe que é nosso, a gente que tem que cuidar, não é o prefeito*

*Professora: muito bem, então você acha que o que leva os alunos cometerem esses atos de vandalismo é achar que não é deles, certo, muito bem. Continuando o nosso debate iremos para a dupla A3 e A7 e que agora é a vez do A7 responder, certo, A7 quais as consequências que a não preservação do ambiente escolar seja mobiliários, em relação aos móveis né, cadeiras, mesas né, material de lá da cozinha né, a vasilhinha da merenda a colher, seja na estrutura do prédio ou nos arredores da escola, quais as consequências que a não preservação pode causar para os usuários do ambiente escolar, para os usuários da escola, o que essa não preservação pode gerar de ruim, de consequência para quem usa o ambiente da escola? ... olha só, se as pessoas não preservarem o ambiente escolar, tanto os móveis quanto o prédio, o que isso pode trazer de consequência para os demais que usam a escola?*

*A7: vai ser ruim pra eles né, porque eles não estão preservando, não estão cuidando daquilo que é deles, eles pensam que não é deles mas é deles, aí eles tem que cuidar para que lá na frente eles possam cuidar mais*

*Professora: certo, qual seria uma consequência de não preservar?*

*A7: de não preservar?*

*Professora: sim, o que pode acontecer se não preservar?*

*A7: pode acabar se destruindo, destruindo as cadeiras, as paredes, aí vai ser ruim pra eles, porque é deles e eles estão destruindo uma coisa que é deles aí fica ruim pra eles*

*Professora: muito bem, agora vamos para a duplas A5 e A9 que será a A9 que irá responder a pergunta, ... eu vou deixar essa pergunta por último porque eu vou lançar essa pergunta para todas as duplas, certo, então vamos lá, A9, qual a*

*importância de se preservar o patrimônio escolar? Porque é importante, você acha que é importante preservar, porque?*

*A9: porque, tipo, mais na frente ele vai estar do mesmo jeito que nós viemos agora, aí tipo se nós não preservar mais na frente nós não vamos ter o que nós tamo tendo agora*

*Professora: muito bem, agora essa última pergunta seria na verdade essas duplas ali, é a A8 e A1, é a A8 que irá responder, mas ela será estendida as demais duplas, certo, então eu vou dirigir a pergunta a A8, porém os demais também irão responder, certo, A8, como todos sabem a nossa escola foi reformada recentemente, quais ações práticas, aí nesse caso a dupla, eu vou fazer essa pergunta e vou dar um tempinho pra vocês responderem, anotar no papel certo. Quais ações práticas vocês sugerem para que ela se mantenha preservada e continue sendo um ambiente agradável e confortável para todos que a utilizam, eu quero que cada dupla escreva aí pelo menos duas ações práticas que envolva toda a escola, porque não adianta só a turma de vocês estudarem sobre a importância da preservação do patrimônio escolar se a escola não é só vocês, não é só a turma de vocês, então quais ações práticas que vocês acham que a turma de vocês deve fazer que envolvam os demais alunos para que eles também tenham essa consciência de que a escola deve se manter no estado de conservação que ela se encontra tá, então eu vou dar um tempinho aí de ... cinco minutos pra dupla conversar entre si e ver quais ações práticas que vocês irão fazer é:: ... pra, que vai se estender né, essas ações devem envolver os demais alunos da escola tá, antes de passar pra essa pergunta ( ) alguém quer usar o direito de réplica, quer falar alguma coisa em cima da frase de que alguém falou? Tá ... mas mesmo assim eu vou dar um tempinho porque tem alunos, por exemplo A4 e A10, vocês entenderam? Vocês irão procurar, ... tenta discutir entre vocês que a partir de vocês, uma iniciativa de vocês que pode ser feita para com todos os alunos da escola.*

*Professora: vamos lá, então tá, é:: ficou para cada dupla elaborar ou sugerir algumas ações práticas que envolvam toda a escola, que seja nesse sentido de manter a escola preservada certo, então eu vou começar com a dupla A1 e A8, o que vocês sugerem?*

*A8: é:: fazendo reunião, mostrando como é ruim ficar e estudar numa escola suja, e quando veem uma pessoa alguma coisa que prejudica a escola, mandar não fazer.*

*Professora: isso aí a sugestão de vocês?*

*A1: é, fazer reuniões, mostrando como é ruim ficar em escola suja e quando ver uma pessoa fazendo uma coisa que prejudica a escola, mandar não fazer*

*Professora: conscientizar a pessoa quando ver a pessoa fazendo, certo, é:: a próxima dupla a falar foi A2 e A6, o que vocês sugerem?*

A2: *escrever cartazes na escola, avisando que não é pra quebrar as cadeiras e nem mesa da escola, é também botar cartazes falando que não é pra riscar as mesas da escola, não fazer desenhos imorais no muro da escola e etc.*

Professora: *então vocês fazer cartazes, certo, ok, vocês, qual a sugestão de vocês, A3 e ( )*

A3.: *conversar com as pessoas, conscientizar as pessoas a não riscarem as escolas, não:: ... fazer desenhos imorais na parede, não quebrar as cadeiras e nem as mesas, manter a escola limpa e assim conversar com as pessoas pra elas não fazerem mais isso e manter nosso patrimônio com está*

Professora: *ok, então a sugestão de vocês é conversar com os alunos*

A3.: *anhâm*

Professora: *certo?*

A3.: *certo*

Professora: *ok, a:: ... A9 e A5, o que vocês sugerem?*

...

A5.: *sair nas salas explicando o assunto*

Professora: *sair de sala em sala explicando o assunto, conscientizando ... conscientizar através de conversas com as outras salas, é isso?*

A5: *é*

Professora: *e fazer o que mais?*

A5: *cartazes*

Professora: *fazer cartazes pra expor, quando for fazer essa conscientização levar os cartazes ou depois fixar na escola né?*

A5: *é*

Professora: *ok,, A1 e A8, o que vocês sugerem?*

A1: *já falamos*

Professora: *ah tá, verdade, conscientizar, fazer cartazes e conversar com os alunos, ok, A4 e A10*

A4: *é:: juntar a turma, todo mundo e ( ) sobre não destruir o patrimônio*

Professora: *ok*

A4: e também juntar os alunos e sair de casa em casa, que vem a próxima geral estudar aqui, que a próxima geração já vem sabendo que não pode destruir a escola

Professora: *ir de casa em casa conscientizar né*

A4: *isso*

Professora: *ok, então aqui nós tivemos as sugestões, fazer palestras, que foi a sugestão de A1 e da A8, elas falaram em conscientizar quando ver alguém destruindo, cometendo atos de vandalismos ir lá e falar para a pessoa não fazer ... é:: fazer cartazes que foi sugerido por A6, conversar com os alunos, que na verdade é fazer reuniões e palestras né, a gente vai fazer o seguinte, todo mundo que falou, fazer reuniões ou conversar a gente vai incluir como uma coisa só, fazer palestras ou fazer, vocês mesmos conscientizarem os alunos das outras turmas quanto a isso, certo, então seria uma sugestão que uma boa parte apresentou né, ( ) falou isso, de conscientizar através de conversas ... a ... fazer cartazes também foi sugerido por A9 e por A5, conscientizar através de conversas também, fazer teatro que foi sugerido pela dupla ali o ( ) e A10, e sair de casa em casa conscientizando, então aqui nós temos o seguinte, nós temos várias sugestões, é:: uma vai fazer cartazes, vocês prestem atenção porque agora vocês irão ... porque agora vocês irão votar, certo, então fazer cartazes ... seria uma sugestão é:: fazer palestras, essa palestra será feita por vocês mesmos tá, vocês mesmos sairão nas salas conscientizando os colegas de vocês, fazer palestras envolvendo as outras turmas e fazer teatro, certo gente, teve mais alguma outra?*

A5: *não*

Professora: *certo, então são três, vocês acham que dá pra fazer as três?*

A5: *não*

A1: *dá*

Professora: *vamos escolher duas*

A5: *fazer os cartazes*

Professora: *fazer os cartazes, fazer a palestra e fazer o teatro, o que vocês acham?*

A4: *a palestra e o teatro*

A6: *e o teatro você pode fazer os cartazes*

Professora: *entendi*

A1: *assim, a palestra a gente faz agora, se der, agora*

A5.: *hoje?*

A1: *não sei, aí quando for fazer o teatro, faz um cartaz ( )*



A5: faz o teatro junto com o cartaz

A1: no teatro já adiciona o cartaz lá

Professora: então vamos lá, A1 sugeriu fazer os três, então vamos para a votação certo, A3 e A7 nós tínhamos falado que escolheria duas né, mas aqui ficaram três, fazer cartazes, fazer palestras envolvendo todos os alunos e fazer teatro, na opinião de vocês, vocês acham que faz as três como A1 sugeriu ou só duas

A7: eu acho que as três

A3: também as três ótimas

Professora: acha que dá pra fazer as três né

A3: dá

Professora: vocês acham o quê?

A9: eu acho que é uma boa ideia fazer as três, o teatro com o cartaz

A6: as três também

Professora: vocês dois?

A7: as três

Professora: acha que dá pra fazer as três? Concorda A8, com A1? Vocês dois aqui, o que vocês acham?

A4.: as três

Professora: ok, então tá pessoal, então é:: ... então fica decidido ao final, como falei pra vocês, o debate deliberativo ao final é:: algumas ... é:: algumas medidas né que precisam ser tomadas que contribuam para esse problema que a gente está tentando resolver, na verdade não é problema que existe, é um problema que já existiu, a degradação do ambiente escolar, e pelo fato da escola se encontrar em bom estado de conservação nós queremos preservar e manter assim por mais tempo, então fica decidido que vocês irão fazer cartazes né, de conscientização quanto a preservação do ambiente escolar, vocês irão fazer palestrar também, envolvendo que conscientize todos os alunos.

### **Transcrição – Produção final**

Professora: (tá) então olha só, boa tarde a todos e a todas, então mais uma vez nós estamos aqui como a gente já tinha combinado para debatermos sobre um tema que é muito comum, que é muito comum, tem muitas divergências né a esse respeito, que é o uso do celular na sala de aula, é:: tem algumas pessoas que acham que

*como vocês assistiram alguns vídeos, assistiram alguns vídeos? Algumas pessoas acham que tem benefícios, que é bom, usar o celular em sala de aula, outros já acham que não é bom usar o celular na sala de aula, inclusive a regra, a regra do regimento aqui da escola não permite o uso do celular, então a gente vai conversar um pouquinho agora né, vai ter o nosso debate a:: ... a esse respeito tá ... então, vamos lá, antes de iniciar eu vou ler as regras pra vocês tá, as regras são o seguinte, o debate terá duração de quarenta e cinco minutos, por ser uma situação formal né, por ser um debate que a gente vai ter as regras direitinho né, é:: cada participante terá dois minutos para responder cada pergunta, eu marcar aqui, certo, quando fizer a pergunta pra você, você tem até dois minutos pra falar, então você pode falar o que você acha, o que você pensa àquele respeito certo? As perguntas direcionadas a cada participante será indicado por sorteio ( ) aí eu vou fazendo o sorteio, sorteio o participante e sorteio a pergunta, certo? Fulano de tal que vai responder aí vou lá e sorteio a pergunta, certo? É:: os participantes serão divididos em duplas, aliás, hoje não vai ser assim, não vai ser dividido em duplas, vai ser individual, desculpem, é:: nenhum participante pode interromper a vez do outro, não serão permitidos xingamentos, zombarias ou palavras de baixo calão, cada participante que queria fazer a replica deve levantar o sinal com o braço, quando você levantar o sinal com o braço eu vou marcar aqui que você quer falar e vou dar a vez para você falar, certo ... então eu vou marcar, vou anotando aqui quem vai querer falar e eu vou dar a vez de você falar no momento oportuno, essa replica tem a duração de um minuto, se for necessário a tréplica, se alguém falou, você sabe, replica fala em cima da fala do outro, a tréplica fala em cima da réplica né, é:: então no final das discussões a gente vai apresentar algumas soluções, dependendo do que a gente conversar aqui agora, ( ) a respeito ou não do uso ou não do celular na sala de aula, a gente pode tentar conversar ou dialogar, com as autoridades aqui da escola, com os professores a respeito desse assunto, conversar também com os demais alunos, certo, pra gente discutir mais, essa discussão vai começar aqui, mas assim, ela pode se estender para outras pessoas da escola, mesmo porque não são só vocês e nem só eu que fazem parte da escola, certo, então a gente vai começar, eu vou fazer o sorteio aqui de quem vai ser o primeiro a responder ... é A6, e eu vou ler a pergunta ...*

*Professora: Então vamos lá, a primeira sorteada é A6 e a primeira pergunta vai tá A6, você tem até dois minutos para responder, certo? Você acha que proibir o uso do celular na sala, na escola, ou na sala de aula, tem mais vantagens ou desvantagens?*

*A6: sim e não*

*Professora: você acha que é mais vantagens ou desvantagens?*

*A6: mais e menos, porque tira o foco dos alunos a prestar atenção, e também ( ) ...*

*Professora: isso aí é desvantagem né?*

A6: é

Professora: *sim, o quê mais acha desvantagem?*

A6: *(prestar atenção nas aula) / dos professores*

Professora: *então você acha que tem mais desvantagens do que vantagens?*

A6: *sim*

Professora: *certo, ok, então vamos para a segunda pergunta para A9, vamos ver a pergunta para você. Vou pular porque essa aqui vai ser pra última, que todo mundo vai responder essa daqui tá. Vamos lá. Você acha que deveria ser liberado o uso de celular na sala de aula? Se sim ou não, eu quero que você/ vai explicar porque.*

A9: *(difícil) porque apesar (de a gente) pesquisar alguma coisa, ao mesmo tempo ( )*

Professora: *não, então você acha que deveria ser liberado ou não?*

A9: *eu acho que não*

Professora: *você acha que não por quê?*

A9: *( ) atenção na aula ( )*

Professora: *e atrapalharia né? Ok*

*A próxima é para A4, A4 vai responder a próxima pergunta, qual a sua opinião sobre o uso do celular na sala de aula? De modo geral, o que você acha a respeito do uso do celular na sala de aula? Você acha que é bom, que é ruim? O que você acha a respeito disso?*

A4: *eu acho que é ruim né, porque ( ) com celular escondido, imagina ... assim de repente essa (regra) sumir, aí bagunça, aí o professor (dá) a devida aula e nem os alunos dá atenção*

Professora: *então você acha que o uso do celular na sala de aula não é bom?*

A4: *de um modo é bom, igual a gente tá fazendo aqui, não tem, o celular também tem as partes boas, tipo, uma paródia que nós fizemos aqui, aí o professor liberou o celular pra poder pesquisar o ( ) da paródia, tem um lado que o celular é bom, tem outros que não.*

Professora: *tá, mas mesmo com esse benefício da paródia e tudo que é usado, autorizado pelo professor, com a supervisão do professor, então você acha que não deveria ser liberado porque senão os alunos não prestariam atenção, ou só usar quando o professor permitir, nesse sentido como vocês usaram? Certo A7 ... A7 vai responder, você acha que permitir o uso do celular na sala de aula pode prejudicar o aprendizado? Aí você explica, falar e explicar tá, a resposta.*

A7: *prejudica por causa de que o aluno não presta a atenção na sala de aula ( ) só (afogado) no célula, ou então passa uma tarefa e não presta atenção, é isso*

Professora: *isso né, muito bem .... é:: A3 ... vamos lá A3, A3, o que você acha dos professores ou do diretor, alguém da escola, quando eles recolhem o celular do aluno que não respeitam as regras e leva pra (ir pra sala de aula) ?*

A3: *eu acho:: uma boa vantagem, porque já tem a regra, não levar pra escola, aí a pessoa traz o celular escondido sem saberem, e também::*

Professora: *aí você acha que, está certo, está correta a atitude?*

A3: *está correto*

A3: *e você acha que essa atitude ela vai influenciar/ o que ela pode ajudar/ o professor vai recolher?*

A3: *é:: assim, recolher pra não ficar mexendo escondido dentro da sala, igual as pessoas fazem.*

Professora: *ok. ... A1 ... houve um caso recente aqui na escola que alunos levaram celular sem permissão para sala de aula, tiraram uma selfie com o uniforme da escola e postaram nas redes sociais com uma legenda que se referia a uma colega com um nome vulgar, o que você acha da atitude dessa aluna que postou?*

A1: *péssimo, porque ela fez quase tudo errado, ( ) celular sem permissão, aí assim, ela usou o nome da amiga dela, colega pra insultar nas redes social, (então) lá tá aberto, toda pessoa pode ver.*

Professora: *tem todas as atitudes erradas né. Tá, então vamos pensar que se fosse pra dar hoje a opção pra vocês, vocês escolherem se é pra mudar o regimento da escola, pra permitir o uso do celular ou continuar proibindo, em qual opção você votaria?*

A1: *proibir*

A4: *mudar*

Professora: *quem acha que continuaria proibindo levanta a mão ... você votaria para continuar proibindo, porque?*

A6: *porque já é proibido usar na escola e tem gente que faz ( )*

Professora: *certo, que mais que falou que acha que deve proibir?*

A9: *Professora, assim, eu acho que podia ser tipo assim, nem proibido e nem ser permitido, tipo assim, amanhã tem uma pesquisa, a senhora fala “amanhã traga o celular” é necessário, mas aí só no dia que for fazer uma pesquisa, algum conteúdo ( ) entendeu, tipo assim só no dia que o professor pedir ( ) aí no outro dia já não traz*

Professora: *tá, mas aí seria o celular do aluno, certo. Quem mais que é contra? Quem quer fazer/ falar alguma coisa em cima da fala da A9? A9.*

A9: *bem que podia acontecer isso, aceitar o uso do celular só no dia que precisar ( ) a ( ) pesquisa, aí ( ) não traga celular, só no dia que for pra trazer, que for precisar usar o celular ( )*

Professora: *ok, quem mais acha que deve/ agora pergunto, se esse aluno vai vir pra escola com o celular dele pra fazer a pesquisa ele vai ter que ter acesso a quê?*

Alunos: *a internet*

Professora: *a internet, então vai ser colocado a senha da escola no celular dele e aí?*

A1: *controlar o uso*

Professora: *controlar o uso em que sentido, porque depois que coloca a senha, aí o celular da pessoa fica conectado não é?*

A1: *quando a pessoa for ela pode colocar a senha, colocou, aí fez a pesquisa, se a ( )*

Professora: *libera como?*

A1: *( )*

Professora: *mas aí já teria que envolver o pessoal lá dá::*

A1: *qualquer pessoa ( )*

Professora: *ok*

A1: *( )*

Professora: *esse aluno pode ficar aos redores da escola utilizando, não é? o que vocês acham?*

A1: *( ) uma pessoa que estiver na escola ( ) todo dia ( ) entendeu né? aí quando tiver ( )*

Professora: *vocês lembram daquele depoimento de uma moça lá que ela era pesquisadora de informática que ela falou que ela não deixa eles usarem nem um pouco, porque assim, é mais fácil proibir do que deixar usar só um pouco, não é? então vocês acham que vai ser possível, será que os professores da escola conseguem fazer esse controle? Se liberado eu dou a senha, aí vocês acham por exemplo, aluno tá fazendo uma pesquisa, chega uma mensagem, e aí será que você acha que esse aluno, não vai atrapalhar, se colocar me baixo aqui, o professor vai ver? Fala ( )*

A9: *eu acho que vai atrapalhar, porque ele pode estar pesquisando uma coisa que vai ser importante para o professor, aí chega uma mensagem, ( ) aí ele vai responder, e também pode colocar dentro da bolsa, colocar a bolsa na frente.*

Professora: *certo*

A6: *depende né professora, se o aluno tiver responsabilidade*

Professora: *mas vocês acham que os alunos tem essa (responsabilidade)?*

Alunos: *não*

Professora: *agora eu pergunto, quem acha que deve permitir? ... A5, acha?*

A5: *eu não*

Professora: *Fala, você acha que deveria ser permitido? Você acha que deveria ser alterado o regimento, falar, não, agora pode usar o celular na sala de aula?*

A9: *só acho que para as coisas mais importantes*

Professora: *só para as coisas mais importantes, mas o que estou explicando é isso, se o professor colocar você para fazer determinada coisa e chegar uma mensagem, você vai deixar de responder aquela mensagem porque você está na aula ou não?*

A9.: *não*

A5: *acho que deveria ficar supervisionando*

Professora: *você acha então que o professor tem que ficar então toda hora indo lá olhar ?*

A5: *toda hora não, assim, de vez em quando*

Professora: *ok, A5 acha que deve permitir A5? ... Porque? ... você acha que deveria ser permitido, que não deveria ser proibido? ... você acha que não deveria ser proibido usar celular?*

A5: *sim*

Professora: *porque?*

A5: *porque talvez ajude em fazer uma pesquisa ( ) ele não tem controle ( ) aí na sala ( )*

Professora: *tá, então você acha que se permitir, ajuda nesse sentido, certo, quem mais?*

Professora: *ok, então vamos para a próxima pergunta que a gente conversa mais ... é:: A5 ... é::, que ações práticas relacionado aqui a aluna que foi lá, tirou a selfie com o uniforme da escola, postou nas redes sociais, sendo que aqui na escola não é*

*permitido o uso, certo? Que ações práticas devem ser tomadas pela escola, por toda a escola para que alunos não tenham esse tipo de atitude, o que você acha que deve ser feito para que os alunos, porque mesmo sendo proibido o aluno entrou com celular e tirou a selfie e postou nas redes sociais, então se ela postou ... é:: ela está dizendo que ela entrou na sala de aula que não é permitido, quebrou uma regra, então o que você acha, que tipos de práticas devem ser tomadas por toda a escola para que essas coisas não aconteçam, para que o aluno não consiga entrar na escola com celular, tire selfie dentro da sala, use o celular na sala de aula, já que não é permitido ... o que você acha que deve ser feito?*

...

*A5: olhar a bolsa*

*Professora: você acha que as bolsa deveriam ser /*

*A5: olhada*

*Professora: olhadas*

*A5: ()*

*Professora: o que mais? Agora essa pergunta todos podem responder, aí a sua vez de responder, só a gente não vai ter a ordem porque é a última pergunta, ela foi direcionada à A5 primeiro, mas todos vão poder falar. O que você acha que deve ser feito, primeiro, primeiro vamos pensar, essa aluna infringiu uma regra, não foi? Então o que você acha que deve ser feito para evitar que isso aconteça na escola?*

*A5.: revistar a bolsa*

*Professora: revistar a bolsa, o quê mais?*

*A5: revistar a bolsa e ele também ( )*

...

*Professora: mesmo revistando a bolsa ( )*

*A5.: é, assim óh*

*Professora: então revistar a bolsa não resolve?*

*A5: resolve*

*Professora: certo, o que mais vocês acham que pode ser feito para que isso não aconteça? ... quem quer falar? A7, você acha o quê? ... você A5, já falou, A1.*

*Inaudível*

...

Professora: e você A4, o que você acha que pode ser feito para que a aluno não entre na escola sem ser permitido?

A4: eu acho que nada, porque já é feito ( ) se o professor pegar um aluno aqui na sala vai levar o celular ( ) aí só vai entrar com a mãe, mas mesmo assim, tem aluno que ainda vem ( )

Professora: quem mais? A3, quer falar A3? ... então assim, ao final da nossa aqui, vamos pensar aqui, é:: vocês acham que o celular deveria ser permitido ou não? ... quem acha que deveria ser permitido? Assim, que deveria mudar a regra, você acha que, ah vocês falaram, “ah mas pode usar, saber usar, usar para fins educativos e tal”, mas assim, você acha que se mudar a regra ... então (como ficaria essa regra) ? porque a regra diz que não pode usar, no regimento da escola.

Professora: sim, mas assim, vocês acham que deveria mudar essa regra ou deveria permanecer como está? Quem acha que deveria ( ) de não trazer celular? O aluno não ser permitido, levanta a mão. ... quem acha que deveria ser permitido? ... A3, acha o quê, A3 ?

A3: ( )

Professora: tá em dúvida? A5 acha que deveria ser permitido?

A5: ( )

Professora: porque não? Você mudou de ideia A5, o A5 no início da conversa achava que deveria ser permitido, agora ele já falou que não, porque você mudou de ideia?

A5: ( )

Professora: você acha que deve ser permitido?

A5: acho

Professora: então você continua achando que deve ser permitido, que não atrapalha, que não atrapalha em nada

A5: (atrapalha um pouco)

Professora: mas se atrapalha, porque você acha que deve ser permitido?

A5: a senhora, usa celular aí né?

Professora: sim

A5: ele lhe atrapalha em alguma coisa?

Professora: não, agora você acha que um adulto e um adolescente/ você sabia que até os adultos, eles não têm controle às vezes?



A1: *tem não, mas o adolescente ( ) /*

Professora: *por exemplo, o professor, ele usa o celular em sala de aula para fins educativos, usam, mas tem professor que não usam para fins educativos, não é? então assim, o adulto ele é mais fácil de controlar porque ele é só um, então ele que tem que ter a consciência dele, certo? ... A1 fala.*

A1: *eu acredito tipo:: os alunos já estavam acostumados ( ) se quando chega uma mensagem ( )*

Professora: *ok, falar mais alguém? Então vamos só com uma votação novamente aqui, quem acha que deveria continuar proibido levanta a mão ... quem acha que deveria continuar proibido em trazer o celular? ... um, dois, três, quatro, cinco ... você acha A6? Seis, você acha que atrapalha, e o A5 acha que deveria ser permitido, certo A5? Certo A5?*

A5: *certo*

Professora: *você acha que deveria ser permitido, que não atrapalha, você acha que a pessoa consegue usar sem atrapalhar, é isso? Ok, é:: alguém quer falar alguma coisa para o A5?*

*((risos))*

*Alunos: inaudível*

Professora: *é A5?*

A9.: *( ) tipo assim, traz o celular pra escola pra não só pesquisar*

Professora: *vocês acham que A5, está falando que deveria ser permitido porque ele queria usar para outros fins?*

A9: *sim*

*várias pessoas falando*

*inaudível*

Professora: *então você acha que se você trouxesse o celular pra sala de aula, você usaria só para fins educativos, só, só pra fazer pesquisa?*

A5: *sim*

Professora: *quem acha que tem controle sobre o uso de celular? Em casa*

A7: *eu*

Professora: *vocês têm controle?*

A2: *eu mais ou menos*

Professora: *ok, então gente, pelo que a gente conversou aqui é:: a maioria acha que deve continuar sendo proibindo, certo? Mas tem aluno que não respeita, então o quê que a gente pode fazer agora para envolver os demais alunos da escola para que isso não aconteça, para que todo mundo respeite a regra, o quê que vocês acham, vocês se conscientizaram que o celular na escola, ele atrapalha mais do que ele ajuda, vocês têm consciência disso? Que embora seja bom, é legal a gente ter, poder usar o celular na sala de aula, ajuda em muitas coisas, sim, mas é:: por outro lado ele atrapalha mais do que ajuda, porque a maioria não tem controle, certo? Então o quê que a gente vai fazer agora ... de prático, com os demais alunos da escola, o que vocês acham que a gente pode fazer para envolver os demais alunos para conscientiza-los de que se não é permitido por atrapalhar, eles não devem trazer. O que a gente pode fazer agora para repassar essa ideia, repassar essa consciência para as outras pessoas? ... sim?*

A5: *é:: eu acho que fazer alguma coisa mostrando os danos que isso causa*

Professora: *mas que tipo de coisa seria?*

A5: *tipo uma peça, tipo assim, uma peça escola, botar alguém pra ser o professor e o aluno estar lá mexendo no celular, aí chegou o final do ano, a prova, aí ele não sabe de nada e reprova, isso é ()*

Professora: *ok, o quê mais, ótimo*

A9: *( ) na hora de estudar, assim ( ) mostrar que no futuro vai ser pior pra quem ( está usando na hora ) tem como esperar, aí sim esperar terminar a aula, chegar em casa e usar o celular, aí pode mostrar que no futuro vocês vão ficar desse jeito*

Professora: *ele falou através de uma peça, qual seria uma outra forma de passar essa consciência para os alunos, através de quê?*

A5: *também a gente poderia passar não só para os alunos, passar para os pais dos alunos também*

Professora: *passar para os alunos né, ou para os pais também, mas assim, seria passado para os pais em que sentido? O que você sugere?*

A5: *tipo nós mostrasse essa peça só para os alunos, também convidar/*

Professora: *ah:: convidar os pais, entendi, ok, de que outra forma a gente pode conscientizar as pessoas também a:: ... a respeito de não usar o celular na sala de aula, através de qual outra atitude prática nós podemos fazer?*

A5: *conversar*

Professora: *conversar através de quê? Uma palestra?*

A5: *uma palestra*

Professora: *poderia ser uma palestra, palestra com os outros Alunos?*

A5: *é*

Professora: *e quem daria essa palestra?*

A5: *nós, os alunos mesmos*

Professora:  *você acha que é mais fácil os alunos ouvirem vocês ou ouvirem o professor?*

A5: *nós*

Professora: *não é, não seria uma outra atitude também?*

*Inaudível*

Professora: *não, e eles já tem uma ideia de que o professor é chato e quer sempre falar o que não pode, mas se forem os alunos que forem falar, você não acha que é mais fácil os outros alunos entenderem que não é legal, que o uso do celular na sala de aula atrapalha, o que vocês acham?*

A5: *nós alunos mesmo, falando.*

Professora: *os alunos né? porque nós vamos fazer isso tá? / obrigado ... porque nós vamos fazer isso, certo, nós vamos é:: essas atitudes que vocês estão falando aqui nós vamos fazer, certo? Provavelmente semana que vem, talvez, talvez deva envolver os pais todos, não sei como vai ser pelo fato das aulas estarem terminando, mas pelo menos alguma coisa envolvendo os alunos, ou que não seja todas as atitudes aqui, mas pelo menos alguma, o que vocês sugerem mais?*

...

A5: *fazer cartaz, tipo assim, tipo desenhar o celular e botar assim no (coisa), e botar nas paredes da escola, não ao celular dentro da sala*

Professora:  *aí esse cartaz seria para conscientizar né, os alunos, o quê mais? ... sugerem mais o que? ... olha, vocês acham por estarem já terminando as aulas / pode falar*

A9: *sobre a peça que o Caio falou, pode fazer quando for entregar as provas*

Professora: *no dia da entrega das provas, fazer com os pais?*

A9: *é, porque já vem para pegar as provas aí na hora que terminar o lanche, começar a entregar as provas ( )*

Professora: *ok, certo, então o que nós temos, peça teatral, palestra e fazer cartazes, aí eu pergunto para vocês, vocês acham que dá pra fazer as três coisas?*

A6: *não, só a palestra e a peça*

Professora: *o que vocês acham que é mais fácil, não é mais fácil, que a gente consegue fazer até o final do ano porque a gente já está terminando*

Professora: *a peça para a gente fazer a gente tem que fazer o que? ... ensaiar, não é?*

*Falas sobrepostas*

Professora:  *você não tem que planejar sua fala, que você vai falar no dia?*

A1: *não, é pra gente falar tipo como nós estamos falando aqui?*

Professora: *não é verdade, a palestra é você na frente falar explicando*

A5: *não precisa ensaiar professora*

Professora:  *você não precisa organizar sua fala ( ) na hora você esquece?*

A9: *eu acho que precisa*

A4: *eu acho que precisa*

Professora: *a palestra é uma outra forma ( ) a palestra é um outro gênero oral que a pessoa precisa também ter uma linguagem adequada para se expressar para as outras pessoas, certo gente? Então, a peça teatral também é uma forma de se expressar realmente, como vocês viram que óh, em quantas situações no dia a dia a gente utiliza a oral pra se expressar pra é:: , expressar nossas opiniões pra externar aquilo que está em nós né? então você tem a missão de conscientizar os colegas de vocês a respeito de não usar o celular na sala de aula já que não é permitido, mesmo que tem lá vantagens, mas liberar já, pelo que vocês disseram, já seria uma coisa que ninguém teria esse controle né, que nem todos os alunos iriam seguir, como vocês falaram ( ) mesmo com a regra ainda usa o celular, então essa palestra, dessas três aqui a gente pode escolher duas pra fazer, que a gente consiga fazer até terminar as aulas, o que vocês acham que é mais viável? Quem acha que/ escolham duas, com que, vocês acham que deve fazer o que? Escolha duas*

A8: *o teatro e o cartaz*

Professora:  *você acha que dá tempo de fazer o teatro?*

A8: *eu acho que dá*

Professora:  *porque semana que vem já é avaliação né, aí sexta não tem aula que é ( ) projeto de matemática... você acha o que?*

A8: ( )

Professora: A3, acha o que?

A3: o cartaz e a peça

Professora: ( ) você acha o que? ( ) uma peça?

( )

Professora: A6?

A6: a palestra e a peça

Professora: você ... A4?

A4: teatro ( e cartaz )

Professora: teatro e cartaz

A1: a palestra e o cartaz

Professora: A9?

A9: ( a palestra e a peça )

Professora: *ok, pela votação de vocês aqui fica decidido que nós vamos fazer uma palestra, claro que tem mais alunos, nós vamos colocar, vamos chamar todos os alunos, colocar em uma sala, essa palestra ela vai ser ministrada por vocês mesmo, a palestra também é um gênero oral, né, vocês se expressam oralmente e você precisa planejar a sua fala, a linguagem da palestra, ela não é uma linguagem/ ela não é uma conversa a palestra, é uma situação de comunicação que você vai ter como objetivo de conscientizar os seus colegas sobre o não uso do celular, mas você vai usar a linguagem formal, uma linguagem/ é uma situação formal, você não vai usar qualquer tipo de linguagem, seu objetivo é conscientizar eles, convencê-los de não usar o celular na sala de aula, então pra isso você tem que ter bons argumentos, certo, dizer as palavras certas, da forma certa para que você atinja seu objetivo, ok. Na palestra você pode utilizar os mesmos recursos é:: a gente aprendeu que ajuda na hora de se expressar oralmente né, o que foi que a gente aprendeu? O que ajuda a gente se expressar melhor, os recursos que a gente utiliza, na fala a gente tem a linguagem adequada, né, o que mais, que tem a ver com a pessoa que está falando? O que mais a gente pode usar como recurso a nosso favor?*

...

A1: gestos

Professora: os gestos, está olhando para com quem você está falando

A1: *o tom de voz*

Professora: *o tom de voz, o que mais?*

A9: *a postura*

Professora: *a postura na frente, o que mais a gente pode utilizar como recurso a nosso favor? Olha, o tom de voz, a postura ... a entonação, o jeito de falar, o volume, o gesto, a expressão facial, então isso tudo influencia, e faz com que a pessoa preste atenção no que você está falando, e se ela prestar atenção no que você está falando você tem mais chance de conseguir conscientizar, certo, então fica combinado que a gente vai fazer essa palestra e a gente vai confeccionar esses cartazes certo, ok?*

A5: *ok*